



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**IVONETE SUELI SEGALA PEREIRA**

**LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS:**  
**POR UMA INFÂNCIA PLURAL**

**Palhoça**  
**2014**

**IVONETE SUELI SEGALA PEREIRA**

**LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS:  
POR UMA INFÂNCIA PLURAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dilma Beatriz Rocha Juliano

Palhoça

2014

S45 Segala, Ivonete, 1971  
Literatura infantil na perspectiva dos estudos culturais : por uma infância plural / Ivonete Sueli Segala Pereira. – 2014.  
122 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciência da Linguagem.  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dilma Beatriz Rocha Juliano

1. Análise do discurso literário. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Cultura – Estudo e ensino. 4. Identidade. 5. Gêneros literários. I. Juliano, Dilma Beatriz Rocha, 1960-. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

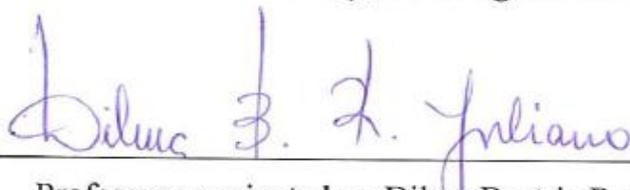
CDD (21. ed.) 401.41

**IVONETE SUELI SEGALA PEREIRA**

**LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS:  
POR UMA INFÂNCIA PLURAL**

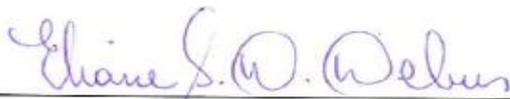
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 11 de agosto de 2014.



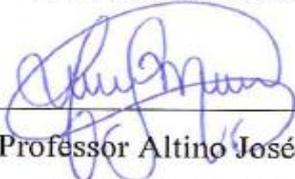
---

Professora e orientadora Dilma Beatriz Rocha Juliano, Doutora  
Universidade do Sul de Santa Catarina



---

Professora Eliane Santana Dias Debus, Doutora  
Universidade Federal de Santa Catarina



---

Professor Altino José Martins Filho, Doutor  
Prefeitura Municipal de Florianópolis

Dedico esta dissertação para uma pessoa de coração bondoso, amigo, grande colaborador, incentivador de todos os momentos, meu marido e grande amor: Cláudio Roberto Pereira.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, por TODAS as coisas em minha vida.

“Você estará confiante, graças à esperança que haverá; olhará ao redor e repousará em segurança” (Jó 11:18).

Agradeço à minha brilhante orientadora Professora Dilma Beatriz Juliano, que sempre me acolheu com olhar doce, singeleza e respeito, de quem está ao lado para caminhar junto desde o primeiro contato no processo de seleção do mestrado. Pelas orientações sábias, pela dedicação, por todas as palavras de incentivo, por me fazer acreditar que sou capaz, enfim, por cada momento dessa caminhada que me proporcionou um aprendizado para a vida.

Agradeço a todos os professores do curso de Pós-graduação em Ciência da Linguagem (UNISUL), pessoas qualificadas e competentes, cada um com seu modo particular, contribuiu com orientações e reflexões importantes para meu crescimento, como pesquisadora e também como ser humano.

Agradeço à professora Eliane Santana Debus, por me auxiliar a encontrar alguns caminhos quanto ao corpus da pesquisa e por me receber gentilmente em sua turma, na disciplina *Literatura e Infância* na UFSC.

Agradeço ao querido professor Altino José Martins Filho por todo apoio e orientação, por suas palavras carinhosas e por estar sempre disponível quando se trata de ajudar. A conquista desse objetivo em minha vida tem muito das nossas conversas.

Agradeço a minha amada família pelo apoio, paciência, sugestões e carinho durante essa etapa, em especial ao meu FILHO, Luis Fernando, grande sonho e amor de minha vida.

Agradeço a minha madrinha Virgínia Vieira, minha mãe de coração, por todas as orações, palavras de conforto, carinho, incentivo para alcançar meus sonhos. Te amo demais!

Agradeço as minhas irmãs Sirlene Segala e Simone Segala Andrade, por me escutarem nos momentos difíceis, sempre me incentivando e me ajudando com doces palavras, vocês são grandes AMIGAS e tesouros em minha vida.

Agradeço ao meu amado sobrinho Vitor Hugo Segala Andrade, que partilhou de seus lindos desenhos para ilustrar essa dissertação, sempre acompanhado de muito humor, atenção e palpites.

Agradeço às amigas queridas: Flávia Walter, Alexandra Espíndola, Jennifer Giasse e Mônica Wendhausen que são grandes presentes em minha vida, dividindo comigo momentos de angústia, choro, dificuldade, mas também muitos risos, alegrias, trocas e colaborações durante o percurso da pesquisa.

Agradeço à secretária do curso Edna Mazon, sempre gentil, carinhosa e eficiente em suas orientações e contribuições com os alunos.

Agradeço ao Alexander Gomes Cardoso por toda sua dedicação e carinho ao me ajudar na passagem das ilustrações dos livros para a dissertação com qualidade que só foi alcançada graças ao seu compromisso de fazer sempre o seu melhor.

Agradeço às escolas e principalmente às bibliotecárias que foram fundamentais no processo de pesquisa, pelo acolhimento, simpatia e pela colaboração.

A rede Municipal de Florianópolis pela dispensa de dois anos das atividades profissionais para cursar o mestrado, bem como a todos os funcionários que cuidaram deste processo de afastamento.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação.

A todos que marcaram de forma muito especial essa importante trajetória o meu:

**MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

A presente dissertação tem como tema a literatura infantil na perspectiva dos estudos culturais: por uma infância plural. O estudo discute como a literatura infantil vem abordando, nas produções contemporâneas, questões como: identidade, gênero e etnia. Para tanto, elegeu-se o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), investigando se a literatura selecionada e distribuída pelo programa contribui para o desenvolvimento de um leitor literário mais crítico; se está afinada com a desconstrução de estereótipos e se está em consonância com os temas sociais e culturais debatidos pela via dos Estudos Culturais, colaborando assim na reorganização das percepções, quanto a um mundo mais plural. A escolha desse programa se deve por considerarmos que os livros passam por um processo minucioso quanto à seleção e indicação dos títulos até chegar ao leitor. Para fundamentar as discussões foram selecionadas cinco obras de literatura infantil destinadas para os primeiros anos do ensino fundamental, de autores nacionais de acordo com os acervos do PNBE de 2008, 2010 e 2012, sendo estas: *Maria mole*, 2002, de André Neves; *O rei maluco e a rainha mais ainda*, 2006, de Fernanda Lopes de Almeida; *O reino adormecido*, 2012, de Leo Cunha; *Betina*, 2009, de Nilma Lino Gomes, e *Obax*, 2010, de André Neves. Apesar de ser numericamente reduzido o repertório do PNBE de narrativas que propõem esse debate contemporâneo é possível perceber que este demonstra uma seleção com boa qualidade tanto na linguagem verbal quanto na visual, o que proporciona às crianças mecanismos de autoconhecimento, novas experiências, traduzindo em textos escritos, cores e ilustrações um mundo diverso daquele normativo que exclui possibilidades e diferenças.

Palavras-chave: literatura infantil, estudos culturais, identidade, gênero, etnia.

## RESUMEN

La presente disertación tiene como tema la literatura infantil en la perspectiva de los estudios culturales: por una infancia plural. El estudio discute como la literatura infantil viene abordando, en las producciones contemporáneas, cuestiones como: identidad, género y etnia. Para tanto, se ha elegido el acervo del Programa Nacional Biblioteca de la Escuela (PNBE), investigando si la literatura seleccionada y distribuida por el programa contribuye para el desarrollo de un lector literario más crítico; si está afinada con la desconstrucción de estereotipos y si está en consonancia con los temas sociales y culturales discutidos por la vía de los Estudios Culturales, colaborando así en la reorganización de las percepciones, cuanto a un mundo más plural. La elección de este programa se debe por considerar que los libros pasan por un proceso minucioso cuanto a selección e indicación de los títulos hasta llegar al lector. Para fundamentar las discusiones han sido seleccionadas cinco obras de literatura infantil destinadas para los primeros años de la enseñanza fundamental, de autores nacionales de acuerdo con los acervos del PNBE de 2008, 2010 y 2012, siendo estas: *Maria mole*, 2002, de André Neves; *O rei maluco e a rainha mais ainda*, 2006, de Fernanda Lopes de Almeida; *O reino adormecido*, 2012, de Leo Cunha; *Betina*, 2009, de Nilma Lino Gomes, e *Obax*, 2010, de André Neves. A pesar de ser numéricamente reducido el repertorio del PNBE de narrativas que proponen ese debate contemporáneo, es posible percibir que este demuestra una selección con buena calidad tanto en el lenguaje verbal cuanto en el visual, lo que proporciona a los niños mecanismos de auto-conocimiento, nuevas experiencias, traduciendo en textos escritos, colores y ilustraciones en un mundo diverso de aquel normativo que excluye posibilidades y diferencias.

**Palabras clave:** literatura infantil, estudios culturales, identidad, género, etnia.

Tua caminhada ainda não terminou...  
A realidade te acolhe  
dizendo que pela frente  
o horizonte da vida necessita  
de tuas palavras  
e do teu silêncio.

Se amanhã sentires saudades,  
lembra-te da fantasia e  
sonha com tua próxima vitória.  
Vitória que todas as armas do mundo  
jamais conseguirão obter,  
porque é uma vitória que surge da paz  
e não do ressentimento.

É certo que irás encontrar situações  
tempestuosas novamente,  
mas haverá de ver sempre  
o lado bom da chuva que cai  
e não a faceta do raio que destrói.

Tu és jovem.  
Atender a quem te chama é belo,  
lutar por quem te rejeita  
é quase chegar a perfeição.  
A juventude precisa de sonhos  
e se nutrir de lembranças,  
assim como o leito dos rios  
precisa da água que rola  
e o coração necessita de afeto.

Não faças do amanhã  
o sinônimo de nunca,  
nem o ontem te seja o mesmo  
que nunca mais.  
Teus passos ficaram.  
Olhes para trás...  
mas vá em frente  
pois há muitos que precisam  
que chegues para poderem seguir-te.

*Charles Chaplin*

## LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e adultos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBBY – International Board on Books for Young People

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

SEB – Secretaria de Educação Básica

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEESP – Secretaria de Educação Especial

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Capa do livro <i>Maria Mole</i> . .....	41
Figura 2- Recorte da ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	42
Figura 3- Ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	43
Figura 4- Ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	44
Figura 5- Ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	45
Figura 6- Recorte da ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	46
Figura 7- Ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	47
Figura 8- Recorte da ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	48
Figura 9- Ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	49
Figura 10- Recorte da ilustração do livro <i>Maria Mole</i> . .....	50
Figura 11- Capa de <i>O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda</i> . .....	51
Figura 12- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	53
Figura 13- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	54
Figura 14- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	56
Figura 15- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	57
Figura 16- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	57
Figura 17- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	58
Figura 18- Ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	64
Figura 19- Recorte da ilustração do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	65
Figura 20- Recorte das ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	66
Figura 21- Recorte das ilustrações do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	67
Figura 22- Recorte da ilustração do livro <i>O rei maluco e a rainha mais ainda</i> . .....	67
Figura 23- Capa do livro <i>O Reino Adormecido</i> . .....	69
Figura 24- Ilustração do livro <i>O Reino Adormecido</i> . .....	70
Figura 25- Ilustração do livro <i>O Reino Adormecido</i> . .....	71
Figura 26- Ilustração do livro <i>O Reino Adormecido</i> . .....	72
Figura 27- Ilustração do livro <i>O Reino Adormecido</i> . .....	74
Figura 28- Capa do livro <i>Betina</i> . .....	79
Figura 29- Ilustração do livro <i>Betina</i> . .....	80
Figura 30- Ilustração do livro <i>Betina</i> . .....	81
Figura 31- Ilustração do livro <i>Betina</i> . .....	82
Figura 32- Ilustração do livro <i>Betina</i> . .....	83

Figura 33- Ilustração do livro <i>Betina</i> .....	84
Figura 34- Ilustração do livro <i>Betina</i> .....	85
Figura 35- Ilustração do livro <i>Betina</i> .....	86
Figura 36- Ilustração do livro <i>Betina</i> .....	87
Figura 37- Ilustração do livro <i>Betina</i> .....	88
Figura 38- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	89
Figura 39- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	90
Figura 40- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	91
Figura 41- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	92
Figura 42- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	93
Figura 43- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	94
Figura 44- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	95
Figura 45- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	96
Figura 46- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	97
Figura 47- Ilustrações do livro <i>Obax</i> .....	98

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>LITERATURA INFANTIL E INFÂNCIA .....</b>	<b>21</b>
2.1	CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA .....	30
2.2	AS ILUSTRAÇÕES NOS LIVROS INFANTIS.....	32
<b>3</b>	<b>OS ESTUDOS CULTURAIS E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS .....</b>	<b>36</b>
3.1	IDENTIDADE .....	39
3.2	GÊNERO .....	61
3.3	ETNIA.....	76
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
	<b>ANEXO A – LISTA DE LIVROS DO PNBE DE 2008, 2010 E 2012.....</b>	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO



Vitor Hugo S. Andrade<sup>1</sup>

*Há duas maneiras de percorrer um bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar à casa da avó, do Pequeno Polegar ou do Joãozinho e Maria); a segunda é andar para ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são acessíveis e outras não.*

Umberto Eco

É comum ouvir que os livros infantis fazem com que as crianças embarquem em fantásticas aventuras que misturam realidade e fantasia através de suas palavras e ilustrações, recheando a imaginação e fazendo das histórias, meios para compor o universo infantil.

A literatura infantil realmente desempenha importante aporte para a formação das crianças, no sentido de torná-las seres críticos e que buscam superar ao máximo a fragmentação imposta pela vida moderna. Espera-se que a criança vivencie as diferentes fases da vida em harmonia com a cultura, equilíbrio possível de ser alcançado através da boa literatura, que possibilita não necessariamente conhecimentos específicos, mas uma sensibilidade que permite o questionamento do mundo e o desejo de mudança da condição de mediocridade que muitas vezes são submetidos. O texto literário atua na formação e dinâmica das identidades, residindo aí sua importância na busca do equilíbrio humano, já que “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p. 176). Sendo esta assinalada pelo

---

<sup>1</sup> Vitor Hugo Segala Andrade é um menino de seis anos que ama se expressar através de desenhos coloridos. Com seus desenhos cria histórias e com elas encantadoras viagens. Seus desenhos fazem parte do início de cada capítulo.

mesmo autor como fator indispensável de humanização e que corresponderia, nesse sentido, a uma necessidade universal, cuja satisfação constitui um direito inalienável.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo primeiro analisar a produção literária contemporânea através dos livros que compõem o acervo do PNBE de 2008, 2010 e 2012, verificando se estes oportunizam perspectivas de reflexão sobre a identidade cultural, envolvendo as percepções de gênero e etnia, indicando, na perspectiva deste trabalho, que gênero e etnia compõem o que se chama identidade. Além disso, esta dissertação tem como objetivos específicos ressaltar a importância da produção literária infantil contemporânea, em consonância com os temas sociais e culturais debatidos pela via dos Estudos Culturais; identificar as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento de um leitor literário mais crítico; detectar de que forma a literatura infantil pode excitar o senso crítico dos que se apropriam dessas leituras na construção da identidade; verificar se esta literatura está ou não afinada com a desconstrução de estereótipos, ou seja, se há inovações na forma de representação dos gêneros: masculino e feminino e constatar se a literatura destinada às crianças colabora ou não na reorganização das percepções quanto à etnia visando um mundo mais plural.

Para alcançar os objetivos mencionados, necessário foi mapear o conjunto de obras do PNBE, Programa Nacional Biblioteca da Escola, criado em 1997 através do Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Secretaria de Educação Básica, sob a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que conta com a cooperação da Secretaria de Educação Especial (SEESP) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Gerido com recursos financeiros originários do Orçamento Geral da União e da arrecadação do salário-educação, o PNBE vem distribuindo anualmente de forma gratuita, livros de literatura às escolas públicas brasileiras, sejam elas das redes federal, estadual ou municipal, no âmbito da educação infantil, do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), que estejam devidamente cadastradas no censo escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O PNBE tem por objetivo promover o acesso à cultura, incentivar a leitura de obras literárias que, em consonância com as demandas dos movimentos sociais, atendam aos princípios de uma educação mais democrática e multicultural.

Serão selecionadas obras com temáticas diversificadas, de diferentes contextos sociais, culturais e históricos. [...] Não serão selecionadas obras que apresentem

didatismos, moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem (BRASIL, 2007, p. 15).

Os gêneros literários que compõem o PNBE são obras clássicas da literatura universal, poemas, contos, crônicas, teatro, textos da tradição popular, romances, memórias, diários, biografias, relatos de experiências, novelas, e histórias em quadrinhos. Com um variado repertório, o Ministério da Educação acredita contribuir tanto com a leitura literária como estética, também com a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, especialmente no que se refere ao aprimoramento das práticas educativas.

Os livros referentes ao conjunto de acervos literários do PNBE passam por um longo processo até chegarem às instituições, ou seja, há uma pré-inscrição pelas editoras no mês de dezembro, através de um edital de convocação do FNDE juntamente com a Secretaria de Educação Básica (SEB). Desde 2005 são convidados pesquisadores de diferentes universidades para participar do processo de seleção e avaliação, depois há negociação quanto ao valor por unidade pela equipe do FNDE e são adquiridas.

Os acervos possuem livros nacionais e traduções de diferentes níveis de complexidade. Todos os livros passam por avaliação quanto a qualidade do texto, a adequação dos temas quanto ao interesse do público, aspectos gráficos, aspectos de coerência, consistência narrativa, adequação de linguagem entre outros itens. É, ainda, proposto nessas produções abordagens de diversos temas importantes e até necessários à sociedade contemporânea, seja problematizando ou propondo entendimento dos conflitos que envolvem temas diversos e entre esses, identidade, gênero e etnia, recorte específico desta dissertação.

A distribuição dos acervos de literatura ocorre nos anos pares para as instituições de educação Infantil<sup>2</sup> (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos e nos anos ímpares, a distribuição ocorre nas escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

Para que os leitores possam utilizar esses livros para alargar suas possibilidades de formação como cidadãos críticos, criativos e solidários, não basta ter esses livros em uma instituição. “É necessário que haja pessoas qualificadas para armazená-los de maneira organizada e com acesso facilitado, além de promover ações que visem à divulgação desses livros e ofereçam mediações de leitura que corroborem para uma formação estética” (VIEGAS, 2013, p. 9).

---

<sup>2</sup> A distribuição do acervo do PNBE na educação infantil começou em 2008.

De acordo com Viegas (2013) é possível perceber nos indicadores culturais divulgados pelo IBGE, que mais de 60% das famílias brasileiras tem disponibilidade, em média, de R\$ 40,66 para gastos com cultura e lazer, sendo este um valor baixo para poder contemplar a compra de livros, com isso o acesso aos livros através deste programa torna-se relevante quando utilizado de forma planejada, ou seja, a maioria dos leitores brasileiros só conta com esse benefício através das bibliotecas das instituições educacionais. Aponta também que no decorrer dos anos o MEC encomendou pesquisas que tinham o objetivo de avaliar o alcance do programa, bem como apontar seus sucessos e suas falhas para que mudanças acontecessem quando necessárias.

A iniciativa tinha como principal objetivo fazer uma avaliação diagnóstica do programa, apontar seus sucessos e suas falhas para aprimorar a política pública analisada. Além disso, pretendia-se que fosse material formador; ou seja, que dialogasse com os agentes escolares diretamente envolvidos com os acervos distribuídos e seus usuários potenciais, mostrando possibilidades de mobilização dos acervos, a partir do relato de práticas bem-sucedidas, e alertando para as práticas que são desserviços à formação de leitores (VIEGAS, 2013, p. 18).

Outro ponto relevante destacado pela pesquisa é que:

A Região Sul possui a menor taxa de analfabetismo, além de ter o maior índice de escolas com bibliotecas: 58% na região Sul, 11% na região Norte, 9% na região Nordeste, 44% na região Sudeste e 33% na região Centro-Oeste. As escolas em zonas rurais costumam apresentar mais problemas de não recebimento dos acervos (VIEGAS, 2013, p. 19).

As pesquisas apontaram como “pontos positivos”, que através deste programa há valorização da leitura, pois a mesma é vista “como ferramenta para viver na sociedade, como ponte para escrever, conversar e entender melhor, como meio de vivenciar outros “mundos” e também como fonte de prazer” (VIEGAS, 2013, p. 20). Contudo, destaca “pontos negativos” como zelo em demasia pelos livros, chegando os mesmos a permanecer nas caixas para que não se “estraguem”, falta de estrutura para que os livros sejam melhor manuseados, formação precária de pessoas para trabalhar com o acervo, falta de projetos de leitura ou descontinuidade dos mesmos quando há rotatividade da pessoa responsável pelo projeto, falha na divulgação do programa, inclusão nos acervos de coleções de mais nítida identidade cultural e a partir disso, “o programa foi considerado de baixo impacto, pois a precariedade de espaços e práticas é muito mais significativa do que o pequeno incentivo à leitura constatado” (VIEGAS, 2013, p. 22).

Apesar das pesquisas não apontarem somente pontos positivos “o programa se justifica pela noção de que se apropriar da linguagem escrita pela leitura é um requisito para o exercício da cidadania, além de ser um direito de todos o acesso ao patrimônio artístico-cultural da sociedade” (VIEGAS, 2013, p. 11). Afinal, como já mencionado anteriormente, uma produção literária consente a abertura de um leque de leituras que possibilitam ao leitor, e neste caso na criança, o vir a ser, o constituir-se, congregando uma trama de relações marcada pela experiência de cada ser. Cada leitor faz o seu percurso de leitura focalizando ideias a partir de seus interesses, pois, ainda que se trate do mesmo texto, cada leitura, interpretação, feita por cada leitor sobre o esse texto constitui um texto “diferente”.

Por isso, para esta pesquisa inicialmente foi realizada uma leitura extensiva do conjunto de obras infantis, do PNBE de 2008 com 5 conjuntos contendo 100 livros, de 2010 com 4 conjuntos contendo 100 livros e de 2012 com 4 conjuntos também contendo 100 livros, em bibliotecas escolares (Colégio Donato e Escola Básica Professora Maria Heloísa Prazeres de Farias, ambas no município de Biguaçu e Colégio Aplicação na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis) contendo textos e ilustrações de diferentes autores nacionais com indicação para o ensino fundamental; pretendendo com isso selecionar um pequeno elenco que, abordasse questões de identidade, etnia e gênero. A partir da leitura inicial, de forma exploratória, os recortes temáticos foram consolidados e entre os acervos acima mencionados foram escolhidos cinco livros: *Maria Mole* escrito e ilustrado por André Neves; *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda* escrito por Fernanda Lopes de Almeida e ilustrado por Luiz Maia; *O Reino Adormecido* escrito por Leo Cunha e ilustrado por André Neves; *Betina* escrito por Nilma Lino Gomes, com ilustrações de Denise Nascimento e *Obax* escrito e ilustrado por André Neves.

Cabe destacar que esta pesquisa tem relação direta com minha experiência profissional nos últimos anos, pois, durante 2011, a partir de um convite profissional para “organizar” o setor infantil de uma biblioteca municipal, venho desenvolvendo um trabalho que possibilite maior envolvimento das crianças com o mundo da literatura. Neste espaço vem sendo desenvolvidas atividades para as crianças, como contação de histórias e poesias, exposições e exibições de livros pelos próprios autores, realizaram-se algumas parcerias com instituições públicas para apresentações teatrais de adaptações de livros infantis, projetos sociais que buscam na literatura oportunidades para envolver e chamar atenção para assuntos atuais, entre outros que tem contribuído para um repertório rico e variado, aproximando o público do mundo literário.

Durante essa caminhada no setor infantil da Biblioteca foi desenvolvido um projeto intitulado “A Literatura nos envolve”, projeto que celebrou convênios e parcerias com instituições educativas, editoras, ONGs da região da Grande Florianópolis, com o intuito de proporcionar às unidades educativas, famílias e comunidade “situações” que pudessem estimular o gosto por obras literárias. E isso por acreditar que a literatura, em suas múltiplas possibilidades, pode influenciar o público que lê, fazendo-o viver suas histórias e acreditar em suas representações, pois, trata-se de uma “linguagem de representação, linguagem imagística [...] o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta” (COELHO, 2000, p. 43).

Para tanto, essa pesquisa foi organizada em três capítulos, sendo que no primeiro encontra-se a introdução fazendo uma apresentação geral do estudo. No segundo capítulo é traçado breve consideração sobre o percurso histórico da literatura infantil e da infância, também abordando sobre as contribuições da literatura para a formação da criança e a importância das ilustrações nos livros infantis. No terceiro capítulo é realizado um levantamento histórico sobre os Estudos Culturais e sua relação com a literatura no que diz respeito aos temas sociais e culturais contemporâneos, como identidade, gênero e etnia. Encontra-se ainda nesse capítulo as análises dos livros selecionados do PNBE de 2008, 2010 e 2012. Por último indicam-se considerações que pretendem uma síntese final da pesquisa empreendida.

## 2 LITERATURA INFANTIL E INFÂNCIA



*Uma imagem, assim como um texto escrito, pode apresentar várias camadas de leitura, o que requer daquele que a examina um olhar atento e calmo, uma atenção que poderíamos chamar de flutuante, apta a captar além daquilo que é visto em um primeiro momento.*

Graça Ramos

A literatura é uma linguagem específica que expressa uma determinada experiência humana e pode ser entendida como “a arte que expressa o belo e o humano por meio da palavra, ou seja, a literatura é a arte da palavra” (DEBUS e DOMINGUES, 2009, p. 19). Para Frantz (2001, p. 16), “a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

E ainda segundo Coelho (1991, p. 5), a literatura é:

[...] abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Cada época compreende e produz a literatura a seu modo, refletindo a singularidade de cada momento da marcha da humanidade em sua constante dinâmica. Seus autores contam histórias de sua época, suas crenças, seus valores, medos, angústias, alegrias, oportunizando aos leitores construir seu amadurecimento cognitivo e psicológico. Assim, “conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta)” (COELHO, 2000, p. 27 – 28).

A história da literatura infantil está atrelada à história da própria concepção de infância. Segundo Amarilha (1999), a palavra infância advinda do latim *infantia* significa “incapacidade de falar, mudez”, conceito derivado do fato de se considerar que até os sete

anos a criança era incapaz de falar, conseqüentemente pode-se agregar por extensão conceitual os sentidos de “ser incapaz de pensar”, “incapaz de expressão”, gerando com isso uma atitude e educação condescendente do ponto de vista intelectual que continuava a diminuí-la, ou seja, era vista como “adulto em miniatura”.

É interessante destacar que, desde a velha sociedade tradicional até o fim da Idade Média havia uma carência do sentido da infância e os textos que circulavam entre as crianças eram somente através da oralidade, pois não existia a presença de material impresso de leitura. A literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, pois não existia a chamada “literatura infantil”, oral ou escrita, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico.

A infância não era vista como um período de formação do indivíduo, mas como uma etapa a ser rapidamente ultrapassada para que se tornasse um ser produtivo e contribuísse efetivamente na e para a sociedade (COELHO, 2000).

Richter (apud ZILBERMAN, 1998, p. 40), também estudando a história do conceito de infância, afirma:

Na sociedade antiga, não havia infância: nenhum espaço separado do mundo. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc... tendo assim seu lugar assegurado nas tradições comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos.

O período de imaturidade (infância) deveria ser breve, com uma educação tanto rigorosa quanto inibidora da espontaneidade, apenas com o intuito de transmitir os valores do modelo familiar centrado na valorização da vida doméstica, do casamento e da educação de herdeiros.

De acordo com Ariès (1981), o “sentimento de infância” variou conforme o período histórico, sendo mais valorizado em alguns momentos e em outros menos, porém, não significando desprezo. Segundo esse autor, a infância era muito reduzida, quando a criança adquiria certa independência, como andar, falar e comer sozinha era introduzida no mundo adulto e passava a circular nos mesmos ambientes. Com aproximadamente sete anos de idade crianças de classes subalternas eram encaminhadas para aprenderem alguma profissão, adquiriam conhecimentos, principalmente, através do aprendizado prático e pela convivência social, ocupavam o papel de um pequeno adulto. Compartilhavam da vida adulta, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, independentemente de sua faixa etária.

Apesar de estarem analisando tempos históricos diferentes, podemos observar também através dos escritos de Walter Benjamin (2002), como eram diferentes os modos de educar da classe burguesa e da classe proletária. Segundo o autor, na educação proletária as crianças sentiam-se mais livres para demonstrarem sua expressividade e aprendiam de maneira voluntária, predominava um estado de alegria, de realização plena da infância. “A pedagogia proletária demonstra a sua superioridade ao garantir às crianças a realização de sua infância” (BENJAMIN, 2002, p.118).

As crianças eram educadas de forma lúdica através do teatro infantil proletário, em que predominava a improvisação em seus atos durante as encenações, originando com isso, autenticidade da arte teatral e conseqüentemente uma aprendizagem prazerosa. Cada gesto infantil era observado pelo diretor como sinal comunicativo do desenvolvimento da criança, o que para Benjamin (2002), constitui o componente principal para se educar de forma autêntica e eficaz, sem as máscaras da pedagogia.

Benjamin (2002) ressalta ainda que, a educação proletária permitia o desenvolvimento pleno da criança e a valorizava dentro do contexto proletário, ou seja, como uma coletividade. As crianças eram consideradas pela classe proletária uma coletividade tão importante quanto o exército, a fábrica e as assembleias populares. “E é prerrogativa da classe operária prestar a máxima atenção à coletividade infantil, a qual jamais pode adquirir contornos nítidos para a burguesia” (BENJAMIN, 2002, p.115).

Enquanto que, a educação burguesa não era fundamentada na observação dos atos da criança, predominava a variação de métodos pedagógicos e psicológicos, com intenção voltada para correção com autoridade moral e intelectual dos pedagogos. “A disciplina que a burguesia exige das crianças é o seu estigma” (BENJAMIN, 2002, p.118). As crianças manifestavam, nas salas de aula, cansaço e enfado.

Na análise feita por Ariès (1981), o conceito de infância se deu nas construções sociais de três períodos históricos: na Antiguidade, do século XIII ao século XVIII e do século XVIII a atualidade. No primeiro período, segundo este autor, a criança era comparada a um delicado e querido bichinho de estimação, ou ainda, como já mencionado, era considerada um adulto em miniatura; por não haver distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, a criança “ingressava na sociedade dos adultos” desde cedo. A morte de uma criança pequena, por falta de higiene, por doenças, por fome ou por causa das intempéries, era fato corriqueiro e, apesar do sofrimento da perda, o episódio era tido como banal, possível de ocorrer em qualquer família.

Num segundo período, século XIII ao XVIII conforme evidencia o teórico Ariès (1981), ocorreu uma mudança na perspectiva de ser criança, inicia-se o processo de constituição da infância; a criança passa a ser o centro das atenções na família, no campo da psicologia, pedagogia e pediatria. A sociedade ao final deste período passa a prezar pela inocência, portanto, separa a criança da vida dos adultos e ela passa a frequentar a instituição escolar, local em que receberá formação.

Por fim, o terceiro período é caracterizado pela consolidação do conceito de infância, tal qual concebido hoje. Ariès (1981) destaca que, neste período, a criança começa a ocupar o lugar central da família devido à sua ligação com a figura dos anjos que são tidos como seres puros e divinos. A infância passou a ser compreendida como uma construção histórica e cultural e não mais como uma fase natural, universal e homogênea. Assim, cada sociedade em determinado tempo histórico atribui determinados significados à fase inicial da vida humana, ou seja, ser criança em diferentes lugares, classes sociais ou épocas é passar por diferentes experiências e poder representar vivências, hábitos, valores muito diferentes. Atualmente no Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p.21) por exemplo “a concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época”.

Para Schmidt (1997), ocorreu neste terceiro período o “fenômeno do entusiasmo pela infância no Brasil”, com a preocupação dos intelectuais com a preservação, prevenção e preparação da infância, além da “produção e difusão de diferentes saberes acerca da criança”, ou seja, ela se tornou “o sol do mundo” e passa a ser vista como alguém que possui luz própria e cujos raios possuem utilidade desde que aproveitados de modo adequado, “também passa a ser o centro, em torno do qual poderia girar a sociedade”. E ainda, temos uma visão sobre “criança” ligada ao nosso contexto histórico, social, científico e cultural, em que a infância é respeitada, (na maioria das vezes) habitando um universo delimitado por assuntos escolares, certo vocabulário, certas brincadeiras e certos assuntos. Porém, cabe lembrar que há diferenças quanto às experiências vivenciadas nas relações sociais, econômicas e, também, naquelas individualmente constituídas, de cada ser com relação à infância (traumas, superações, perdas, sonhos, entre outras situações); é necessário levar em conta as tradições, culturas e diferentes concepções de mundo, no contexto de cada um.

Com as novas possibilidades tanto da estrutura social como econômica e familiar, a criança passa a ser pensada como um sujeito despreparado para tal sociedade e com isso

surge à necessidade de prepará-la para viver, ou seja, escolarizá-la, prepará-la para o futuro, e esse é um olhar que surgiu com a industrialização.

Com o passar dos anos, a criança passa a ser vista como um sujeito que aprende também por meio da brincadeira, pois esta é uma maneira de interagir com o mundo a sua volta, já que ela está sempre aberta para as novidades, esperando saciar suas curiosidades através da interação com os adultos, na escola, na família, com a literatura, entre outros.

É durante este período que surge a literatura infantil, quando o conceito de infância começa a tomar visibilidade, ou seja, a criança passa a ser considerada diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Por este motivo, deveria receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta, para sua integração ao mundo, através de um material essencialmente educativo.

Assim, o aparecimento da literatura infantil decorre da ascensão da família burguesa, do novo olhar em relação à infância e da reorganização da escola, já que “antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância” (ZILBERMAN, 1998, p. 87). E é nesse contexto de transformações que a literatura serviu como um instrumento para ensinar, as histórias passaram a ser usadas a serviço de ações pedagógicas, não possuindo valor de arte literária.

Os estudos sobre a infância tornaram-se significativos, acompanhando a expansão da escolarização, o discurso pedagógico incorporando a relação educação-infância com a valorização da criança. Com estas mudanças de perspectiva em relação à infância, a criança passa a produzir conhecimento e cultura e não ser apenas consumidora do que os adultos consideram adequado (YUNES, 1982, p. 56). A criança passa a ser vista como um ser em formação “cujo potencial deve desenvolver-se em liberdade, mas orientada no sentido de alcançar a maior plenitude em sua realização” (COELHO, 2000, p. 141).

A necessidade de educar a criança, nos moldes da cultura burguesa, abre um campo potencial de produtos culturais, dentre eles o livro e a literatura e, conseqüentemente, a literatura infantil, produzida em grande escala, tendo como primeiro repertório para infância as fábulas e os contos de fadas. As fábulas e os contos, apesar de terem sofrido alterações conforme as necessidades de cada época, sobreviveram porque na sua origem não foram concebidos como gêneros para crianças, mas como manifestações culturais de diferentes grupos sociais. Para Lajolo e Zilberman (2006), só com o surgimento da categoria infância esses gêneros foram adaptados para educar e foram escritas algumas histórias, tais como: *As Fábulas*, de La Fontaine, que foram editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas em 1717 e *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*,

publicado em 1697 por Charles Perrault, que vieram a ser caracterizadas como literatura destinada à infância. Recorrendo à história, vimos que o livro e a produção literária para crianças são datados na Europa no final do século XVII, início do século XVIII e, gradativamente, foram expandindo-se e consolidando-se.

O francês Charles Perrault foi responsável pelas primeiras obras de literatura infantil e também pelos contos de fadas, oriundos da oralidade, que relatavam a cultura de seu povo. Seu primeiro livro, publicado em 1697, ficou conhecido como “*Contos da Mamãe Gansa*”, tendo três histórias: “*O Pequeno Polegar*”, “*As Fadas*” e “*O Mestre Gato*” (também conhecido como “*O Gato de Botas*”). Seus livros alcançaram públicos de todas as idades e lugares, surgindo assim um novo gênero da literatura, “a literatura infantil”. Os contos de Perrault traziam consigo um cunho moral e foi a partir disso que os contos de fadas ficaram conhecidos pelas crianças. Destacamos também Wilhelm Karl Grimm e Jakob Lwdwig Karl Grimm, conhecidos como os irmãos Grimm; na Alemanha, influenciados pelo romantismo, suas obras tiveram como base as histórias orais populares folclóricas, científicas e camponesas. Outro nome de relevância para a literatura é o de Hans Christian Andersen, dinamarquês que se dedicou a construir obras literárias voltadas para crianças, sempre partindo de uma visão cristã. Nessa época, os leitores desses clássicos eram somente as crianças filhas de nobres, enquanto que os mais pobres só tinham acesso à narrativa oral.

A literatura infantil sempre esteve relacionada às ideologias vigentes em cada período. No Brasil não foi diferente, passando por fases semelhantes às europeias, porém, posteriores cronologicamente, se levarmos em conta, segundo Lajolo e Zilberman (2006), que é somente com a chegada de Dom João VI ao Brasil, em 1808, que o setor editorial e gráfico no país começa a se desenvolver.

As traduções e adaptações dos clássicos infantis europeus foram feitas, marcando o início da circulação de textos destinados à infância no Brasil. Com isso, o livro infantil brasileiro também surge numa relação com a urbanização, o comércio, a industrialização e a propagação da escola como instituição, além do desejo de modernização e desenvolvimento do país.

No Brasil, a literatura destinada ao público infantil começa a se desenvolver sensivelmente; assumindo características brasileiras. E, com isso, a literatura passa por um movimento renovador, “vão-se articular estudos, leituras e análises das mais diferentes naturezas”, tendo como marco histórico Monteiro Lobato (COELHO, 2000, p. 150), que é considerado o grande articulador da literatura como veículo de expressão da criança e não somente da sua educação. Monteiro Lobato é um dos mais influentes escritores que propõe

uma nova estética para a literatura infantil durante as primeiras décadas do século XX. O gênero começa a se desvincular do cunho ideológico e moralizante e ganha legitimação artística.

Monteiro Lobato escreve seu primeiro livro, *A menina do narizinho arrebitado*, para o público infantil, tendo como protagonista uma menina. Lobato cria personagens que vão, gradualmente, reestabelecendo o equilíbrio na relação da criança com o adulto via literatura. Como estratégia de aproximação do seu texto com a infância, Lobato cria Emília, que é uma boneca, ou seja, brinquedo relacionado à criança/infância para escapar da censura do adulto, pois não estava referindo-se diretamente para a criança e sim para uma boneca. Lobato escreveu suas obras para crianças por acreditar que só elas poderiam mudar o mundo que precisava de transformações. Em seus livros, aborda questões morais, uma vez que, para ele, a literatura estimula bons sentimentos, que são aperfeiçoados com o tempo, conduzindo o leitor a praticar boas ações, o amor pela justiça e verdade. Uma das características de sua obra é a maneira de misturar o fantástico com o real, aproximando-se de como a criança lida com o mundo.

A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação. Vive num mundinho irreal e dele só sai para, aos poucos, ir penetrando no das duras e cruas realidades, quando com o natural desenvolvimento do cérebro, a intensidade vai se apagando (LOBATO, 1964, p. 249).

Em seus livros, Lobato demonstra que tanto as histórias contadas quanto as lidas, para as crianças, devem falar sobre o mundo em que vivem e com uma linguagem na qual se comunicam, para tornarem-se atraentes e interessantes. Suas narrativas romperam com a visão eurocêntrica, com a dependência dos modelos estrangeiros, cedendo lugar a uma produção local.

Alguns anos após, nas décadas de 1960 e 1970, há um grande crescimento em relação à literatura infantil brasileira, tanto com um expressivo número de obras, quanto com autores dedicados a escrever para esse público, com a finalidade de divertir, dar prazer, emocionar e também ensinar, transmitir valores e proporcionar conhecimento, destacando assim as funções deste gênero pertencente a duas áreas: arte literária e pedagogia, como afirma Coelho (2000, p. 27), pois, ao mesmo tempo em que tem um papel social a cumprir, também provoca prazer, divertimento, ensina novos modos de ver o mundo, de viver e possibilita o encontro com valores que contribuem para uma formação mais humanística.

Colaborando com esta ideia, o sociólogo francês Marc Soriano afirma que “ainda que não tenha a intenção de ensinar, o livro infantil ensina”, pois:

[...] por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela, necessariamente, pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas (de conhecimento) (*apud* COELHO, 1993, p. 27).

Ainda neste sentido, a literatura popular oral tinha como objetivo ensinar por meio de exemplos, como através das fábulas, contos de fadas e contos maravilhosos. Há outras características específicas desta literatura que merecem destaque: a presença da fantasia e de personagens maravilhosos, preocupação com aspectos gráficos, ilustrações, diálogo entre texto verbal e visual, linguagem de fácil entendimento, tamanho das letras e do texto, presença do humor e de temas atuais.

A literatura infantil contemporânea, no entanto, de acordo com Oliveira (2007), busca ser diferente das literaturas clássica e tradicional, rompendo com preconceitos, estereótipos e padrões culturais historicamente construídos, dando ênfase a inovações, ao respeito à diferença e à igualdade. Diante das “evoluções” e atenção com a literatura infantil, cresce o prestígio dos autores nacionais, e os títulos brasileiros ganham destaque e são conhecidos internacionalmente, com títulos publicados em todas as línguas do mundo e merecedores de prêmios.

Atualmente contamos com escritores e ilustradores premiados em diversas partes do mundo, como Lygia Bojunga Nunes, que, em 1982, recebeu a Medalha Hans Christian Andersen, concedida pelo IBBY (Internacional Board on Books for Young People) e considerada o Prêmio Nobel da Literatura Infantil pelo conjunto de sua obra, conferido pela primeira vez a um autor fora da Europa ou dos Estados Unidos; e Ana Maria Machado, com dupla vitória - ao repetir a proeza recebendo esse mesmo prêmio em 2000 e assumir a cadeira número “1” da Academia Brasileira de Letras em 2001, avaliado pela escritora como: “uma vitória da literatura infantil”.

Neste sentido, o panorama da literatura infantil vem destacando-se com:

[...] a valorização da literatura como experiência humana, o poder da palavra como construtora, ordenadora do real, lidando com a dialética entre razão e imaginação, aplicando conhecimento do eu em interação com o outro e interpretando o caos moderno como fenômeno de transformação (COELHO, 2000, p. 153-154)

Nelly Novaes Coelho (2000, p. 44-45) afirma ainda que:

[...] toda leitura que, consciente ou inconsciente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência-de-mundo no espírito do leitor; resultará na representação de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infundável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre [...]

Com a literatura é possível que os seres se reconheçam e dialoguem independente de suas ocupações, geografias, das circunstâncias em que se encontram, dos acontecimentos históricos que lhes determinam o horizonte, podem também se defender da estupidez dos preconceitos e racismos. A literatura incita à reflexão e, por esse motivo, pode significar um risco para aqueles que se sentem satisfeitos com a organização do mundo como é atualmente, pois não traz paz ao espírito, mas indagações e angústias. Como afirma Llosa (2009, p.67), “a literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade”. É neste contexto que a produção infantil tem avançado, através de pesquisas e adequações com intenção de levar aos leitores alegria, mobilidade, surpresa, encantamento e acompanhar as transformações sociais, culturais e/ou políticas. O que se pode perceber nas recentes obras literárias, destinadas não a “qualquer” leitor, mas ao leitor que questiona, é a capacidade de imaginar um mundo melhor, que faz críticas diante dos acontecimentos em seu entorno e que procura intervir.

A sociedade livre e democrática requer cidadãos responsáveis, críticos, independentes, difíceis de manipular, em constante efervescência espiritual e cientes da necessidade de examinar continuamente o mundo em que vivemos, para tentar aproximá-lo do mundo em que gostaríamos de viver. [...]. Talvez seja esta a maior contribuição da literatura ao progresso: lembrar que o mundo pode ser melhor, mais parecido com o que a imaginação é capaz de criar (LLOSA, 2009, p. 4).

Desde o seu surgimento até os dias atuais, a literatura infantil, tanto no Brasil quanto no mundo, tem ampliado consideravelmente seu repertório, mostrando-se expansiva, flexível, dinâmica, fenômeno de criatividade, que, através da palavra, aborda assuntos referentes ao mundo, à espécie humana, à vida, tornando-se fonte de fruição não somente para crianças, mas para qualquer pessoa.

## 2.1 CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A literatura tem poder de estimular traços essenciais à formação do indivíduo, tais como: o exercício da reflexão, aquisição de saberes, proposição de indagações ao leitor; a estimulação da curiosidade, incentivo à produção de novos conhecimentos; a apropriação de uma linguagem rica e variada facilitando o uso de expressões adequadas para exposição de ideias; o afinamento das emoções, boa disposição com o próximo, capacidade de penetrar nos problemas da vida, percepção da complexidade do mundo e dos seres; o cultivo do humor, capacitando o ser humano a interagir no mundo de modo criativo e transformador, isso porque “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). Segundo Vargas Llosa (2009, p. 67):

[...] a melhor contribuição da literatura ao progresso humano: recordar-nos (involuntariamente, na maior parte dos casos) de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário - por exemplo, os poderes que o governam -, e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar.

E para Oliveira (2007, p. 125):

Os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura, a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem a capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca.

A capacidade de percepção da criança através das narrativas e poemas infantis proporciona criar um mundo em que a realidade e a fantasia estarão unidas. A imaginação da criança permite que ela se projete momentaneamente nos personagens, adentrando no mundo da fantasia, para assim vivenciar estreitamente seus sentimentos, organizando seus conflitos e emoções. Desta maneira,

A magia e o encanto que os contos de fadas transmitem até hoje estão no fato de que eles não falam a vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis [...] os contos não se prendem a contingência do real e veiculam mais de uma significação. Assim, a criança encontra na literatura respostas às questões vividas e as dúvidas típicas de sua faixa etária (De onde vem? Quem imitar? É filho legítimo ou não?...) (AGUIAR, 2001, p. 80 e 81).

As histórias são essenciais na formação de crianças, pois preparam para assimilação das regras, valores e símbolos da sociedade, oportunizam a elaboração de

conceitos sobre a realidade, compreendendo-a e modificando-a. É importante considerar também que possibilita a expansão da capacidade de comunicação, de compreensão da linguagem e, conseqüentemente, o acesso aos demais bens culturais. O bom leitor, envolvido numa relação de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, procura entender o texto e o relaciona com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido.

No entanto, há outro ponto relevante a se observar: os textos literários, bem como os livros dirigidos às crianças, são escritos em grande parte por adultos. De modo que o “livro infantil”, mesmo que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto, ou seja, pode ter pontos de vista que este (autor) considera mais úteis para os seus leitores. Isso acontece na linguagem e no estilo que o adulto igualmente crê, adequados à compreensão e ao gosto do seu público.

A literatura produzida para atender esse público pode alcançar seus objetivos e benefícios mediante livros que respeitem as necessidades de povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir, complementar aprendizagens, divulgar informações, desenvolver a criatividade, cultivar o gosto pela leitura, entre outras dimensões. Assim, cabe lembrar as palavras de Lobato:

Há homens que passam a vida sem ler um livro, fora dos escolares, justamente por não terem tido em criança o ensejo de ler um só livro que lhe falasse à imaginação. [...]. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor pela leitura (LOBATO, 1964, p. 256).

Numa era de tantas tecnologias, convivendo com meios de comunicação rápidos, alusivos e dinâmicos, em que as informações, notícias, músicas, jogos, filmes podem ser trocados por emails, cd's entre outros meios, o lugar do livro parece ter sido colocado em “segundo plano”. É como se o livro fosse “coisa” do passado, na era da tecnologia eletrônica e digital, porém, quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe os benefícios que uma “simples” história pode proporcionar, sabe também que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro e encontrar em cada uma delas um mundo repleto de encantamento e descobertas, pois “pensar nas crianças e na sua relação com os livros de literatura é pensar no futuro, e pensar no futuro é ter responsabilidade de construir um mundo com menos espaço para a opressão das diferenças” (GREGORIN FILHO, 2009, p.09).

## 2.2 AS ILUSTRAÇÕES NOS LIVROS INFANTIS

A literatura infantil contribui de variadas maneiras para o desenvolvimento do leitor, pois o convida a embarcar e conhecer outros mundos através da imaginação, guiando-se pelas palavras e também pelas ilustrações que recheiam as páginas dos livros. Ilustrações estas que podem ter diferentes definições, dentre elas a defendida por Zimmermann (2008, p. 11) como “uma imagem que exemplifica, ornamenta e explica um texto escrito, mas pode ser também uma imagem que o amplia, que adiciona a ele informações, que o questiona ou que o substitui. Muitas vezes é o ponto de partida de uma leitura, que não se encerra nas palavras”.

A criança necessita ser estimulada a refletir e buscar suas respostas diante dos acontecimentos da vida, uma vez que já recebe variadas “coisas” prontas como por exemplo alimentação, brinquedos, materiais didáticos, entre esses até cadernos e livros já desenhados para a criança apenas colorir, isso quando não vem indicando as cores. Assim, o livro infantil torna-se um elemento fundamental em seu universo, e a imagem que é parte integrante desse elemento torna-se essencial para instigar o pensamento, uma vez que as imagens não servem apenas para evidenciar o que lemos no texto, mas para mostrar caminhos, propostas e incentivo a novas leituras. Dessa maneira, “cada livro deveria nutrir a criança de alguma forma – com novas ideias, descobertas, humor ou vocabulário” (AIKEN, 1998, apud ZIMMERMANN, 2010, p. 159), seja através das palavras ou das ilustrações, imagens.

Quanto mais variadas forem as técnicas de desenho utilizadas, materiais, formas de representação, composições e combinações de cores, maior será o repertório de imagens do leitor. Além disso, sendo este estimulado a perceber essas diferenças, é também preparado para uma leitura crítica frente às imagens (ZIMMERMANN, 2010, p. 159).

Sendo assim, as ilustrações presentes nos livros constituem o texto visual e são consideradas uma forma de linguagem que instiga a curiosidade e interage com a criança, ajudando-a a compreender suas necessidades, problemas e aflições na infância. Quando a criança lê um livro transporta ao seu imaginário as histórias e também as imagens que vê, interpretando o livro como parte de seu universo, pois “uma ilustração rica, associada a um texto também rico, estimula a imaginação e a criatividade do leitor” (BIAZETTO, 2008, p. 89).

As ilustrações podem ser consideradas um importante componente mediador no processo de construção do conhecimento, pois cooperam para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, fornecem experiências que permitem ir além das vivências do leitor e ainda

“além do enriquecimento visual, incentivam o espírito criativo da criança na busca de soluções alternativas e no relacionamento com a diversidade” (LINS, 2003, p. 43).

Outro aspecto importante a ser destacado é que são as imagens contidas nos livros que atraem, fascinam e direcionam muitas vezes seus leitores, como sendo um dos fatores principais na escolha de um livro de literatura infantil, pois antes mesmo de explorar o interior de um livro, a criança, cada vez mais exigente em suas escolhas, é atraída pelos recursos visuais e somente depois de observar as figuras é que os pequenos leitores se decidem por ler ou não a história contada pelas palavras.

Assim, a ilustração mesmo “competindo” com tantos estímulos visuais e até eletrônicos, continua chamando atenção e dialogando com o público infantil, podendo também produzir na criança a vontade de ver a mesma imagem diversas vezes, ou seja, não se importando de ver, rever, ir e voltar, ler e reler, porque é diferente em cada uma das vezes, e isso torna a leitura instigante.

Cabe lembrar que a ilustração nem sempre teve essa atenção ou foi vista com a mesma relevância, passando por modificações no decorrer do tempo, pois lhe era atribuída apenas a tradicional função de ilustrar o texto, porém atualmente é possível perceber que imagem e texto são, igualmente, responsáveis pela narrativa. Em certos casos, a imagem toma a frente da narrativa e o texto pouco aparece ou se torna um roteiro. Em outros casos, como no livro de imagem, a narrativa é construída através da imagem, enquanto que a palavra destina-se somente ao título, nome do autor e sinopse, por exemplo.

De acordo com Zimmermann (2008, p. 24), “não há exatidão sobre quais teriam sido as primeiras publicações de livros infantis ilustrados e os nomes de seus ilustradores, devido à falta de registros e o anonimato de muitos profissionais”. Contudo, acredita-se que seus precursores foram os livros religiosos, as cartilhas escolares, principalmente as gramáticas e alfabetos ilustrados, além das enciclopédias.

Já no início do século XX, houve grande variedade de estilos de ilustração, estimulada pelo desenvolvimento tecnológico na área editorial. Também começa a aparecer no Brasil o livro ilustrado por profissionais brasileiros, porém, assim como na Europa, os ilustradores mantiveram seu anonimato, dificultando sua identificação, sendo que muitos desses ilustradores iniciaram suas carreiras como chargistas e cartunistas de jornais e revistas. Somente no final da década de 1960 é que a ilustração começa a ganhar destaque dentro do livro infantil brasileiro, uma vez que busca explorar estilos próprios e fugir de padrões europeus (ZIMMERMANN, 2008).

Com a necessidade de se expressar através de imagens, nasce o profissional das ilustrações, artistas que se especializaram em ilustrações. Assim como o escritor tem o papel de elaborar discursos usando as palavras, o ilustrador faz o mesmo através de ilustrações, ou seja, conta histórias e estimula emoções das mais variadas no leitor.

A imagem faz parte da história e ajuda a contar essa mesma história. [...] A imagem, portanto, não é uma mera figuração. Ela não está lá para o livro ficar bonitinho. É também uma linguagem. [...] por meio da interpretação do ilustrador, a criança tem a oportunidade de conhecer outras visões da história. [...] a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias (LINS, 2003, p. 1).

As imagens podem indicar um ritmo, um movimento para a leitura, até mesmo através de suas cores, que provocam a atenção das crianças. Ilustradores atentos fazem uso desse conhecimento para aprimorar suas técnicas, obtendo resultados harmoniosos usando cores<sup>3</sup> quentes, frias e complementares, que possam envolver ainda mais o leitor e a obra literária. Como afirma a ilustradora Fittipaldi (2008, p. 105), “quando há, na leitura esse relacionamento empático entre o ilustrador e o texto, a criação de imagens visuais pode melhor realizar sua potencialidade expressiva, tornando-se mais que uma tradução”.

Contudo, é importante lembrar que, em alguns livros, as ilustrações servem de apelo comercial ou de brindes para mascarar textos pouco ou nada criativos e até mesmo inexistentes. Já nos bons livros de literatura infantil a ilustração assume o importante papel de chamar atenção para determinados “detalhes”, provocar questionamentos, instigar a curiosidade, quem sabe até para alguma descoberta nas entrelinhas das palavras ou em relação a formas, cores e até quanto a desenhos “inusitados”.

As obras literárias são reconhecidamente provocadoras e divertidas e convidam os leitores a uma participação ativa, ou melhor, interativa, pois não fornecem respostas prontas.

Nesse sentido, é válida a reflexão acerca da produção de livros ilustrados para crianças, uma vez que, como qualquer forma de expressão artística, reflete valores, atitudes e conhecimentos pertencentes ao momento histórico, social e cultural em que é criada.

[...] as ilustrações dos livros infantis são elaboradas a partir de um contexto, o qual é formado pela cultura visual presente no universo do ilustrador e da criança, estas mesmas imagens, depois de incorporadas ao livro, também passam a fazer parte destes universos, num processo interativo e recíproco, entrelaçando ilustrador, criança e cultura (ZIMMERMANN, 2008, p. 90).

---

<sup>3</sup> São consideradas cores quentes o vermelho, amarelo e laranja; cores frias o azul e verde azulado; cores complementares: azul x laranja, vermelho x verde, amarelo x violeta.

A partir dessas referências, percebemos o valor das ilustrações e o quanto estas podem contribuir para uma aprendizagem rica, para a aquisição da linguagem, para o desenvolvimento do desenho a partir da imitação, e para estimulação da imaginação, fornecendo experiências diversificadas, que colaboram para compor o repertório imaginário da criança.

As ilustrações participam da composição estética, percebida em obras de qualidade artística, que também colaboram no sentido de proporcionar experiências profundas que atingem o leitor, causam inquietações e possibilitam o desenvolvimento de novas formas de pensar e experienciar o mundo. A partir dessa possibilidade de “experimentação” da literatura, percebemos um movimento de revitalização, atualização e melhor capacidade de reflexão, não necessariamente de algo novo, mas de algo que possa possibilitar uma aprendizagem mais significativa, profunda, duradoura e prazerosa. E é a partir desse prazer com a literatura que possibilitará ao leitor tornar-se mais “sensível, autônomo e crítico – vida afora; apto, inclusive, ao uso da linguagem nas suas funções mais pragmáticas do cotidiano” (DEBUS, DOMINGUES, JULIANO, 2010, p. 22).

Segundo Coelho (2000), a literatura infantil é arte que expressa com criatividade o mundo, o homem, a vida e, ainda, funde o imaginário e o real, os sonhos e suas possíveis/impossíveis realizações através de palavras e ilustrações.

### 3 OS ESTUDOS CULTURAIS E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS



*(...) Não procuro uma linguagem transparente. Ao contrário, o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos (...). Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e pensar. Não a clareza - mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. E é nos detalhes aparentemente sem importância, que estes efeitos se obtêm. A maneira - de - dizer tem de funcionar, a mais por si.*

Guimarães Rosa

A literatura infantil, a partir de suas potencialidades, torna-se desde cedo um valioso recurso que pode auxiliar os leitores a refletir sobre as inúmeras questões presentes na sociedade, dentre elas as questões étnicas, de gênero, de identidade, entre outros. Temas estes que também marcam a trajetória dos estudos culturais, que não se configuram como uma “disciplina”, mas como uma área em que diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade, às práticas sociais.

Podemos constatar que os estudos culturais ganharam amplitude e reconhecimento inserindo-se nos mais diferentes campos e fazendo sentido a todos eles, propondo abordagens de diversos temas importantes e necessários na sociedade contemporânea, seja problematizando ou propondo entendimento dos conflitos que envolvem temas diversificados.

Os estudos culturais podem alterar o que estudar e também o porquê estudar certos “assuntos” em uma sociedade envolvida ou até mesmo dominada pelos meios de comunicação. Em resposta à proliferação de formas culturais em nossa sociedade, estes estudos expandem o campo dos estudos literários e se propõem a entender todas as formas de produção cultural.

De acordo com Cevalco (2003), os estudos culturais são originários da crítica a uma concepção doutrinária do conceito de cultura, que traria à tona a marginalidade dos “de baixo”. Com isso, os estudos culturais emergem de uma conjuntura ligada à tradicional crítica

estruturante da esquerda sobre o conservadorismo político da sociologia inglesa postulados, como um “espectro, ameaça” que traria para o debate uma diferenciada forma de se conceber a crítica cultural. Provenientes de debates realizados no seio da classe trabalhadora, através da WEA (Worker’s Educational Association), os estudos culturais, na figura de Edward Palmer Thompson, Richard Hoggart e Raymond Williams, apresentam um entendimento que transcende as discussões até então travadas no interior da crítica cultural. Para estes estudiosos, a diferenciação se dava justamente no ato de se questionar as formulações existentes sobre o papel da cultura no âmbito da sociedade moderna. Apontavam que esta dimensão da vida seria um privilegiado palco de disputas e tensões e, ainda, de afirmação dos valores e significados existentes na produção dos trabalhadores, ou seja, questionavam tanto os valores de definição da alta cultura quanto o paradoxo existente entre civilização e cultura.

A partir de toda esta dimensão política existente na história de formação dos estudos culturais, Cevalco (2003) destaca os atuais embates travados no âmbito deste campo de análise, desde sua aparição em meados do século passado na Inglaterra, passando pela sua migração para os Estados Unidos e chegando a sua relação com o Brasil.

Neste viés, Culler (1999) menciona que o trabalho dos estudiosos nessa área, em sua concepção ampla, é explicar o funcionamento da cultura no mundo contemporâneo e pensar como a produção cultural pode contribuir para um mundo mais justo e igualitário, ou seja, compreender o funcionamento da cultura, no mundo moderno, como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do estado, indústrias, da mídia e corporações e economias multinacionais. Quando nos referimos à cultura, estamos apontando para um campo no qual os seres humanos produzem e reproduzem suas vidas, valores e significados, e não um campo isolado, separado da vida real. Por isso, mais do que uma multiplicidade de culturas, no que se refere à variedade ou pluralidade, vivemos em um contexto de diferentes culturas, que são marcadas por singularidades advindas de processos históricos, políticos e também culturais por meio dos quais são construídas. Assim, a cultura não deve ser vista como um tema e nem como disciplina, mas como um eixo que orienta tanto as experiências como as práticas.

Os textos literários também são considerados como formas de produção cultural, pois permitem ao leitor conhecer o modo de viver, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares, possibilitam ainda a apropriação de novos conceitos e a partir destes reorganizar a percepção de mundo. Quando o leitor tem oportunidade de dialogar com a literatura, está realizando uma prática social de

interação através de signos que permitem desvelar a realidade e consequentemente estabelecer vínculos com manifestações socioculturais. A renovação de valores diz respeito à diversidade na sociedade, rompendo com uma visão construída sob o fundamento das “diferenças” como algo “negativo”.

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos (GOMES, 2007, p. 17).

Segundo Gomes (2007), contudo, há uma tensão nesse processo, pois, por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, existe uma tendência nas culturas, de um modo geral, em ressaltar como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando certo estranhamento, rejeição e até mesmo preconceito em relação ao diferente. Colaborando com essa ideia, Marisa Costa (2003, p. 6) afirma que:

Contemporaneamente, quando falamos de diversidade cultural, estamos, de várias maneiras, conectados aos discursos sobre raça, sobre gênero, sobre normalidade e anormalidade, sobre os deficientes, os excepcionais, os estranhos, os pobres, os hiperativos, os gordos, os loucos, os velhos, enfim sobre os incontáveis “outros” das sociedades que povoam o planeta. [...] Todos estes grupos estão, de diferentes formas e intensidade implicados em práticas de governamentalidade (discursivas e não discursivas), entre elas, aquelas levadas à efeito pela maquinaria escolar, pela mídia, pela literatura, pela ciência da saúde, etc.

O ser humano se constitui por meio de um processo complexo, sendo ao mesmo tempo semelhante (enquanto gênero humano) e diferente (enquanto forma de realização do humano ao longo da história e da cultura). Entendemos que o que torna o ser mais semelhante enquanto gênero humano é o fato de todos mostrarem diferenças de gênero, raça/etnia, idades, culturas, experiências, entre outros. O grande desafio está em desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor ou pior do que outro, apenas é diferente. No entanto, cabe lembrar que, quando se trata de diversidade cultural, há variação de contexto para contexto, ou seja, nem sempre aquilo que se julga como diferença social, histórica e culturalmente construída recebe a mesma interpretação nas diferentes sociedades.

Observamos também que, para os estudos culturais, o acesso aos textos literários infantis proporciona maior eficiência quando passam a ser uma prática inclusiva de aceitação da diferença e da diversidade nas representações culturais e literárias. Assim, tanto a memória cultural quanto a recepção do leitor podem ser abordados como partes do processo de leitura; leitura esta considerada uma prática social que possibilita a inclusão em que o estético e o ético não são separados, possibilitando ao leitor se colocar coletivamente no ato de ler. Com isso, a leitura promove aproximação do leitor com a produção cultural de diferentes épocas, “podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor” (LAJOLO, 2005, p. 112-3).

É abordando assuntos como questões étnicas, gênero, identidade e outros que a literatura torna-se elemento importante na constituição cultural, podendo colaborar na reorganização das percepções de um mundo mais plural, isso porque a literatura tem “o mérito de expor o leitor a outros pontos de vista, habituando-o ao pensamento e ao sentimento pluralista, convencendo-o de que existem outras formas de ver o mundo além das suas” (CEVASCO, 2003, p. 30).

### 3.1 IDENTIDADE

A identidade é destacada como uma questão central nas discussões contemporâneas, evidenciando uma nova perspectiva com relação a homens e mulheres. Por exemplo, no que diz respeito à busca da emancipação feminina, desmistificação do “príncipe encantado” e a desconstrução dos estereótipos de beleza, que podem ser percebidos na literatura mais tradicional, o debate amplia a discussão de gênero (masculino e feminino) para as relações entre os indivíduos.

A partir de Stuart Hall, é possível compreendermos identidade como “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2003, p. 38). Para ele, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, pois, no momento em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o confronto de uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possível surge.

Hall (1997) aponta três concepções diferenciadas e relevantes de identidades que refletem o processo intelectual de mudança do conceito de identidade fixa, para uma identidade mais plural que são: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito do iluminismo era centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação, em

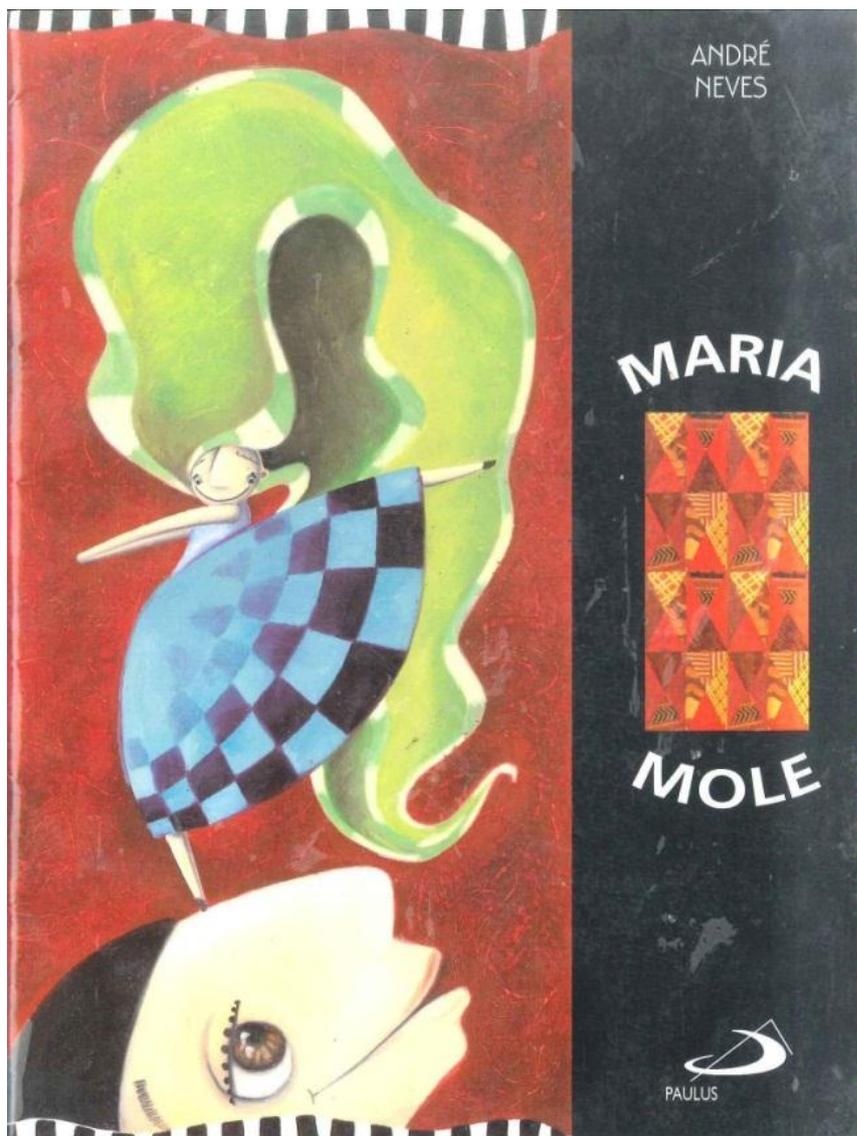
que o centro consistia num núcleo interior. O sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior não era autônomo nem autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas, ou seja, formado na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Já o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, ao contrário, é móvel, formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, ou seja, contemporaneamente o sujeito assume identidades diferentes em vários momentos, as mesmas não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, mas são possibilidades divergentes, empurrando em diferentes direções, de uma maneira tal que as identificações são continuamente deslocadas.

Ainda, de acordo com Hall (2003), as velhas identidades, que estabilizaram o mundo social por tanto tempo, estão em declínio, trazendo com isso o surgimento de novas identidades.

[...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais [...] (HALL, 2003, p. 09).

Esses fatores são de extrema importância para o estudo das identidades dos sujeitos leitores quanto ao modo de pensar, aprender, ensinar, dialogar, fantasiar, sonhar, sentir e até emocionar-se, pois, “graças à literatura, a vida se compreende e se vive melhor, e entendê-la e vivê-la melhor significa vivê-la e partilhá-la com os outros” (LLOSA, 2009, p. 66).

É o que podemos perceber nas duas histórias a seguir. A primeira conta a história de *Maria Mole*, de André Neves.

Figura 1- Capa do livro *Maria Mole*.

Fonte: Neves, 2002.

*Maria Mole* é o título do livro escrito e ilustrado por André Neves<sup>4</sup>, publicado em 2002, contendo 32 páginas e que faz parte do acervo do PNBE de 2008. É um livro que prioriza a imaginação, favorece a experiência estética através de seus detalhes visuais, como cores, formas, desenhos e também com o texto verbal. Essa obra faz parte da Coleção *Arteletra*, composta por títulos de literatura infantil de autores e ilustradores renomados.

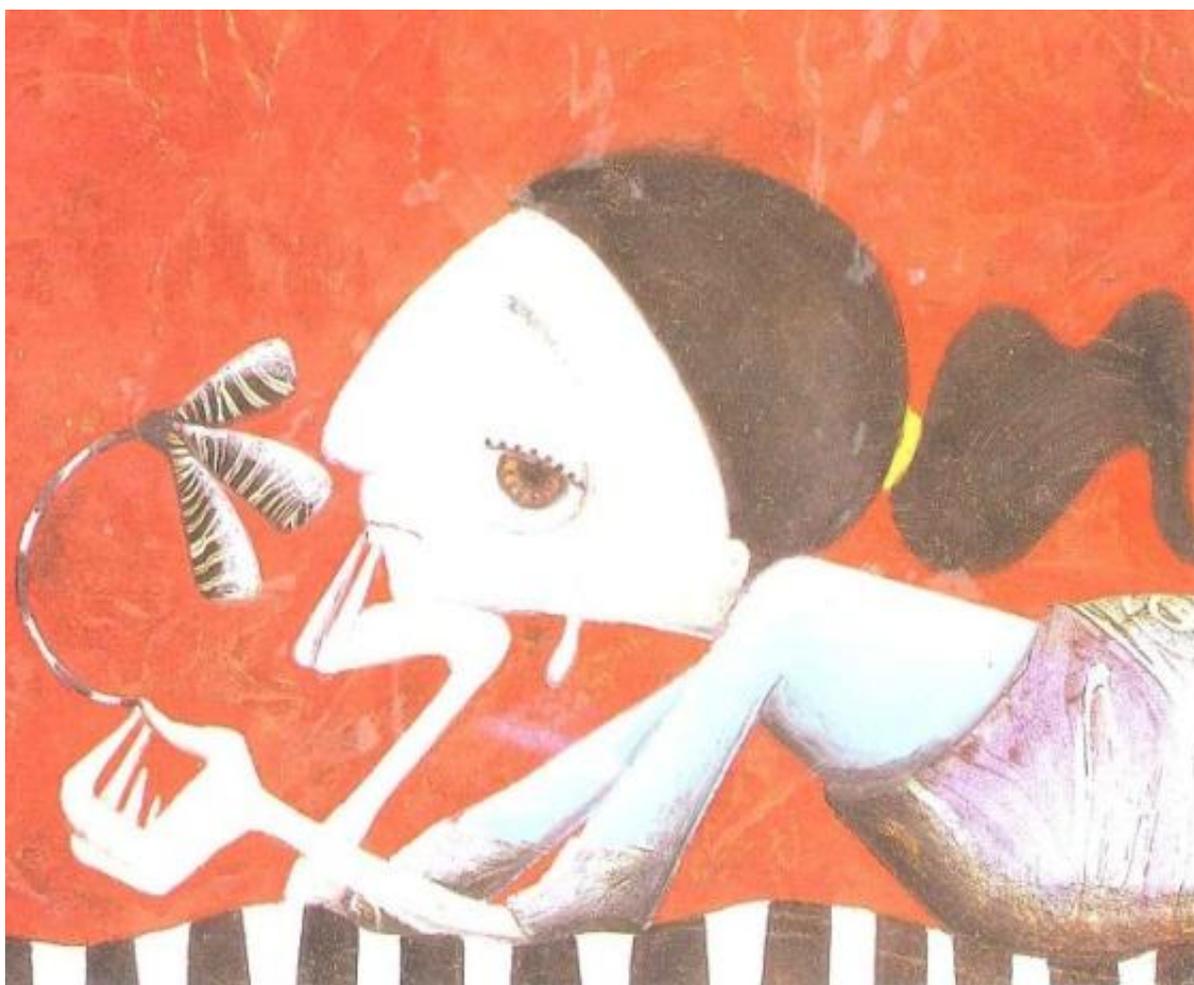
---

<sup>4</sup> André Luiz Neves da Fonseca nasceu em Recife e lá começou a desenvolver suas primeiras atividades relacionadas à literatura infantil. É formado em Relações Públicas, começou a estudar Artes Plásticas em 1995, promove palestras e oficinas sobre Literatura Infantil e Juvenil, atua como escritor e ilustrador de suas obras e de outros autores. André dedica-se a arte de escrever, com vários livros publicados por diversas editoras e também ilustrar, para crianças de todas as idades, suas imagens já foram vistas por crianças e adultos do mundo inteiro em mostras de ilustração dedicadas à infância, além de ter recebido vários prêmios em reconhecimento ao seu trabalho. Disponível em: <http://voluntarios.institutocea.org.br/posts/4011>. Acesso em 16/10/2013.

O livro conta a história de Maria, uma menina comportada, obediente, estudiosa, porém, tinha uma aparência deprimida, olhos tristes, demonstrando que havia algo de errado em sua vida, talvez medo de se mostrar diferente perante os outros, “Maria era assim. Não Maria Mole, outra Maria. Uma Maria menina com olhos tristes de tanto chorar esse choro que pouquíssimas pessoas sabem escutar” (NEVES, 2002, p.8). E ainda, seu medo era “sem tamanho, sem medida. Aquele medo que nem mesmo é medo, é covardia de não aceitar que cada um possa ser o que quiser, mesmo que seja diferente” (NEVES, 2002, p. 10).

Sua fisionomia abatida, olhar melancólico, cabelo amarrado apenas com uma presilha de cor clarinha esconde a menina que está “dentro dela”, como mostra a ilustração 2 e 3 que acompanha o texto escrito.

Figura 2- Recorte da ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 9.

Figura 3- Ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 11.

Era assim que Maria se sentia. Sua maneira de ser incomodava até mesmo em sua casa, quando demonstrava um pouquinho suas vontades era contrariada por sua mãe quanto a seus gostos, como, por exemplo, seu modo de se vestir, e seu pai, homem mandão, tinha um olhar baixo, estranho, escolhia os locais e momentos para Maria brincar, delimitando seus espaços.

Assim, a menina “interior” cheia de cores, como azul, amarelo, vermelho, roxo, verde, só refletia a cor cinza “porque cinza era a cor com que ela se sentia por fora, mesmo sem querer” (NEVES, 2002, p. 10).

Mas um dia Maria decidiu dar um basta nessa situação e cria em sua imaginação “Maria Mole”, que é uma personagem que ajuda a menina a perder o medo de expressar seus

sentimentos. Maria vai percorrendo o caminho em busca do que lhe deixa feliz, criando estratégias para definir a situação de conflito que está vivendo, começa a deixar de lado o medo de expressar seus desejos e sentimentos, abrindo seus olhos para a vida.

Já nas primeiras páginas do livro Maria sai em busca de sua autonomia, “e como Maria Mole de mole não tem nada, sentiu aquele sentimento confuso e saiu atrás da menina flutuando no vento como perfume de flor” (NEVES, 2002, p. 8). Então a passividade de Maria é colocada de lado, e no decorrer dos acontecimentos a menina vai descobrindo que esse medo de ser ela mesma pode ir sumindo, através da descoberta de sua coragem, da descoberta da Maria Mole que vem de sua imaginação. Como aparece na ilustração 4, esbanjando um belo sorriso, seguido de movimentos de liberdade.

Figura 4- Ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 15.

Com a ajuda de Maria Mole, a menina Maria decide abandonar a situação de angústia, de tristeza e enfrentar seus medos e conflitos, “ela decide dar um basta na situação” (NEVES, 2002, p. 14). Permite mostrar-se e “no dia seguinte nem pai, nem mãe, nem vizinho, nem a meninada que brincava na rua acreditaram quando Maria acordou com vontade de não ser o que os outros queriam que ela fosse, mas aquilo que ela queria ser” (NEVES, 2002, p. 16). A partir desse momento:

[...] Maria abriu bem os olhos para a vida e vestiu o vestido de que mais gostava. Justamente o que ela mesma inventou. A roupa que sua mãe, por sinal, detestava. Penteou o cabelo do jeito que sempre fazia escondida. Usou tranças, grampos, fivelas e laços de fitas por todos os lados (NEVES, 2002, p. 16)

E antes que alguém pudesse querer desencorajá-la foi logo dizendo:

Vestir vestido colorido  
Com babado, renda e bico  
Deixa o espírito dolorido  
Mais alegre e divertido  
Como se estivesse revestido  
Com babado, renda e bico (NEVES, 2002, p. 16)

Figura 5- Ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 27.

Finalmente a menina abandona o “espírito dolorido” e se permite ser “colorida”, alegre, usando aquilo que lhe dá prazer, que a identifique. Mas como nos lembra Bauman (2005), a construção da identidade é uma experimentação infundável, ou seja, pode-se assumir uma identidade num momento, “mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida” (BAUMAN, 2005, p. 91).

E sentindo-se feliz, Maria vai ao encontro da mãe, primeira personagem que aparece naquele momento e que é conquistada através de um “beijo gostoso” com “sabor doce”, demonstrando uma relação de carinho e deixando-a de “coração mole”, ou seja, cedendo aos encantos da filha. Em seguida, sai pinoteando em busca do pai para convencê-lo a deixá-la brincar com seus amigos na rua, no entanto, ele não lhe dá atenção, continua com sua leitura do jornal, sem interesse nos desejos da filha.

Figura 6- Recorte da ilustração do livro *Maria Mole*.



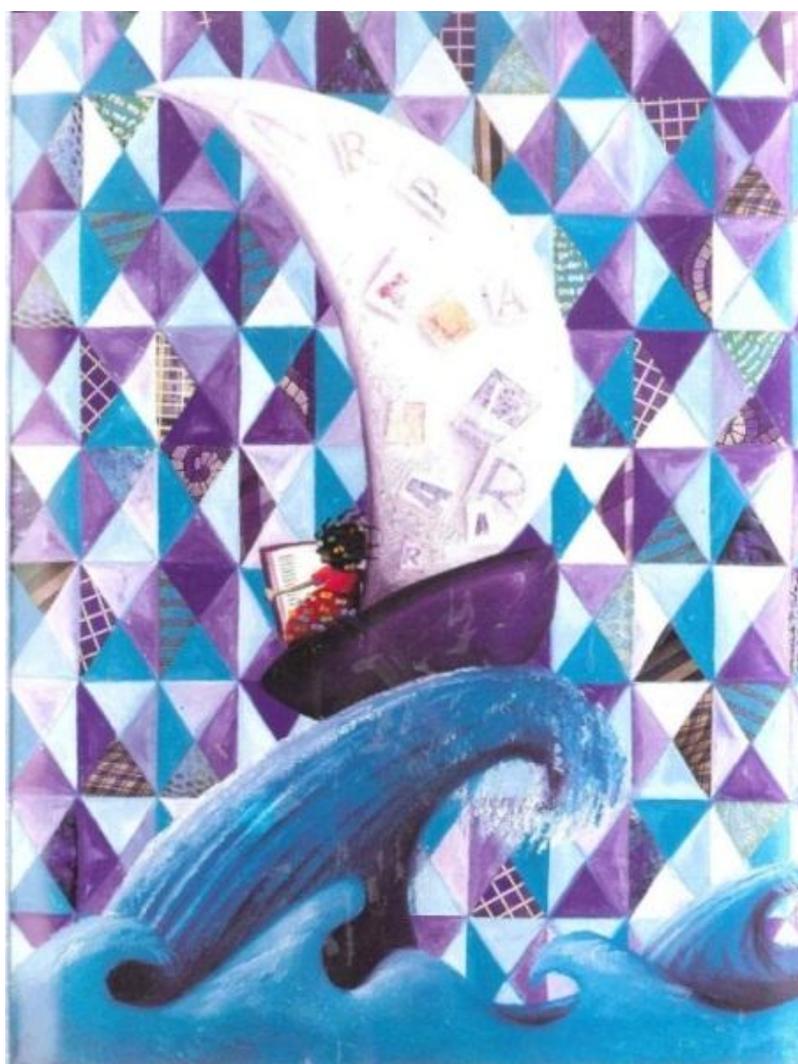
Fonte: Neves, 2002, p. 17 e 19.

Maria tem seu pedido negado, com isso, tem a escolha de brincar dentro de casa ou ir para o quarto estudar e é o que faz. No quarto, pega um livro e começa a ler, afinal:

Nos livros ela encontrava aventura e imaginação. Encontrava pessoas e histórias que nunca vira antes. Desvendava segredos e mistérios perigosos. Corria por longos corredores que chegavam a castelos encantados. Conhecia também diversos países maravilhosos e navegava por mares de ondas altas que a levavam além das nuvens, onde o céu é completamente azul. Maria, de lá, voava com as palavras, sim, porque com as palavras ela também podia ser tudo o que queria ser (NEVES, 2002, p. 2).

A ilustração a seguir (figura7) mostra a menina navegando em altas ondas, mostrando que a literatura possibilita um verdadeiro mar de sentimentos, afinal o livro dá a oportunidade de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

Figura 7- Ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 21.

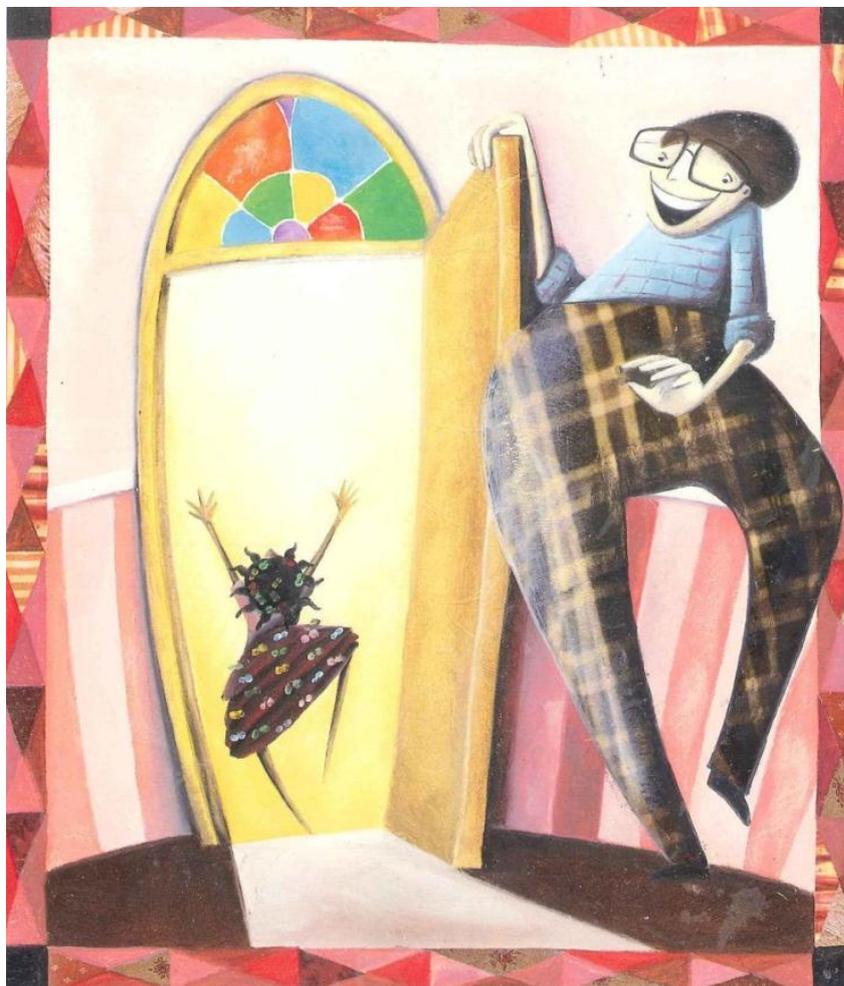
E ainda:

[...] a literatura nos libera, por um tempo, das obrigações e das pressões das inúmeras ficções a que somos submetidos. Ela nos dá de presente uma realidade que, embora seja reconhecível, é diferente: mais precisa, mais profunda, mais intensa, mais plena, mais durável do que a realidade do lado de fora. No melhor dos casos,

ela nos dá forças para retornar a esta realidade aqui e lê-la, também com mais perspicácia... (HUSTON, 2010, p. 133).

É o que fez a menina após ficar completamente envolvida em suas leituras, tomou coragem, foi até o pai novamente, numa segunda tentativa e lhe falou “versos alegres cheios de sabedoria” (que ela havia aprendido nos livros que costumava ler), na intenção de convencê-lo do que “naquele momento era importante e o que poderia esperar” (NEVES, 2002, p. 22). O pai foi deixando-se envolver aos poucos, até que finalmente deixou que Maria brincasse na rua com seus amiguinhos.

Figura 8- Recorte da ilustração do livro *Maria Mole*.

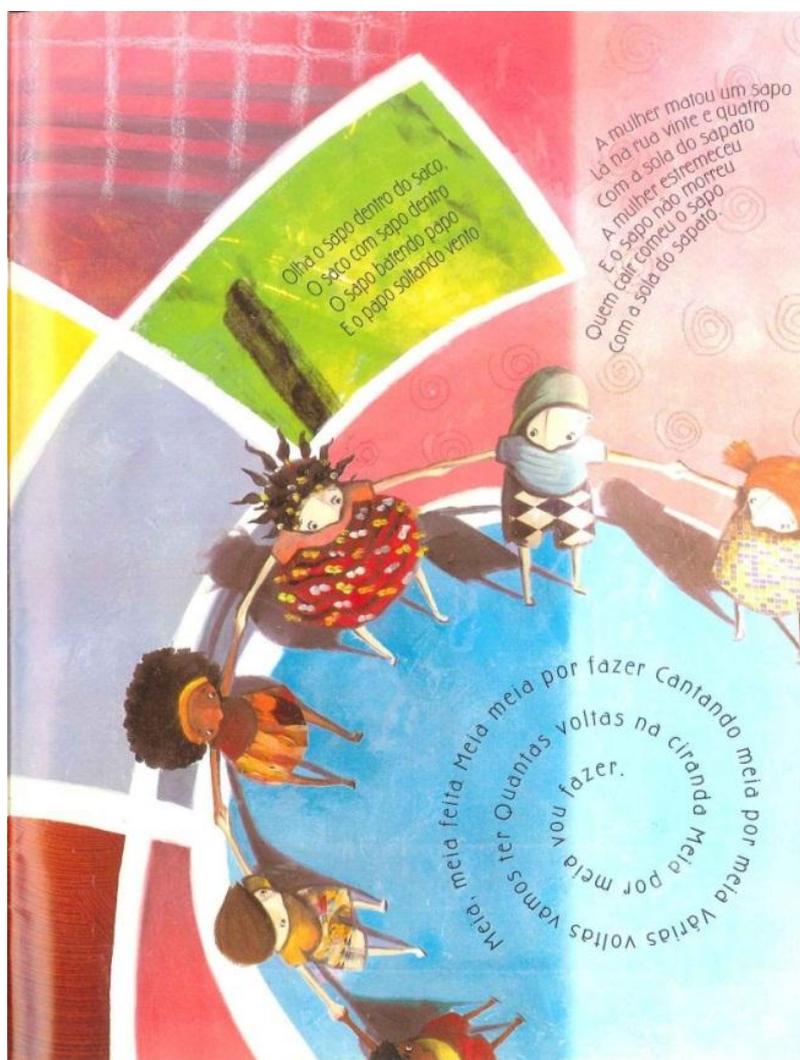


Fonte: Neves, 2002, p. 23.

O pai abre a porta e Maria sai saltitante. A ilustração mostra a menina levantando os braços como um sinal de libertação, enquanto que o pai acompanha com satisfação a atitude da filha.

Já na rua, Maria brinca com seus amigos “cheia de ousadia”, com “olhar leve”, enquanto a meninada se entregava ao seu jeito “esquisito, estranho, mas divertido de ser” (NEVES, 2002, p. 24), ou seja, diferente “apenas” do que estavam acostumados a ver. Maria brincava de roda com meninos e meninas de mãos dadas, demonstrando que não há brincadeiras que sejam somente de menina ou de menino. Aparecem nessa roda crianças de cor branca e negra, com características distintas, mostrando que não somente a menina (personagem principal) é diferente no vestir ou agir se comparada aos demais.

Figura 9- Ilustração do livro Maria Mole.



Fonte: Neves, 2002, p. 25.

A ilustração mostra movimento, música, versos, cores, brincadeira e Maria entre seus amigos como imaginava em seus sonhos.

Passado todos os acontecimentos de conflito, Maria se aceita como é, não tendo mais medo de mostrar-se aos outros “abriu os braços para não segurar suas vontades e deixou o vento soprar para fora aquele medo miudinho, que foi sumindo [...]. Maria finalmente sentiu o medo como uma coisa normal, em qualquer pessoa, em qualquer ser vivo” (NEVES, 2002, p. 28). Assim, a menina Maria que tinha olhar triste transforma-se e esbanja movimentos, está radiante de felicidade por ter conseguido resolver seus conflitos interiores. Afinal,

estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outros como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras (BAUMAN, 2005, p. 19).

Figura 10- Recorte da ilustração do livro *Maria Mole*.



Fonte: Neves, 2002, p. 29.

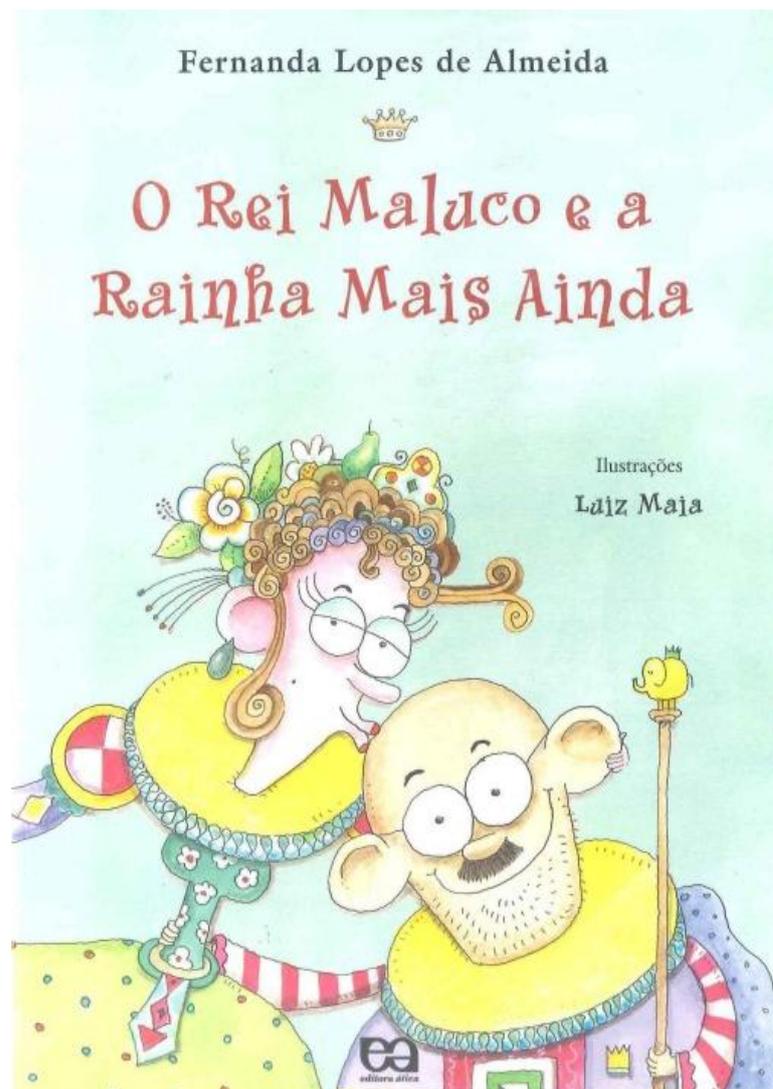
É relevante ressaltarmos que esta obra possibilita ao leitor refletir, se identificar e até mesmo se questionar quanto ao medo de mostrar-se diferente perante os outros.

Outra questão importante de frisar é que a personagem protagonista dessa obra rompe com as tendências de muitas histórias, ou seja, dos contos tradicionais como *A Bela*

*Adormecida*, *Cinderela*, entre outros, em que a mulher/menina desempenha papel passivo. Como podemos notar, o caminho foi percorrido de modo gradativo pela menina, que inicialmente aparece com aparência triste, com medo; num segundo momento, ela parte em busca da solução para seu conflito, criando em sua imaginação Maria Mole; depois consegue conquistar a mãe; em seguida conquista o pai, apesar de ter sido com mais dificuldade; mostra-se aos outros (seus amigos) e, por fim, curte sua felicidade, mostrando que há esperança quanto a um mundo melhor, um mundo possível, que permite transformações e diversidades, porém, envolve mudanças individuais e mudanças em grupos maiores de pessoas, ou seja, nos faz lembrar o sujeito sociológico moderno indicado por Hall (1997), que é formado na relação com outras pessoas.

A segunda história é *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda*.

Figura 11- Capa de *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda*.



Fonte: Almeida, 2006.

Uma história escrita em 2006, por Fernanda Lopes de Almeida<sup>5</sup> e ilustrada por Luiz Maia<sup>6</sup>. Essa obra, com 128 páginas, é organizada em 25 capítulos, faz parte do acervo do PNBE de 2008 e pertence à Coleção Fernanda Lopes de Almeida<sup>7</sup>, que conta também com outros títulos: *A Aranha, a dor de cabeça e outros males que assolam o mundo*; *A fada que tinha ideias*; *A lei do mais forte e outros males que assolam o mundo*; *Contos de Perrault e Soprinho – o segredo do bosque encantado*. *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda* gira em torno de Heloísa, menina determinada, curiosa, um tanto desconfiada, que se envolve com todos os demais personagens, os quais a auxiliam e contribuem para a formação de sua identidade no decorrer da história.

A história se passa num reino fantástico, onde não vigoram as normas do senso comum, e o povo fala o que tem vontade, com liberdade de pensamento, ou seja, não são tolhidos por convenções pré-existentes. É nesse lugar “mágico” como nos contos de fada que Heloísa (protagonista) se permite conhecer, motivada por sua curiosidade, em busca do “novo” e que no decorrer da história lhe proporciona aprender, enfrentar situações que contribuem para seu crescimento.

A menina Heloísa até então satisfeita em seu mundo ordenado e cheio de regrinhas "já ia adormecer quando viu uma formiguinha de saia vermelha e lenço na cabeça, passeando pelo lençol" (ALMEIDA, 2006, p. 7). Após um diálogo, a formiga percebe que a menina sofre de “dicionário” (uma enfermidade que tem como principal sintoma o apego ao sentido já estabelecido das palavras). A formiga faz um convite para a menina conhecer um “mundo diferente”. Apesar da menina demonstrar-se um tanto assustada, aceita o convite e a formiga resolve levá-la ao castelo do rei Maluco, com o objetivo de curá-la desta grave doença e, quem sabe, ver um “estafilágrio” coisa que ninguém sabe o que é.

A formiga falante e questionadora é ilustrada muito pequena em seu primeiro contato com Heloísa e aumenta de tamanho assim que seu convite é aceito. A personagem da

---

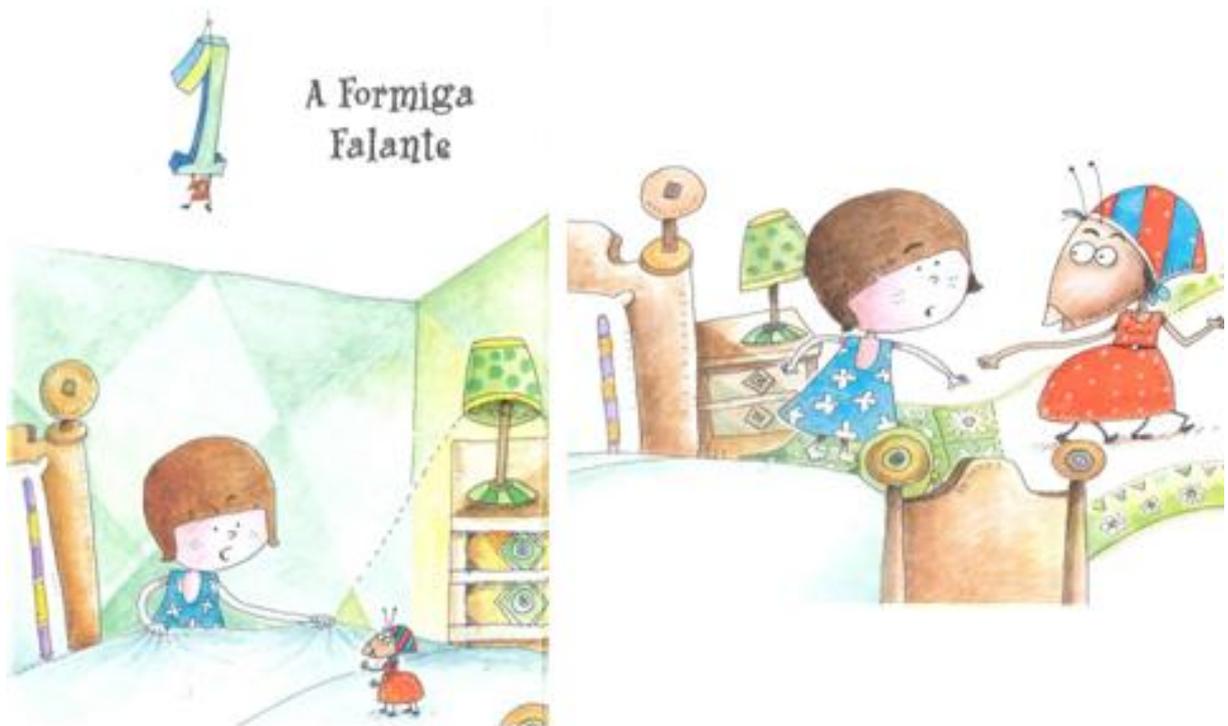
<sup>5</sup>Fernanda Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro e faz parte do grupo de escritores que renovou a literatura infantil brasileira na década de 1970. É psicóloga por formação e passou muitos anos lidando com crianças. Seu primeiro livro chamado Soprinho, foi vencedor do Prêmio Jabuti de melhor livro infantil em 1971. Disponível em: [http://contoscantoseencantos.blogspot.com.br/2008/08/conversa-informal-fernanda-lopes-de\\_10.html](http://contoscantoseencantos.blogspot.com.br/2008/08/conversa-informal-fernanda-lopes-de_10.html). Acesso em: 16/10/2013.

<sup>6</sup>Luiz Maia nasceu em 1954, numa pequena cidade de Minas Gerais, chamada Sabará. Na década de 1970, iniciou sua carreira como artista plástico, expondo seus trabalhos na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. Também realizou trabalhos no campo das artes cênicas, criando cenários, histórias e fazendo mímica. Ilustrava jornais alternativos e suplementos literários em Minas Gerais. Já recebeu vários prêmios com suas ilustrações. Disponível em: [http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores\\_ilustradores&action=detalhes&autor=007056](http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=007056). Acesso em: 16/10/2013.

<sup>7</sup>Essa informação encontra-se no interior da contra capa do livro (também chamada de pasta).

formiga simboliza em Heloísa seu lado de inquietação, curiosidade, da possibilidade “do novo”, ou seja, de uma identidade em processo, ora com avanços e também recuos, superações e resistências. Afinal, “atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com os precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras” (BAUMAN, 2005, p. 60).

Figura 12- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 6 e 10.

Mesmo em meio à dúvida e achando que a formiguinha estava caçoando, a menina é tomada por um sentimento que a incomoda:

Heloísa achou que ela estava caçoando, mas a formiga puxou um lencinho e enxugou uma lágrima de emoção:

- Hoje é o dia mais feliz da minha vida! Desde que você nasceu, eu me esforço para incomodá-la e, afinal, hoje estou conseguindo!
- Mas porque esse esforço todo para me incomodar?
- Porque só os incomodados é que se mudam.
- Agradeço o interesse, mas fique sabendo que não pretendo me mudar.

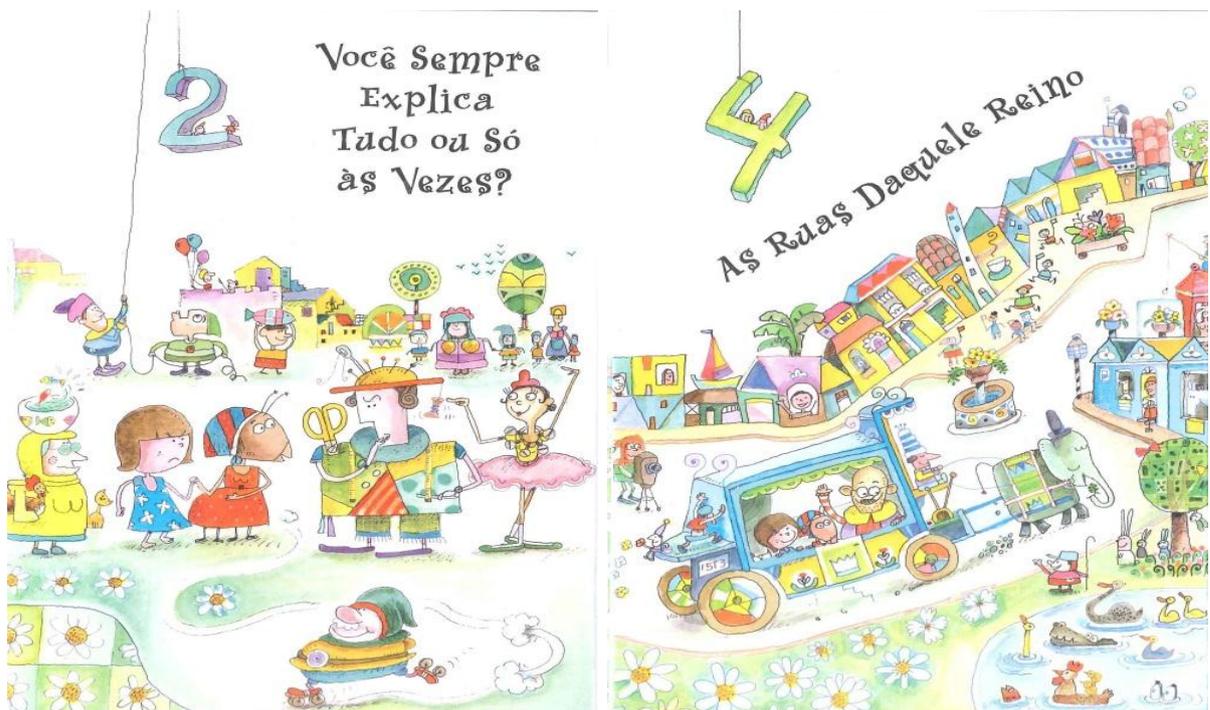
A formiga fez cara de medo:

- nem diga uma barbaridade dessas, menina. Já pensou que perigo uma pessoa que não se muda? (ALMEIDA, 2006, p. 9).

Este sentimento impulsiona a menina a acompanhar a formiga, mesmo com medo, em busca do que ainda não conhece, de novos aprendizados que lhe causariam questionamentos, mudanças quanto sua identidade. Esse é o desafio da formiga abalar as estabilidades de Heloísa, pois como afirma Bauman “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (2005, p. 60).

Heloísa leva na bagagem referências do seu mundo, no entanto, no reino para onde a menina é levada existe um povo vestido das maneiras mais extravagantes e dizendo coisas aparentemente absurdas, que costumam desenvolver suas atividades com alegria, apesar de todo dia ser feriado por lá.

Figura 13- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 12 e 22.

Num primeiro momento Heloísa se mostra assustada diante do que vê, pois os habitantes comportam-se diferente do que a menina estava acostumada. Heloísa não larga a mão da formiga, como num gesto de buscar apoio, segurança. Já num segundo momento, a ilustração mostra uma menina sorridente apreciando as “novidades” desse novo mundo num

passaio em uma carruagem, transporte muito criativo, mistura de carro com carroça e ainda empurrada por alguém que não está no chão, mas em cima do transporte. A menina desfruta da companhia de um rei e da formiga, sua inseparável companheira, enquanto observa encantada a beleza do reino.

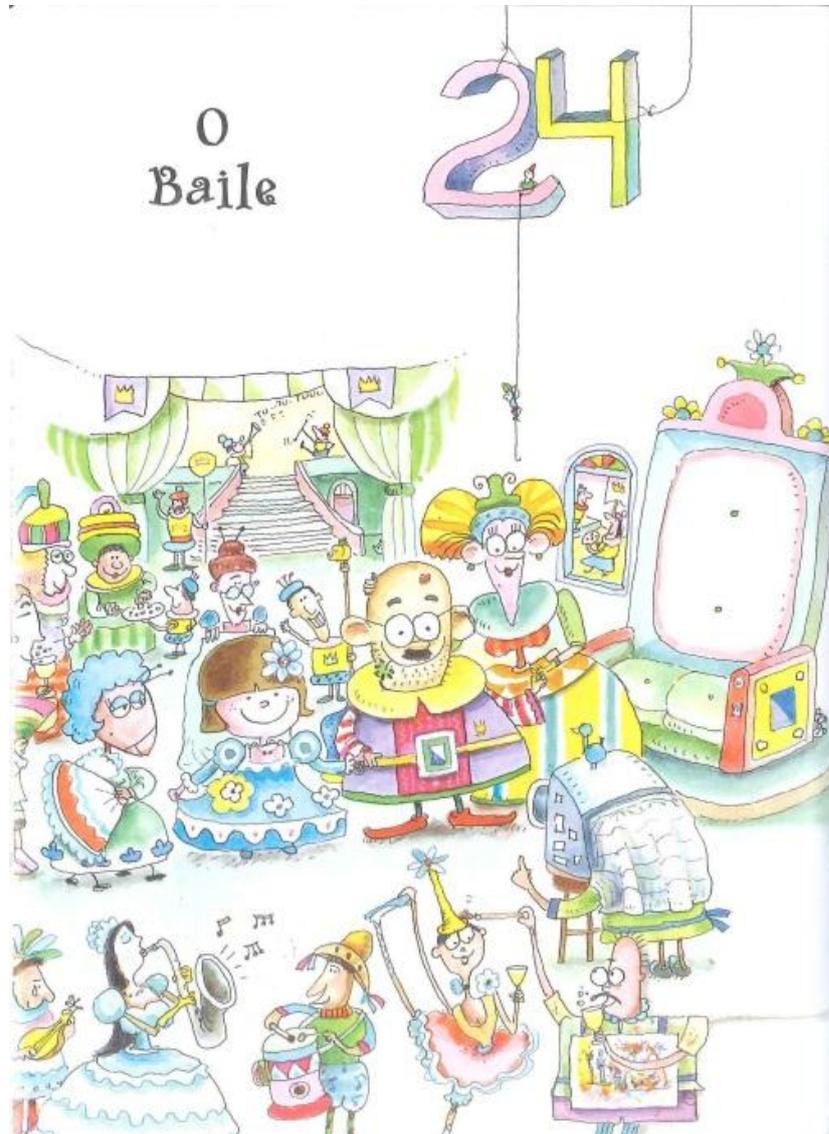
Há nesse reino além do rei uma rainha e também outros personagens, como: uma moça que vive debruçada à beira de um poço procurando encontrar-se lá dentro; uma velhinha (mãe do rei) que toma conta da Torre do Sono para não deixar ninguém dormir, porém Heloísa a procura por três vezes, tentando fugir da realidade em que se encontra, buscando no sono o refúgio; o rei Ajuizado que procura fazer tudo de modo correto, não suportando que Heloísa se abra para realidades diferentes, pois é muito preconceituoso, sempre pronto a julgar; o juiz que acompanha o rei Ajuizado; o palhaço; a princesa; as costureiras; o médico; o hipopótamo; a viúva; a bailarina; entre outros. Esses habitantes do reino, à medida que vão relacionando-se, convivendo com Heloísa, vão questionando-a, colaborando no seu crescimento e provocando mudanças no seu modo de pensar, agir, fazendo com que a menina abra mão de suas certezas e estabilidades. De acordo com Viegas (2013), a descoberta do diferente e a possibilidade de modificar-se (mostrada pela personagem Heloísa) aproxima o leitor da consciência da diversidade e, portanto, da solidariedade, além de estimular à autoria, à construção e desconstrução de ideias a partir da interação com o texto, o que é fundamental para o exercício da cidadania.

O rei Maluco, após conversar por algum tempo com Heloísa, decide que quer dar uma festa em homenagem à menina, pois ela é “uma menina que existe” e por isso precisa comemorar seu aniversário de crescimento. Ora dialogando, ora resistindo, ora achando que está correndo perigo, ora rendendo-se diante das situações vivenciadas nesse reino e em certos momentos discutindo e até ficando irritadíssima com os novos conhecidos, Heloísa vai aos poucos aprendendo, fazendo “progressos extraordinários” (ALMEIDA, 2006, p. 40), descobrindo que cada um tem o seu jeito de ser e que existe mais de uma maneira de ver as coisas.

Heloísa, que havia saído de casa só de camisola, argumenta com o rei, com a rainha e com a formiga que precisa encontrar um vestido para a festa, pois é impossível participar de uma festa com roupas de dormir. O rei, a rainha e a formiga começam a questionar a menina se a impossibilidade de participar da festa usando camisola estava nos outros quanto ao que iriam achar ou nela preocupada com a opinião das demais pessoas do reino. Durante a busca por uma roupa adequada para a festa é que acontece seu envolvimento

com os demais personagens, até que chega o momento tão esperado do baile, que é também o momento de comemorar seu “aniversário de crescimento” (ALMEIDA, 2006, p. 118).

Figura 14- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 116.

A menina Heloísa ganha um lindo vestido azul enfeitado com flores e babados, sapatinhos de cetim e um penteado feito pelas costureiras e pela formiga. O rei abre o baile convidando Heloísa para dançar e ela sai deslizando entre os convidados. Após dançar muito não só com o rei, mas com os demais convidados é chegada a hora do bolo. Os lacaios aparecem carregando um enorme bolo com mais de duzentas velinhas, idade que os habitantes do reino consideravam ter a menina, pois para eles os anos não podiam ser contados tendo 365 dias, mas pelo crescimento que poderia acontecer em dez dias, dez minutos ou até em

segundos. Heloísa acaba aceitando todas as velinhas que apontavam sua idade de crescimento e por considerar-se madura o suficiente até aceitou casar-se com o engraxate. Após todos os acontecimentos, já no final da festa a menina pode ver o rei coroado e finalmente volta para casa em meio a um nevoeiro e dorme profundamente.

Figura 15- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 121.

Figura 16- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 123.

No dia seguinte, Heloísa pensou ter sonhado, até que escutou a voz da formiguinha ao seu lado e desde então não mais se separaram, viveram juntas muitas

venturas, ou seja, outros ciclos na vida, que lhe proporcionaria novos aprendizados e consequentemente a continuidade da construção de sua identidade.

Figura 17- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 124 e 125.

A formiga, com simplicidade e sabedoria, questiona a menina: “que graça tem ver o que você já conhece? O importante é ver o que ainda não viu” (ALMEIDA, 2006, p. 8), ou seja, a formiga instiga Heloísa a dar oportunidade para o novo, o diferente, para o desconhecido. Logo após afirma: “pobre menina! Não acredita em nada nem em ninguém” (ALMEIDA, 2006, p. 9). E ainda para Heloísa as coisas necessitam ser bem explicadas “gosto das coisas bem claras e vou continuar gostando” (ALMEIDA, 2006, p. 14); como precisa que tudo faça sentido, é considerada “rabugenta”. Porém, apesar dessas observações iniciais, a menina é elogiada pela formiga por ter “saído da cama”, dado o primeiro passo para “progressos enormes!” (ALMEIDA, 2006, p. 19), enquanto poderia ter permanecido na cama, como muitas pessoas fazem numa analogia ao lugar confortável do já sabido, já conhecido “[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu” (HALL, 1997, p. 13). Colaborando também com essa ideia Bauman aponta que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as

identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (2005, p. 33).

Num primeiro momento, Heloísa até tenta permanecer acomodada em seu “mundinho”, sem sentir a necessidade de mudança, ou seja, com uma identidade fixa, pois como afirma Bauman (2005, p. 35):

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente.

No entanto, logo após Heloísa começa a enfrentar situações diversas, como seguir conselhos quando os julgava pertinentes, questionar o que causava curiosidade, superar perigos, lidar com suas preocupações e seus medos e, por fim, envolver-se e continuar com sua “viagem” de descobertas e aprendizados.

Nesta história, há um discurso com inversão de papéis tradicionalmente relacionados ao gênero, dentro dos valores de uma sociedade, em que a aventura é somente para meninos, a figura masculina é que tende a ser mostrada como a destemida, corajosa, enquanto que a figura feminina tende a ser evidenciada como frágil e passiva.

Com essa história, o leitor tem oportunidade de acompanhar a menina Heloísa em suas dificuldades, tarefas difíceis, como fugir do Rei Ajuizado, da velhinha da torre do sono, das costureiras, enfim, de conviver com o desconhecido e diferente povo desse reino, não de maneira passiva, mas resolvendo e enfrentando as situações, tanto na busca de “crescimento” quanto na aquisição do saber, na disposição para com o outro, no exercício de reflexão, no afinamento das emoções, na lapidação do senso da beleza, na percepção da complexidade do mundo e dos seres.

Nas duas histórias<sup>8</sup> (*Maria mole e O rei maluco e a rainha mais ainda*) a criança é convidada a experimentar, através dos textos escritos e das ilustrações, uma vivência que

---

<sup>8</sup> Também no livro *Quem tem medo de ridículo* escrito por Ruth Rocha e ilustrado por Mariana Massarani em 2007, da lista do PNBE de 2012 é possível fazer um paralelo com a história de *Maria mole* (2002), pois, também aborda sobre o medo de se mostrar perante as demais pessoas em situações até mesmo consideradas “normais”, mas que dependendo do momento torna-se “ridículo”. Tanto o texto verbal quanto as ilustrações descrevem momentos de exposições vividas por meninos e meninas no seu cotidiano que podem ser motivo para que estes adotem uma postura reprimida socialmente. A história relata determinadas exposições como não estar vestido conforme o estilo das demais pessoas em um lugar, participar de apresentações públicas, estar diante de uma turma em sala de aula e não saber responder as perguntas que lhe são direcionadas ou então ser o único, a saber,

proporcione conhecimento do mundo, além de estimular a imaginação e alargar os horizontes quanto a uma formação menos reprimida socialmente, aceitando o outro como ele é não como se gostaria que ele fosse, aceitar suas qualidades, seus defeitos, suas características singulares, percebendo, no entanto, que não é tarefa fácil, uma vez que há uma diversidade de etnias, religiões e pontos de vista, mas que é necessário e respeitoso quando se busca fazer parte de uma sociedade de diferentes olhares e perspectivas.

Sabemos que os hábitos cultivados na infância estarão permeando suas escolhas identitárias, uma vez que “o eu é uma construção custosamente elaborada” (HUSTON, 2010, p. 23), daí a necessidade do contato com os livros e com a leitura de modo geral, desde cedo, pois o gosto pela leitura vai depender do espaço que esta tenha na vida das pessoas, especialmente quando se trata de crianças. Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros, mais facilmente perceberá o prazer que a leitura produz e maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor. “Se as crianças não enxergam de que forma ler pode lhes fazer bem, elas não se interessarão pela leitura; é bom que saibamos, então, por que ler é bom” (HUSTON, 2010, p. 129). Mesmo com suas diferenças linguísticas, sensoriais, físicas, de classe etc., todas as crianças precisam vivenciar esses momentos “mágicos” e “imaginários” com a literatura para construir suas referências simbólicas de representação sobre si, sobre o outro e sobre a realidade, como afirma Coelho (2000, p. 43) ao referir-se à literatura:

[...] tem sido a mediadora ideal entre as mentes imaturas com sua precária capacidade de percepção intelectual e o amadurecimento da inteligência reflexiva a que preside ao desenvolvimento do pensamento lógico-abstrato, característico da mente culta.

A literatura não apenas propõe uma visão mais ampla, mas visões múltiplas do mundo. A leitura de textos literários proporciona uma sensibilidade do indivíduo que possibilita o desenvolvimento contínuo de uma visão crítica, quando, a partir de uma leitura, ele dialoga, questiona, concorda ou discorda com a visão do autor, o que é muito importante para a formação de sua identidade. Assim, podemos imaginar o mundo sem a literatura como sendo “incivilizado, bárbaro, órfão de sensibilidade e pobre de palavra, ignorante e grave, alheio à paixão...” (LLOSA, 2009, p. 69). Candido defende que a leitura de textos literários corresponderia:

---

a resposta correta, são algumas das situações denominadas de “pagar mico” e implicam passar por constrangimentos. Ao fim do livro o leitor pode concluir que dependendo da ocasião qualquer um pode ser “ridículo”, porém, ridículo mesmo é ficar muito preocupado com o que os outros vão pensar.

[...] a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p.186).

A literatura Infantil, com suas variadas formas de expressão, torna-se um importante instrumento de ludicidade na vida das crianças: por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual; pela riqueza de motivação, de sugestões e de recursos que oferece, pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular. A identidade e cultura são conceitos intimamente relacionados, porque a cultura é o referencial para a construção permanente da forma de estar no mundo.

### 3.2 GÊNERO

Ao longo da história humana, homens e mulheres têm suas vidas construídas com base nos papéis sociais que lhes são “destinados”, os quais, de certa forma, delimitam seus espaços e atitudes. Determinadas atividades, jogos, brincadeiras são “mais voltados para o gênero masculino ou para o feminino”. É possível afirmar que há separação entre o que parece determinar ser “adequado” ao sexo masculino e ao feminino, como por exemplo: brincar de carrinho é coisa de menino, brincar de boneca é para menina. E ainda, para as mulheres associa-se o âmbito privado, que não produz riquezas materiais tratando-se de uma sociedade capitalista, também o espaço da reprodução, o espaço doméstico, responsabilidades com a maternidade, enfim, atividades que demonstram certa submissão e docilidade, ou seja, status de inferioridade na vida em sociedade. Enquanto que para os homens foi destinado o espaço público, que gera lucros, da produção, o papel de chefe, de senhor da família, o poder de grandes decisões, ou seja, um papel que demonstra força, virilidade e superioridade.

É certo, contudo, que ao nascer se possui um determinado sexo biológico, porém não é no momento do nascimento que um corpo pode ser nomeado de macho ou fêmea, fazendo deste um ser masculino ou feminino, pois “a construção do gênero e da sexualidade dá se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente” (LOURO, 2008, p. 18).

Dessa maneira, as concepções de sexualidade, corpo e gênero passam a ser construções históricas, sociais e culturais, sendo constituídos a partir das relações, vivências e

significados atribuídos a cada relação. Assim, ser homem e ser mulher constitui-se em processos que derivam da cultura:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p. 18).

Ao longo das últimas décadas, a palavra gênero ganha destaque para pesquisadores da área dos Estudos Culturais em geral, tais estudos tem, inicialmente, sua história ligada às lutas feministas e aos estudos das mulheres. Contudo, a utilização do termo gênero, da forma como foi concebido por Scott (1990), trouxe um novo olhar para os estudos relacionados a esta temática.

Para Scott (1990), gênero é uma categoria ampla, que vai além do determinismo biológico, por envolver relações sociais e subjetivas, e ainda relações de poder entre homens e mulheres. Para esta autora, a formação dos sujeitos, homens e mulheres, está diretamente ligada às relações de gênero, relações que estes estabelecem entre si, e entre o mundo em que vivem. Pontua também que geralmente “gênero” está associado a “mulheres”, no senso comum.

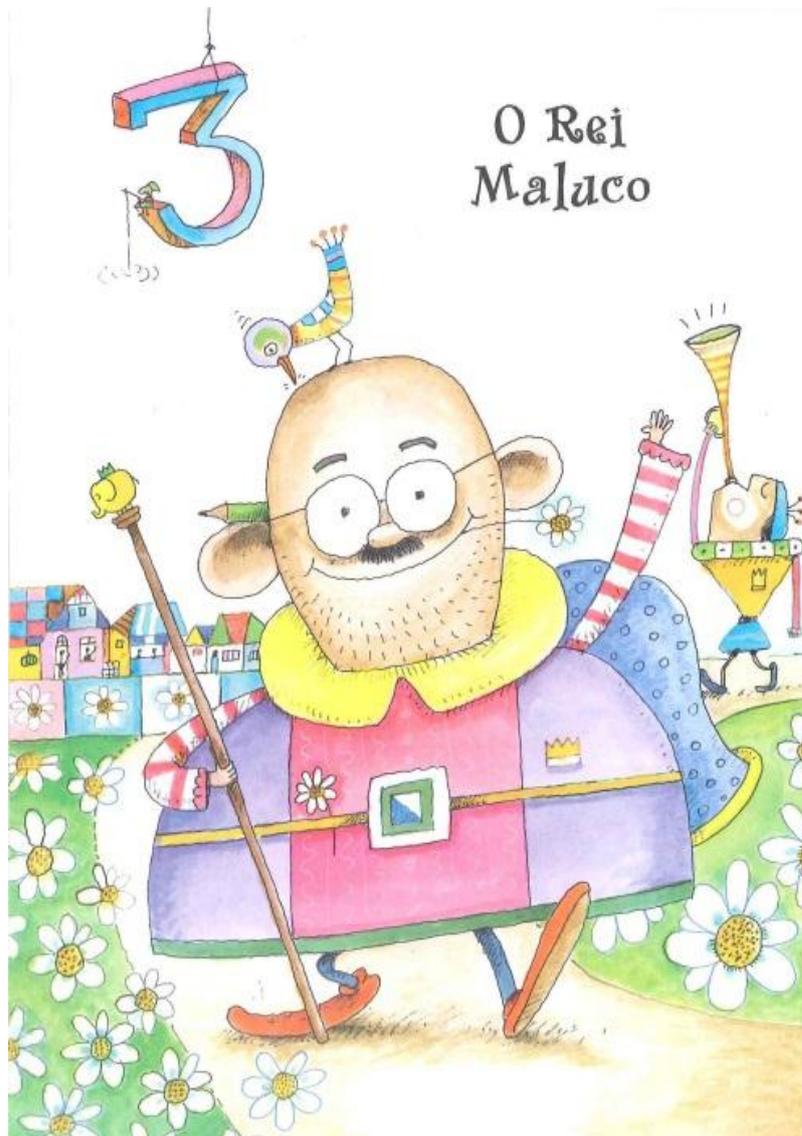
(...) o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que poderia ser chamado de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (...) Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (...) O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1990, p.6 e 7).

Semelhante ao conceito defendido por Scott (1990), Butler (2003) define gênero como uma construção cultural, enquanto o sexo é da ordem do biológico. Assim sendo, o gênero, por ser cultural, não é um resultado casual do sexo e nem tão fixo quanto ele, ou seja, pode ser mutável. Segundo esta autora, um corpo masculino pode ser homem/mulher e um corpo feminino não precisa necessariamente ser uma mulher, pode ser um homem também.

Fazendo um paralelo com o assunto discutido acima, nos é possível perceber que a literatura infantil mais contemporânea tem sido escrita de modo a dar visibilidade a estas transformações, pois constantemente os valores culturais mais tradicionais são questionados em suas diferentes maneiras de serem vistos; dentre esses valores, os que estão relacionados ao gênero, quer seja através de brinquedos, brincadeiras, gestos, situações, discursos. Assim, é reconhecido o potencial transformador das crianças na sociedade à medida que lhe é oferecida as possibilidades. Desta forma, a literatura vem permitindo para a criança/leitor diferentes maneiras de vivenciar ricas experiências, e quanto mais ricas forem estas experiências, a viagem ao seu mundo imaginário e a sua criatividade serão demonstradas em suas ações e interações com o mundo “real” e poderá perceber, por exemplo, que os príncipes já não são “somente” encantadores, de beleza física idealizada, fortes, mas são mais predispostos às aventuras, são namoradores e até mesmo frágeis. As princesas, por sua vez, não são “apenas” belas, virtuosas, submissas, passivas, com função social voltada para o prazer e organização social, são mais destemidas, autônomas e atuantes, como verificaremos na história a seguir.

Na história do *Rei maluco e a rainha mais ainda* (já mencionada anteriormente) é possível perceber que o casal (rei e rainha) envolvido na trama rompe com o modelo tradicional encontrado em muitas obras, pois o rei possui características diferenciadas dos reis vistos nos contos de fada tradicionais, ele é descrito como sendo gordinho, careca, que não usa coroa por achar que ainda não serviu seu povo o suficiente para merecer ser coroado e que tem a “loucura” da bondade, da tolerância, do desejo de servir e ser conciliador nas situações mais adversas.

Figura 18- Ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 18.

Ele costuma fazer o trabalho destinado aos empregados do reino, como engraxar os sapatos, lustrar o chão, fazer o pão, porque o padeiro prefere pintar quadros, entre outros afazeres. O uso da linguagem, que designaria lugares nomeando as pessoas e as coisas, é utilizada para mostrar o deslizamento dos desejos para além do nomeado fixamente pela sociedade, o padeiro que se supõe faça pão prefere pintar quadros. Ou seja, o ser padeiro não é algo que fale do desejo, mas de um papel social, exterior ao sujeito, ao eu do sujeito.

Esse rei está sempre ocupado no desempenho de mil tarefas, mas isso não o incomoda, ao contrário, o deixa muito satisfeito. Mostrando o oposto das narrativas mais tradicionais, o rei é trabalhador e não ocioso. Na ilustração (19) é possível perceber que ele

mantém as duas mãos ocupadas e também um dos pés enquanto desenvolve seu trabalho, isso acompanhado de um largo sorriso no rosto demonstrando satisfação em ser útil em seu reino.

Figura 19- Recorte da ilustração do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 103.

O rei Maluco é casado com uma rainha alta, magra, que possui muito cabelo, usa coroa, ou seja, características bem opostas as do rei. E ainda, é uma rainha desastrada e um tanto atrapalhada, que se mete a fazer o que não sabe, sempre com as melhores intenções e os piores resultados. Suas trapalhadas e distrações só fazem o rei admirá-la ainda mais “se todos fossem distraídos como você, o mundo seria um paraíso” (ALMEIDA, 2006, p. 55). A rainha revela um lado leve, despreocupado, com uma dose de travessura em suas ações, mostrando que errar e acertar faz parte da aprendizagem de cada um.

Apesar de suas diferenças, o rei e a rainha vivem em harmonia, sendo “um casal encantador” (ALMEIDA, 2006, p. 73), um ajudando o outro, ainda que com seus erros e acertos e diante das situações mais adversas.

Figura 20- Recorte das ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.

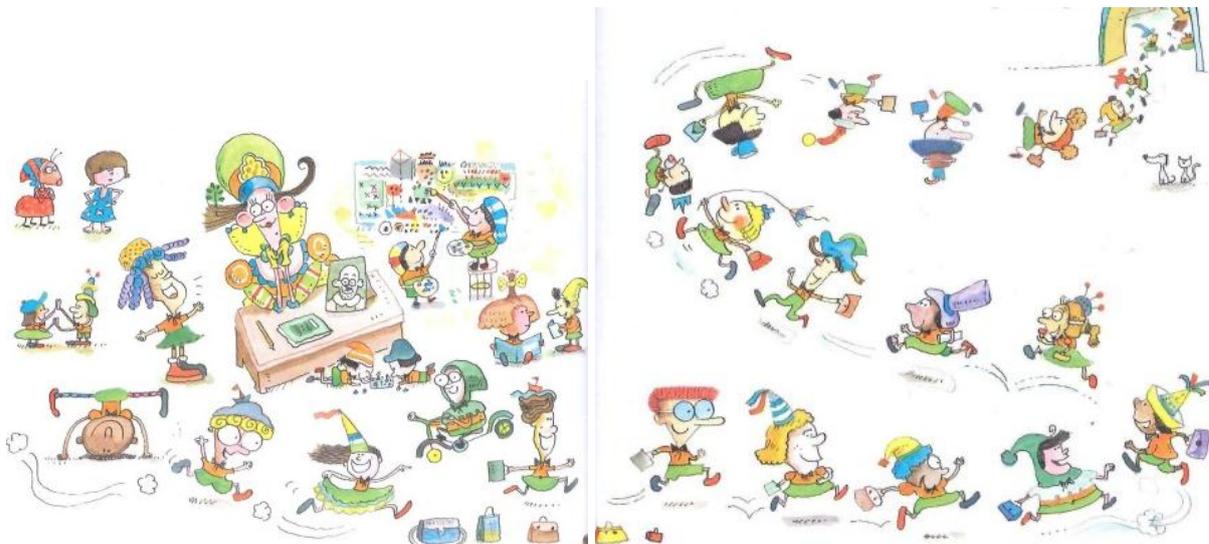


Fonte: Almeida, 2006, p. 24 e 26.

Situações estas que podem parecer sem controle, como no momento em que a rainha se disponibilizou substituir a professora, porém, acabou não dando aula alguma, ou seja, aula no sentido de transmissão de conhecimentos como Heloísa esperava que acontecesse como a mostra a figura 21. A rainha no seu papel de professora substituta chegou avisando para as crianças que não havia preparado nenhuma lição, apesar de ter preparado uma enorme bagagem para levar a escola e por esse motivo, aceitou a sugestão dada pelos alunos de se arranjar como puder, conversou com os mesmos, dispendo-se a ouvi-los. Atenciosamente, permitiu que as crianças fizessem o que “estavam precisando” (ALMEIDA, 2006, p. 80).

A rainha deu uma não aula a crianças que certamente costumavam ter aulas, visto que estavam na escola. E, sem querer, mostrou que entre um ensinamento e outro é indispensável o instante em que nada ensinamos, apenas somos e deixamos ser. [...] Cada um a seu modo vai responder aos provérbios do avô do Rei, aos disparates da Rainha, às dúvidas da moça do poço, aos paradoxos da velhinha da torre. Cada um, guiado pela sua própria Formiga, irá empreender uma viagem pessoal e intransferível (ALMEIDA, 2006, p. 127).

Figura 21- Recorte das ilustrações do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 78 e 79.

A ilustração mostra que as crianças saem de seus lugares “marcados” e partem em busca do que sentem vontade de fazer, algumas pintam, outras brincam, correm, se dedicam a ler, a cantar, enfim demonstram que não desperdiçaram seu tempo como Heloísa julgou, ao ver a sala de modo muito diferente do que estava acostumada no seu mundo. Ao interagir uns com os outros, as crianças fizeram progressos que talvez não acontecesse em uma “aula normal”. O resultado da aula da rainha surpreendeu. Heloísa admirou-se com a quantidade de cartas agradecendo a aula da rainha.

Figura 22- Recorte da ilustração do livro *O rei maluco e a rainha mais ainda*.



Fonte: Almeida, 2006, p. 81.

A atitude da rainha deixou não apenas o rei orgulhoso como também os pais dos alunos, por perceberem os grandes progressos de seus filhos.

Assim, como essa situação, outras se sucederam como o naufrágio da rainha na cozinha, quando ocupava o lugar da cozinheira e quase se afogou por deixar a torneira ligada até que a mesma desaparecesse, para então dar por encerrada a faxina; também, quando escreveu os convites para o baile todos com conteúdos diferentes, entre outros acontecimentos. Em todos os acontecimentos provocados pela rainha, o rei achava um lado positivo, lhe apoiava e prestava assistência quando necessário.

Apesar de se perceber certa proteção por parte do rei, que pode ser considerada como atitudes que fazem parte do discurso destinado ao gênero masculino, a rainha dispunha de liberdade para fazer suas escolhas e as realizar como lhe parecesse ser a melhor maneira, ou seja, não é o rei que lhe determina as atividades, ele apenas as acompanha, como um auxiliador, companheiro que não está para apontar defeitos e sim como quem caminha junto.

Dessa maneira, o reconhecimento das diferenças e das diversidades, bem como a rejeição de mecanismos discriminatórios em qualquer âmbito ou nível se faz necessário, para a construção de uma sociedade justa, igualitária, com vistas à cidadania de homens e mulheres, livres de estereótipos.

É esse um dos encantos da literatura após o ponto final do escritor em sua história, fazer do seu silêncio a porta para descoberta de sentimentos diversos no universo particular de cada um. A literatura propicia essa abertura, ao promover a interação com outras formas de arte ou de conhecimento “é esse o grande prazer e a grande vertigem da literatura” (ALMEIDA, 2006, p. 127).

Já na história seguinte, *O Reino Adormecido*, embora seu início mostre características dos personagens (rei e rainha) ainda associadas a estereótipos voltados ao feminino e masculino, há transformações ao longo da obra, demonstrando como a história contemporânea vem abordando esses conceitos.

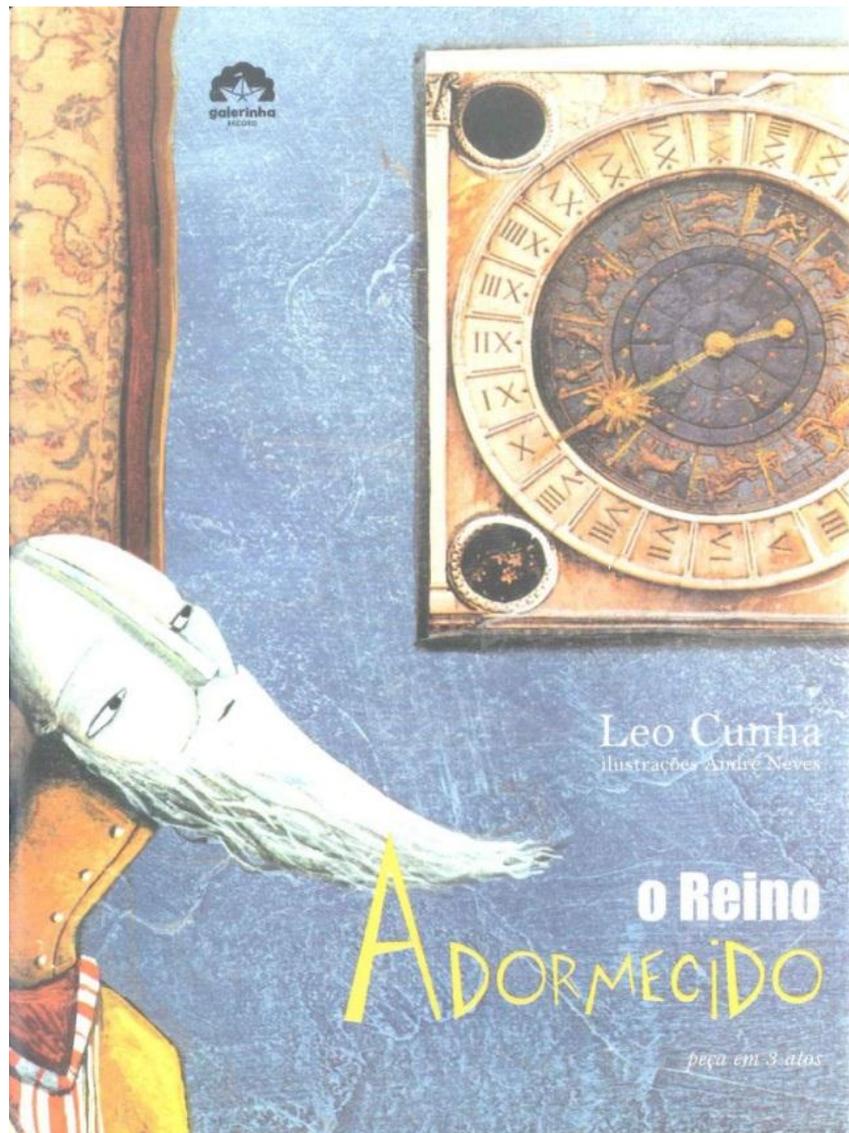
*O Reino Adormecido* é uma peça em 3 atos, escrita em 2012, por Leo Cunha<sup>9</sup> e ilustrada por André Neves<sup>10</sup>, contendo 32 páginas.

---

<sup>9</sup> **Léo Cunha**, Leonardo Antunes Cunha é escritor, tradutor e jornalista brasileiro. Nasceu em 05/6/1966 em Minas Gerais, filho de pai médico e mãe professora universitária. Cresceu dentro de uma livraria de sua família e por esta razão leu de tudo um pouco, principalmente as obras da década de 1970 e 1980 até as contemporâneas. Sua escrita tem influência da “matriz lobatiana”, de Cecília Meirelles e uma linhagem poética de Bartolomeu Campos Queiroz. Essa “mistureba de leituras” que teve a oportunidade de realizar em sua infância favoreceu e reflete na sua produção, que o autor chama de “ecclética”. Assim, em suas obras pode mostrar “um pouco da riqueza que existe na literatura infantil e que felizmente acompanhou de perto”. Autor de livros de terror, aventura, ação e poesia, com mais de quarenta publicações. Seu primeiro texto infantil: “Em boca fechada não

O livro conta a história de um “reino alegre” que estava em festa, quando de repente “ouve-se um grito feminino muito alto, vindo de fora do palco, e um barulho seco” (CUNHA, 2012, p. 6). O povo fica assustado, até que recebe a notícia de que a linda Princesa Clarice, havia caído da torre do palácio e morrido.

Figura 23- Capa do livro *O Reino Adormecido*.



Fonte: Cunha, 2012.

---

entra estrela” foi publicado na revista Alegria (atual Recreio) em 1991, depois virou livro e áudio-livro em 1994. Em 1992, ganhou seus primeiros concursos literários, prêmios como: “Jabuti” e “João de Barro”. Em 1993 lançou seu primeiro livro: “Pela estrada afora”. Em 2010 produziu um livro completo, ou seja, texto, imagens, planejamento e visual que deu o nome de: “Vendo Poesia”. Disponível em:

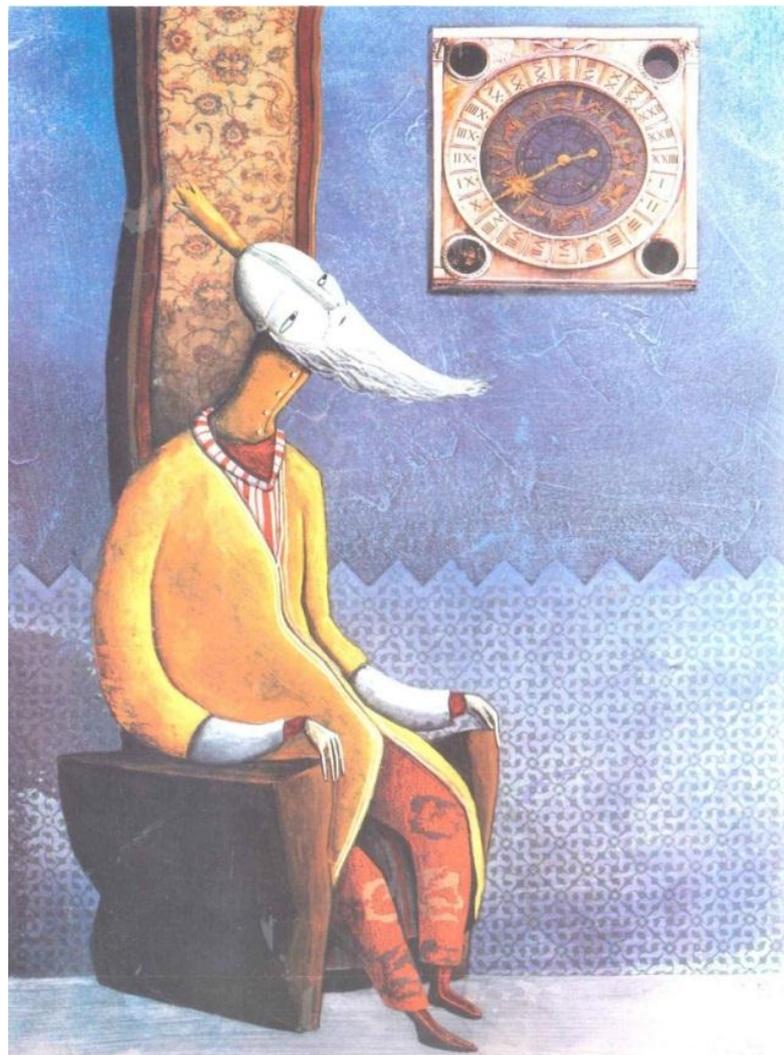
<http://leocunha.jex.com.br/biografia+de+leo+cunha/biografia+de+leo+cunha>. Acesso em: 29/10/2013.

<sup>10</sup> Na nota de rodapé “4” encontra-se a biografia de André Neves.

Com a morte de sua única filha, seu “xodó”, o Rei Soberano decreta que “todos os súditos devem retirar suas roupas coloridas e vestir roupas pretas” (CUNHA, 2012, p. 7). E ainda manda que pare o tempo, pois, deseja guardar para sempre a dor que está sentindo, não quer que a dor passe. A rainha até tenta falar alguma coisa, porém acaba “murchando” e não diz nada, apenas concorda com seu marido. A partir da fala de seu conselheiro o rei teve a ideia de fazer o tempo parar retirando todos os relógios de seu reino, agora chamado de Reino Triste.

A rainha novamente “se empina no trono, enche o peito de ar, faz que vai falar alguma coisa, mas acaba murchando e não diz nada” (CUNHA, 2012, p. 11). Afinal, foi uma ideia “fantástica” do rei que se considerava “a alteza altezíssima do reino” (CUNHA, 2012, p. 11), que mandava e desmandava em tudo.

Figura 24- Ilustração do livro *O Reino Adormecido*.



Fonte: Cunha, 2012, p. 10.

A vida no reino segue triste, cinzenta, silenciosa e sem relógios, ou seja, o tempo havia parado para todos e enquanto para alguns a passagem do tempo pode ser ruim, para outros é sinônimo de coisas boas.

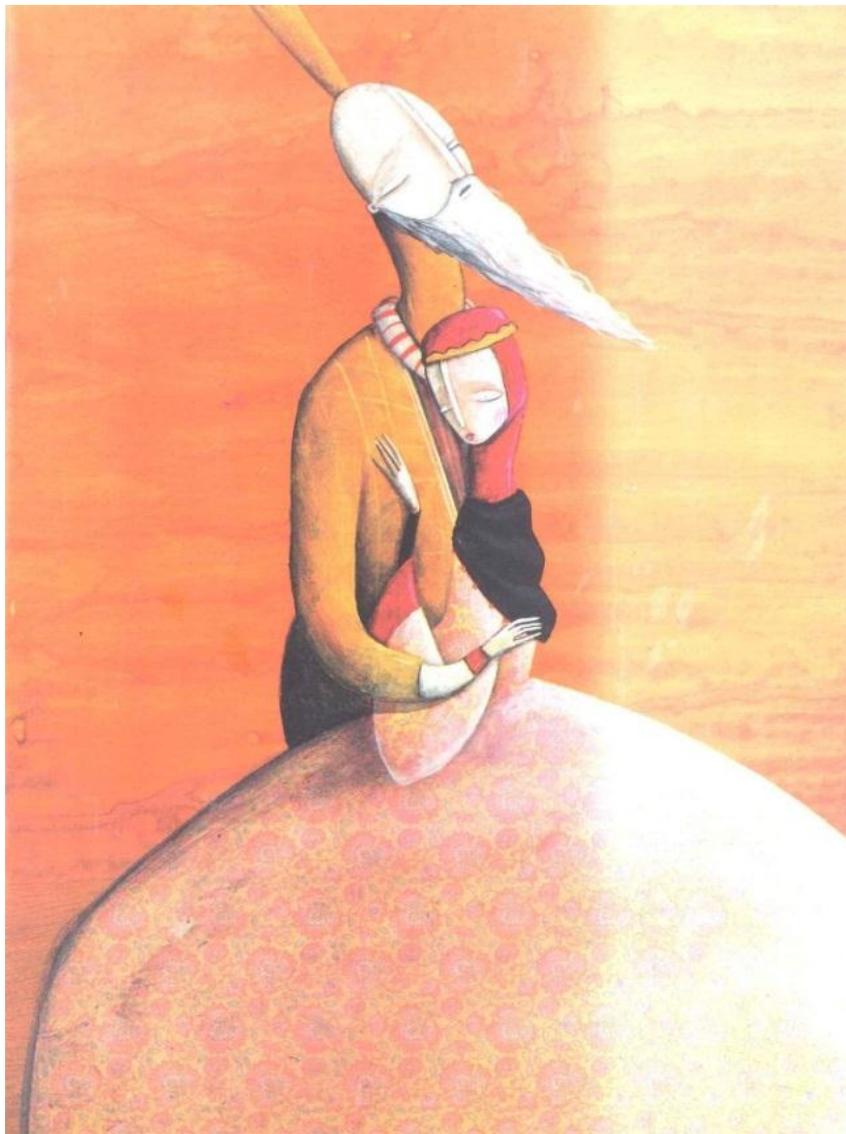
Súdito 1 – Eu queria viajar de férias, mas as férias nunca mais vão chegar, porque o tempo parou.

Súdito 2 – O meu amor ia voltar de viagem, mas nunca mais vai voltar, porque o tempo parou.

Súdito 3 – Eu queria me aposentar e passar o resto da vida de pernas pro ar, mas nunca vou me aposentar, porque o tempo... sumiu... dormiu... morreu.

Súdito 2 – Eu não suporto mais este reino adormecido. Todo dia é a mesma coisa, todo dia o mesmo dia. Ninguém envelhece, ninguém morre, ninguém nasce (CUNHA, 2012, p. 13).

Figura 25- Ilustração do livro *O Reino Adormecido*.

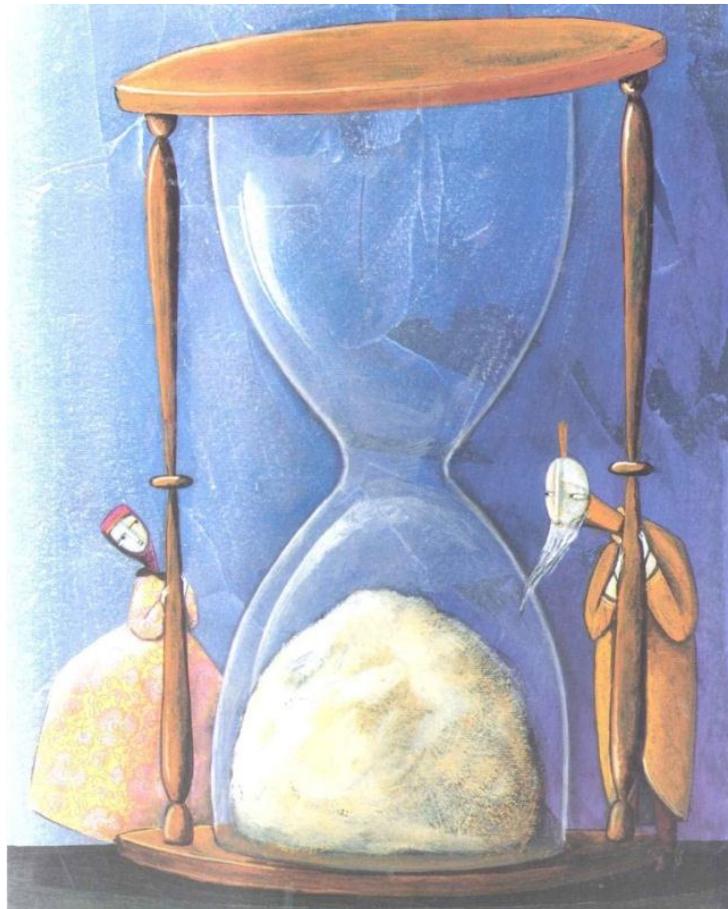


Fonte: Cunha, 2012, p. 15

Até que um dia o rei acordou diferente “é que hoje acordei sentindo no peito alguma coisa diferente” (CUNHA, 2012, p. 14), sua tristeza, dor, saudade já não era a mesma e sentia falta de crianças fazendo barulho, brincadeiras, bagunça, no castelo. Nesse momento, “a rainha dá um risinho, depois abaixa os olhos” (CUNHA, 2012, p. 14), afinal, percebe o desejo do rei em ter outro filho ou filha. É questionada pelo conselheiro quanto ao seu desejo de ter outro filho e “a rainha, envergonhada, apenas faz que sim com a cabeça” (CUNHA, 2012, p. 16), a atitude da rainha em ficar envergonhada ainda demonstra submissão em relação ao desejo do marido, ou seja, um discurso pautado na passividade. Tempos depois, quando o tempo volta a passar a rainha novamente fica grávida.

Começa então a procura por um relógio no reino, para que novamente o tempo pudesse passar e as coisas voltassem a acontecer. Após muita procura por parte de seus empregados, sem sucesso, o rei se irrita e coloca a culpa em seu conselheiro, por ter o induzido a ter a ideia de fazer o tempo parar. O conselheiro recorre para a rainha, numa tentativa de defesa, mas a rainha por sua vez “faz um muxoxo, sem responder nada” (CUNHA, 2012, p. 21).

Figura 26- Ilustração do livro *O Reino Adormecido*.



Fonte: Cunha, 2012, p.18.

Até que finalmente chega um rapaz ao reino, filho de um relojoeiro, disposto a fabricar um relógio, já que todos os outros fabricados por seu pai foram destruídos, ou seja, “o trabalho de uma vida inteira, perdido para sempre...” (CUNHA, 2012, p. 27). O rei empolgado só escutou a parte em que tinha interesse, enquanto que, “a rainha faz um gesto com a cabeça de desculpas, mas não diz nada” (CUNHA, 2012, p. 27). E o rei prossegue, dando ordem para que seus guardas tragam o pai do rapaz para que os dois fabriquem o relógio mais rápido. O rapaz então, explica para o rei que seu pai morreu no mesmo dia em que a princesa Clarice. E que:

Rapaz - Na verdade... na verdade, é por isso que o tempo não anda mais. Foi por isso que o tempo parou.

Rei (estranhando) – O quê?

Rapaz – é isso mesmo, Majestade. O tempo não parou por causa da morte da princesa, muito menos por causa do decreto real. A morte do meu pai é a verdadeira explicação.

Rei (indignado) – Seu insolente! Seu moleque! Como se atreve a dizer uma coisa dessas? Como tem coragem de dizer que a morte de um simples relojoeiro é mais importante do que a perda de uma princesa? Que a morte de um simples relojoeiro é mais decisiva do que um decreto real? (CUNHA, 2012, p. 27 e 28).

O rei, após essa conversa, manda enforcar o rapaz. É quando a rainha “começa a chorar, aos soluços”, manda que todos parem e fala:

- Chega! Chega! Eu não suporto mais!

Todos congelam.

Rei – O que houve, minha querida? Eu disse alguma coisa errada?

Rainha – Muitas! Você só pensa em você mesmo, só olha pro seu umbigo. Só quer saber mandar e desmandar.

Rei (perplexo) – Então você não quer enforcar este rapaz petulante, que desrespeitou a memória da nossa filha?

Rainha - Ele pode estar falando a verdade. Quem sabe o tempo parou mesmo por causa da morte do pai dele?

Rei - Mas ele era só um relojoeiro! Um simples plebeu!

Rainha (levantando-se do trono) – E daí?

Rei (caindo sentado no trono) - Meu Deus... O que você sugere, então?

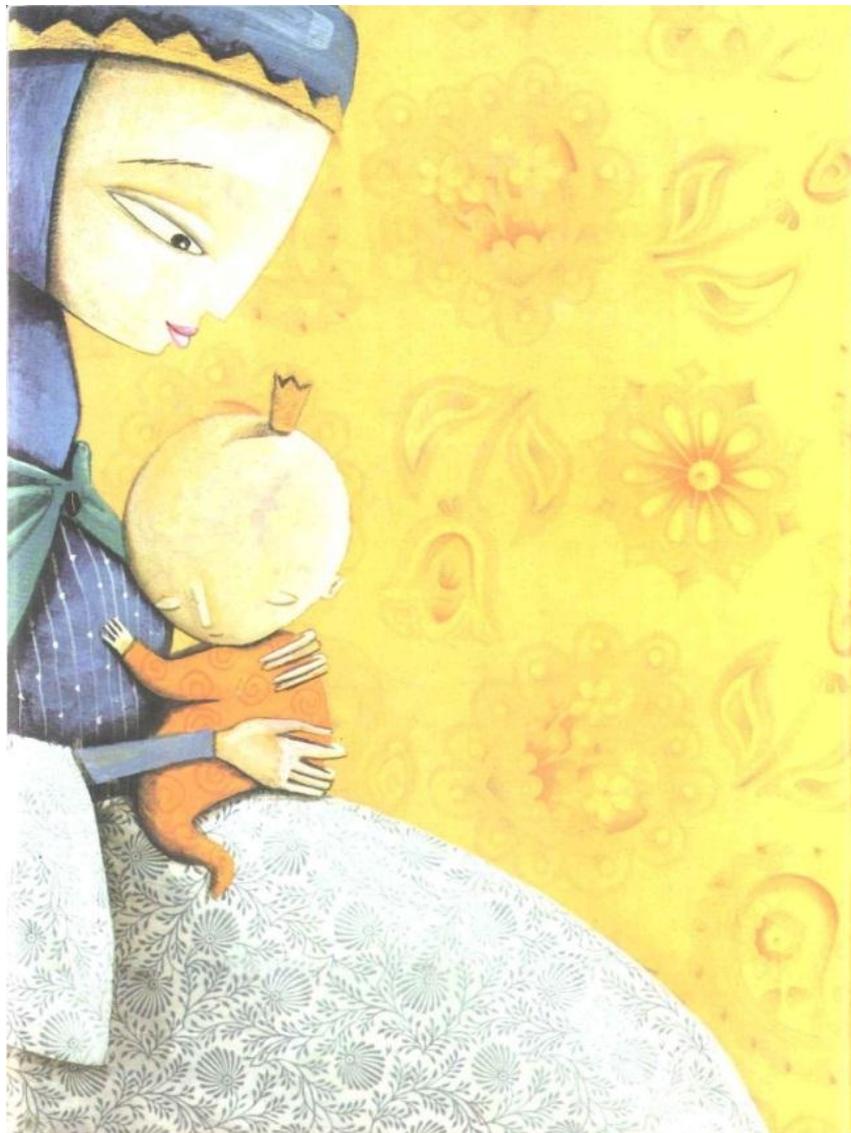
Rainha – Sugiro que você aceite a proposta do rapaz. Mesmo vinda de um jovem plebeu, esta ideia pode ser a solução para todas as suas tristezas. E as minhas. Ou você acha que devemos esperar por uma fada, uma bruxa ou um príncipe encantado? (CUNHA, 2012, p. 28).

O rei até aquele momento mantinha as características dos reis dos contos tradicionais, ou seja, reforça estereótipos masculinos, mandando e desmandando, dando ordens para que as coisas acontecessem de acordo com sua vontade. Enquanto que a rainha vinha se mantendo quieta apesar de querer opinar em muitas situações nas quais não concordava. No entanto quando a rainha se manifestou para surpresa de todos, foi coerente

em suas palavras fazendo o rei, perceber não só que estava errado como sugerindo soluções para o problema. A rainha assume uma posição, se faz ouvir.

Assim, o jovem relojoeiro distribui relógios e o tempo volta a passar no reino. E, em meio a uma festa animada, com músicas alegres, risos, danças, confetes e serpentinas, o rei pede para que a rainha tenha calma, para que não aconteça prematuramente o nascimento do bebê que espera. Bastou uma atitude da rainha para mudar a história de todo um reino e fazer a alegria reinar novamente.

Figura 27- Ilustração do livro *O Reino Adormecido*.



Fonte: Cunha, 2012, p. 30.

Na ilustração a rainha aparece segurando com ternura o bebê em seus braços e isso só se tornou possível devido a sua coragem, superação de seu medo em relação as vontades do rei, comportamento pouco ou nada comum nas rainhas dos contos de fada.

No decorrer da história fica claro para o leitor que quem dá as ordens é o rei, em nenhum momento ele se dirige para rainha num gesto de troca, de compartilhar as situações e decisões que se faziam necessárias no reino. Muito embora a rainha até demonstre sentir vontade de expressar sua opinião, ela não tem vez, nem voz, pois o rei reina soberano, ou seja, a figura masculina é carregada de estereótipos de poder masculino e, por sua vez, a rainha reflete um discurso pautado na passividade, na maternidade, na doçura, até o momento em que não consegue suportar mais a situação e dá voz à sua vontade, expõe sua opinião, embora isso só aconteça nas últimas páginas da história. Assim, a literatura possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança através do comportamento dos personagens nas narrativas.

Com isso, é possível perceber que há uma diferença entre o casal da história *O Rei maluco e a rainha mais ainda* e o casal dessa história, porém, as obras<sup>11</sup> de literatura contemporânea tem demonstrado estar a favor da desconstrução de estereótipos, que

---

<sup>11</sup>Há outros livros que também fazem parte da lista do PNBE abordando o mesmo assunto, como por exemplo: *Feminino de menina, masculino de menino*, escrito em 2011 por Márcia Leite e ilustrado por Sônia Magalhães também está incluído no acervo do PNBE de 2012 e aborda a problemática da temática dos atributos inerentes aos gêneros, sobre características de meninos e meninas, ou seja, o que “parece” ser mais adequado para o gênero feminino e masculino, evidenciando um certo discurso cristalizado. Em alguns momentos fazendo críticas ao gênero oposto e em outros momentos elogiando. Nas páginas desse livro a questão é delimitada pelos papéis a serem desempenhados em atividades, falas e pensamentos que marcam diferenças de gênero e propiciam reflexões. As imagens acompanham o texto escrito misturando figuras, recortes e desenhos em um mosaico colorido.

No livro *Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos* escrito por Flávio de Souza e ilustrado por Paulo Ricardo Dantas em 1990, também da lista do PNBE de 2012 conta histórias com personagens que possuem identidades diversas. Estas histórias acontecem em diversos reinos que se localizam entre as Terras Baixas e as Terras Geladas, durante a Guerra dos Mil e Um Anos e é em plena guerra que nasce o amor do príncipe Leo Lourival e da princesa Miranda (uma das histórias do livro). Entre os encontros e desencontros desse casal, surgem outras histórias como um dragão que não passa de lagarto; um príncipe que de tão feio era considerado um sapo e por esse motivo não podia lutar na guerra como os demais príncipes; uma princesa que sorria permanentemente não por ser tão simpática assim, mas devido a uma queda quando nenê; um príncipe que desperta uma princesa com um beijo (como no conto de fadas “A bela adormecida”), porém decepciona-se ao perceber que a moça é muito gananciosa e materialista (enquanto que no conto tradicional o príncipe se apaixona pela bela adormecida, se casam e vivem felizes para sempre), arrependido o príncipe deu outro beijo na princesa quando ela estava distraída fazendo-a adormecer novamente, a notícia se espalhou, e os demais príncipes passavam correndo pela frente do castelo onde ela dormia; princesa Úrsula de Bronislávia uma princesa com atitudes que estabelecem uma ruptura com as características das personagens femininas dos contos tradicionais, ou seja, com características atribuídas (até então) pela sociedade ao sexo masculino e ao final da história o autor sutilmente sugere que Úrsula vive feliz com uma das vinte odaliscas que importou das Arábias o que parece ser a preferência sexual da mesma; princesa linda laço-de-fita conta sobre uma princesa linda, que não considerava que houvesse um príncipe a sua altura e por isso, de tanto escolher acabou ficando sozinha; estas são algumas das histórias contidas no livro que abordam também os temas desta pesquisa e servem como sugestão de leitura.

aprisionam as atitudes, comportamentos de seus leitores, há um novo olhar, inovações na forma de entendimento do masculino e feminino. Neste sentido, também é possível perceber questionamentos com relação ao que é belo ou feio, frágil ou forte, encantado ou desencantado e, dessa maneira, instigar o senso crítico dos que se apropriam dessas leituras.

### 3.3 ETNIA

Ao longo do tempo as histórias dos “contos de fadas” foram as mais frequentemente dirigidas às crianças, ocupando um lugar extremamente significativo em seu imaginário. Lugar este que é composto por uma idealização da “raça<sup>12</sup>” branca e, com isso, essa literatura contribuiu para a construção de um estereótipo negativo do negro, do índio e de outras etnias<sup>13</sup>, na medida em que afirmam constantemente esse ideal branco, na imagem corporal dos personagens. Nessas imagens percebemos a constante afirmação de um ideal de beleza através de personagens brancas, fato este que podem causar impactos no processo de formação da identidade da criança negra, indígena, pois, estas não reconhecem suas características corporais no modelo apresentado como ideal, há ausência dessas imagens na maioria das obras, ou então, os mesmos aparecem como personagem subserviente ou conivente com os saberes dos brancos, gerando com isso, um reforço negativo dessas etnias, como classes inferiorizadas e marginalizadas, cujos personagens obedecem a tais parâmetros.

De acordo com Munanga (2004), o conflito entre as raças é percebido a partir do momento em que os naturalistas do século XVIII tentaram classificar os grupos humanos, hierarquizando e estabelecendo escalas de valor entre as chamadas raças, relacionando as características biológicas, como cor da pele, traços morfológicos, às qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais.

Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como: a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente

---

<sup>12</sup> De acordo com Gomes (2005, p. 49) “[...] podemos compreender que raça é, na realidade um misto de construções sociais, políticas e culturais nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças”.

<sup>13</sup> Etnia: “[...] é o outro termo ou conceito usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade” (GOMES, 2005, p. 50). Ou, ainda, “[...] uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2003, p. 12).

mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, mais escura de todas e, conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2004, p. 19).

As diferenças genéticas dos grupos humanos não são suficientes para distingui-los em raças diferentes e biologicamente todos os indivíduos pertencem à raça humana. Para Munanga (2004), o conceito de raça não se refere mais a aspectos biológicos, mas sim ideológicos, políticos e sociais, “embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos” (MUNANGA, 2004, p.26). Uma vez que essas categorias se mantêm, o racismo<sup>14</sup> torna-se presente. Racismo este que é uma questão ideológica e estrutural de nossa sociedade, e sua manifestação mais latente se dá através do preconceito baseado nas diferenças.

O racismo geralmente proporciona seus próprios “prazeres” secretos: um confortável sentimento de superioridade e a igualmente simples consolidação de uma identidade de grupo fundada em uma base frágil de antipatia arbitrária. [...] O racismo tem suas raízes psíquicas profundas no medo do “outro” (associado a um “eu” selvagem e sombrio que foi reprimido) assim como nas fobias em relação à natureza e ao corpo (SHOHAT e STAM, 2006, p. 50).

Souza (s/d, p. 6) afirma que o racismo interfere diretamente na construção da identidade, pois os indivíduos pertencentes a outras etnias, tendo como referência o ideal branco, conscientemente ou não, passam a atribuir características negativas ao seu próprio corpo, uma vez que “a amargura, o desespero e revolta pelas diferenças em relação ao branco acabam se transformando em ódio pelo próprio corpo”.

É notório o repertório de livros dedicados à literatura infantil, porém em relação a obras que abordem questões étnicas, embora tenha um crescimento significativo, ainda não se percebe que tenha atingido um número satisfatório, mesmo com a regulamentação da lei 10.639/03<sup>15</sup>, lei esta que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e

---

<sup>14</sup> “[...] o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Por outro lado, conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores” (GOMES, 2005, p. 52).

<sup>15</sup> A lei 10.639/03 surgiu de um esforço conjunto entre as entidades negras, alguns setores da sociedade civil e alguns políticos sensíveis à questão do negro. Antes de essa lei ter sido sancionada, já havia em vários estados do país leis que garantiam e promoviam o ensino da história e cultura afro-brasileira. Essa lei (10.639) que é resultado da lei 9.394 de dezembro de 1996 acrescida de outros parágrafos tornou obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileiras, contemplando o estudo da História da África e dos Africanos, bem como a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, valorizando a participação do povo negro nas áreas social, política e econômica.

cultura afro-brasileira e africana, sendo estas também constituintes e formadoras da sociedade brasileira.

Neste sentido, a literatura através de seu texto ou ilustração pode promover “um novo olhar” para as situações que carecem de uma atenção especial, de modo que os leitores possam romper com as amarras que estigmatizam as diferenças, com o propósito de justificar vantagens, na grande maioria das vezes injustas ou que demonstram abuso de poder, sejam estes de natureza econômica, política, cultural ou psicológica.

A literatura infantil carrega em si muitas marcas da nossa sociedade, reproduzem estereótipos, reiteram certos padrões, abordam as mais variadas questões e muitos aspectos no contexto da obra parecem soar como inocentes recursos textuais ou estilísticos, porém podem atuar no sentido de reforçar preconceitos, a partir da forma como cada personagem é descrito, a forma como sua construção adjetiva se torna um valor positivo ou negativo na construção da identidade do personagem e da própria construção da identidade do leitor.

O debate sobre a maneira como os artefatos culturais educam – neste caso, as diferentes infâncias – é uma demanda contemporânea no Brasil, e a literatura não escapa a essa exigência crescente. [...] Nessa direção, vimos, no decorrer da última década, a ampliação dos livros que trazem diversidade de personagens: femininos, velhos, negros, pobres, cadeirantes, cegos, surdos, dentre outros, em lugar de destaque. Vimos, também, o surgimento de programas voltados para a valorização da raça negra (DORNELLES e KAERCHER, 2011, p.7).

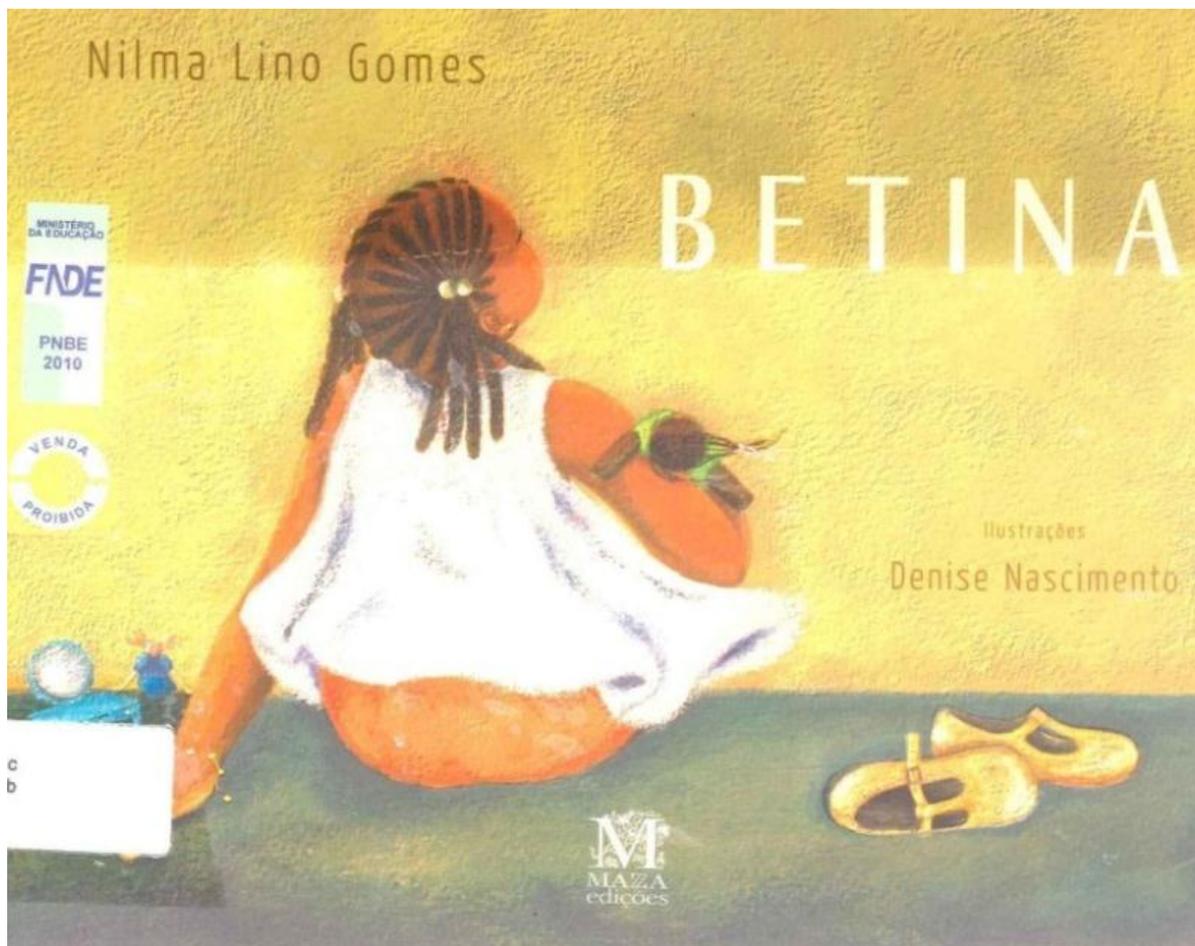
Para Bakhtin (1992), a leitura de uma história, um conto, uma narrativa, enfim, pode proporcionar a oportunidade de se deparar com situações vividas pelas personagens que provocam sensações, reflexões e formas de identificação que acrescentam valores na consciência do leitor ao se identificar com os personagens. Sendo que esta descrição/construção do personagem pode endossar ideologias de superioridade de uma raça ou cultura e da própria negação de uma identidade étnica em função da construção de outra, considerada superior.

Neste sentido, a literatura infantil apresenta-se como uma perspectiva instigante junto à necessidade de reformulação dos padrões ideológicos no que se refere às etnias. É possível reconhecer que há um movimento tanto por parte dos autores contemporâneos como de profissionais ligados a áreas infantis preocupados, instigados na busca em desvencilhar essas tramas de preconceitos e estereótipos manifestados, muitas vezes de “forma velada”, em muitas esferas sociais, necessitando, com isso, de uma reflexão na busca de novas perspectivas e “caminhos”.

As histórias a seguir (*Betina* e *Obax*) apresentam-se como possibilidades ricas e viáveis rumo ao alcance desse objetivo.

Como no livro *Betina*.

Figura 28- Capa do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009.

*Betina* que é o título do livro escrito em 2009, por Nilma Lino Gomes<sup>16</sup> e ilustrado por Denise Nascimento<sup>17</sup>. A história, pertencente ao acervo do PNBE de 2010, é contada em

<sup>16</sup> Nilma Lino Gomes nasceu em Belo Horizonte (MG), é pedagoga, mestra em Educação, doutora em Antropologia Social e pós-doutora em Sociologia, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ações Afirmativas (NERA) e do GT21 Educação e Relações Étnico-Raciais da ANPED. Disponível em: Portal Brasil: [http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2013/04/professora-nilma-lino-e-a-nova-reitora-da-unilab](http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/04/professora-nilma-lino-e-a-nova-reitora-da-unilab). Acesso em: 04/11/2013.

<sup>17</sup> Denise Nascimento é designer gráfica, graduada pela Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG e desde 1998 se dedica também à ilustração de livros tanto para crianças como para adolescentes, colaborando assim com o registro de histórias a partir de encontros com diversos autores. Seu trabalho faz parte de catálogos como o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, elaborado para a feira de Bolonha 2007, e

23 páginas, sendo que na primeira e segunda páginas aparece a imagem de Betina brincando de pular corda com suas amigas enquanto canta uma cantiga de roda.

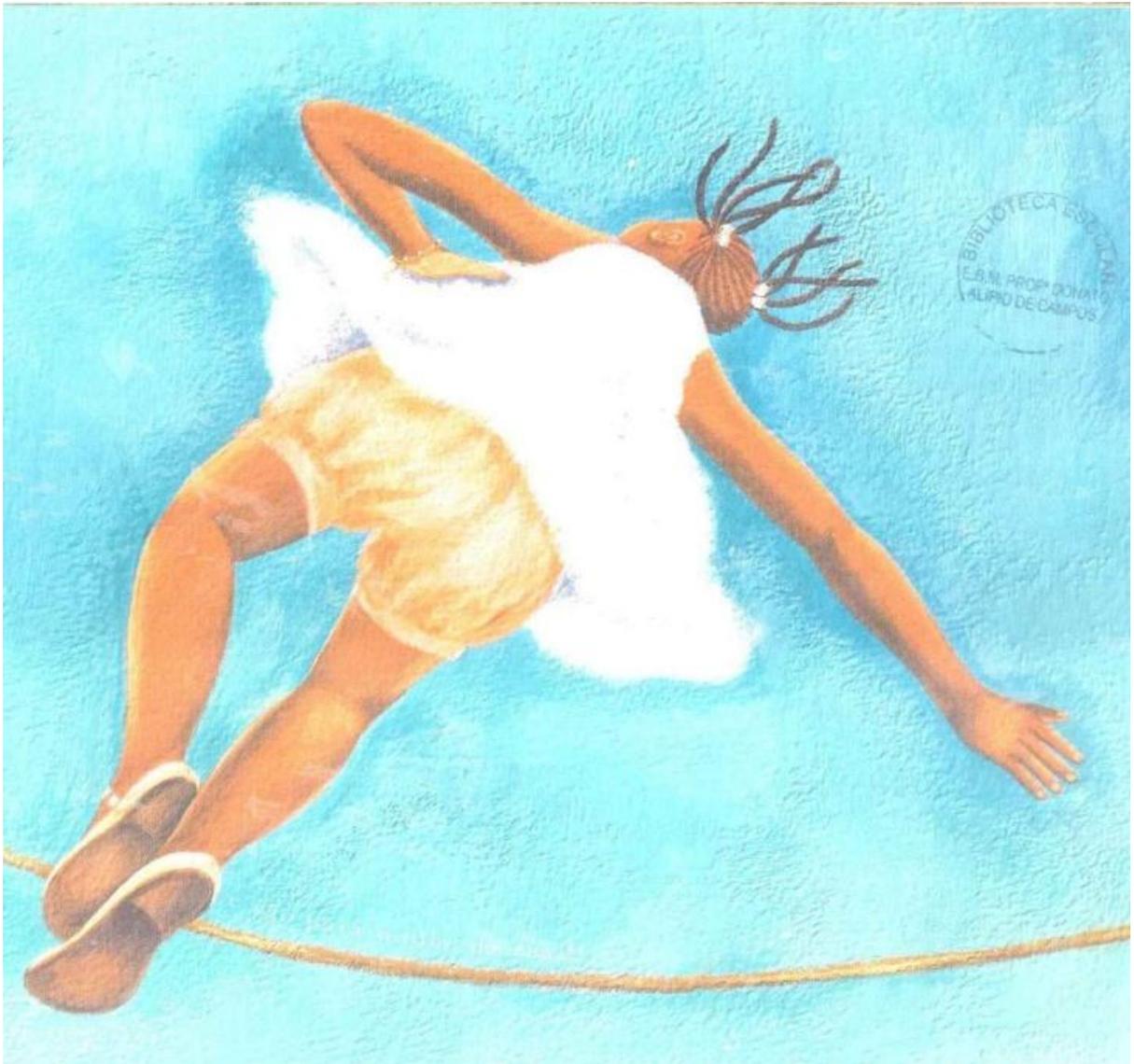
Figura 29- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 1.

Betina aparece brincando com outras crianças e tanto na figura da capa (28) como na figura (29) da primeira página há um destaque para seu cabelo, seu penteado cheio de tranças amarradas, motivo de orgulho da menina e destaque durante toda a narrativa.

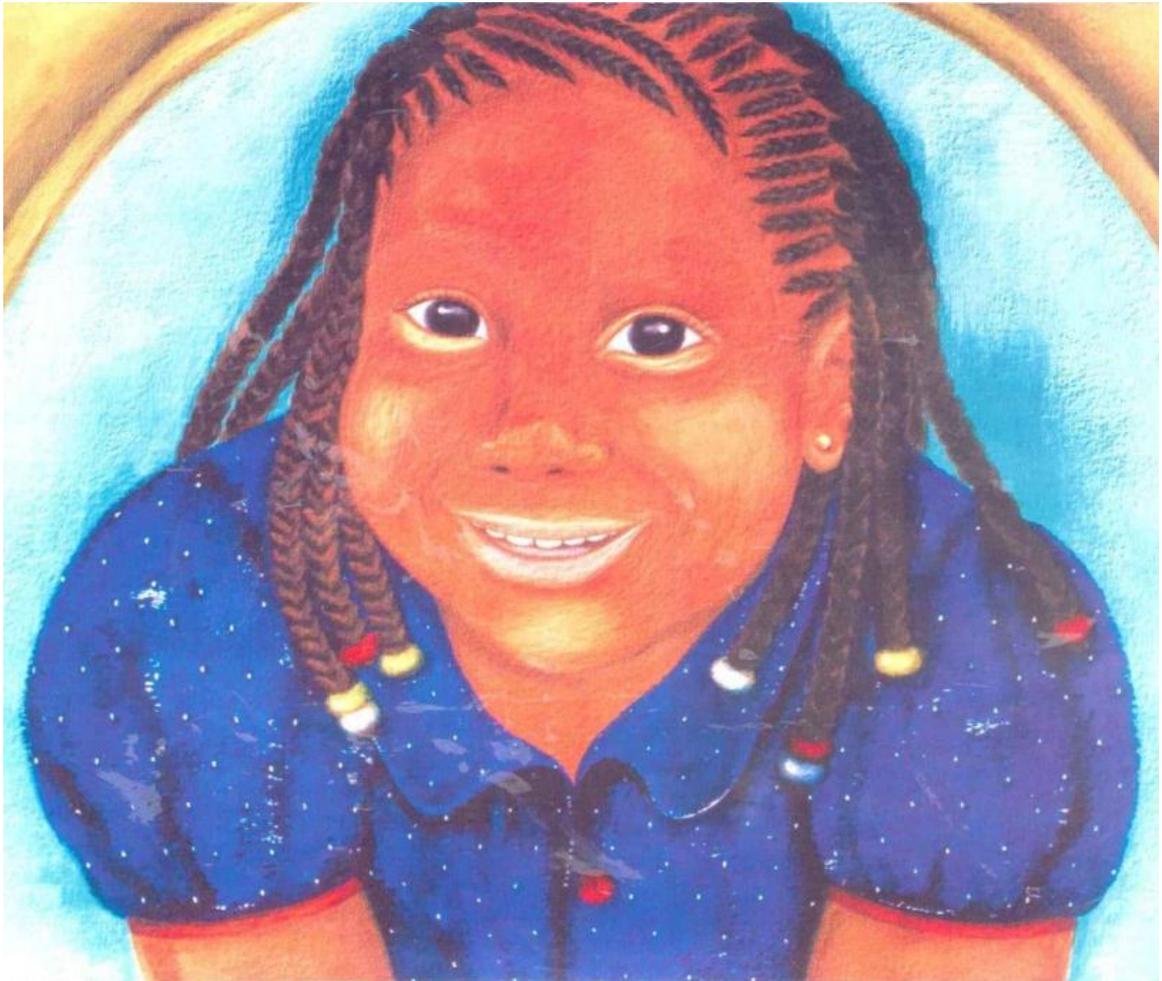
Figura 30- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 3.

A autora descreve fisicamente Betina como “uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticaba, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas” (GOMES, 2009, p. 8).

Figura 31- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 9.

A menina tem uma convivência harmoniosa com sua avó, as duas costumavam conversar, cantar, contar histórias e dar muitas gargalhadas, de modo que, quando estavam juntas, o “tempo voava”. Como pode ser observado na figura (32) com o abraço de Betina envolvendo o pescoço de sua avó num gesto de carinho, de compartilhamento de bons momentos.

Figura 32- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 17.

A avó de Betina costumava fazer penteados em seus cabelos com muito carinho, sendo que “o dia de fazer penteado novo era sempre muito especial. A avó tirava as tranças ou o coque antigos, lavava o cabelo da neta, passava creme para desembaraçar, desembaraçava, lavava de novo e secava com a toalha” (GOMES, 2009, p. 6). Após passar por essas etapas, “a avó sentava-se em um banquinho, colocava uma almofada para Betina sentar-se no chão, jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com uma rapidez incrível” (GOMES, 2009, p. 6).

Figura 33- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 7.

O resultado do conjunto de tranças assemelhava-se a uma renda e era apreciada por Betina no espelho, por pessoas que encontrava por onde passava, pela professora e pelas coleguinhas da escola, que demonstravam interesse e curiosidade. Betina, no entanto, explicava com muita satisfação como acontecia o processo dos penteados e que era possível em qualquer tipo de cabelo.

- Dá para fazer no meu cabelo, Betina? – perguntava uma menina.
- Dá sim, mas tem que ver o tamanho do cabelo. Se o cabelo estiver curto ou for muito liso, é preciso emendar com um pouco de cabelo comprado na loja.
- Mas aí vai colocar um cabelo de mentira! Credo! – dizia outras colegas.
- Calma, gente! – alertava a garota. – É um tipo de emenda que parece cabelo, mas quase ninguém nota. Muita gente usa, sabia? Gente negra, gente branca... As pessoas que têm cabelos crespos e muito curtos também precisam emendar. Homens e mulheres, viu?! Minha avó disse que as atrizes das novelas vivem fazendo isso! Emendam os cabelos com fios postiços e todo mundo acha lindo. Minha avó até acha que elas aprenderam isso com a gente (GOMES, 2009, p. 12).

Figura 34- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Gomes, 2009, p. 11.

Mas Betina encontrava também quem não gostasse de suas tranças, porém de forma enérgica questionava se estava com inveja ou se queria ser penteado por sua avó.

O tempo foi passando e a menina crescendo ao lado da avó, que sempre falava de seus ancestrais com orgulho.

São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós (GOMES, 2009, p. 14).

Além de falar de seus ancestrais, a avó de Betina também lhe ensinou a fazer tranças, porém com uma condição: “trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com o seu cabelo e a sua aparência” (GOMES, 2009, p. 16). Condição aceita pela menina, e selada com um abraço gostoso entre ambas.

Betina aprendeu a lição de fazer tranças com sua amorosa avó, e esta por sua vez aprendeu com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia, e já não mais contando com a presença da avó que havia partido para encontrar seus ancestrais, tornou-se uma mulher de energia contagiante. Abriu um salão de beleza que “cuidava, trançava e penteava todos os tipos de cabelos e de todo tipo de gente” (GOMES, 2009, p. 18).

Figura 35- Ilustração do livro *Betina*.

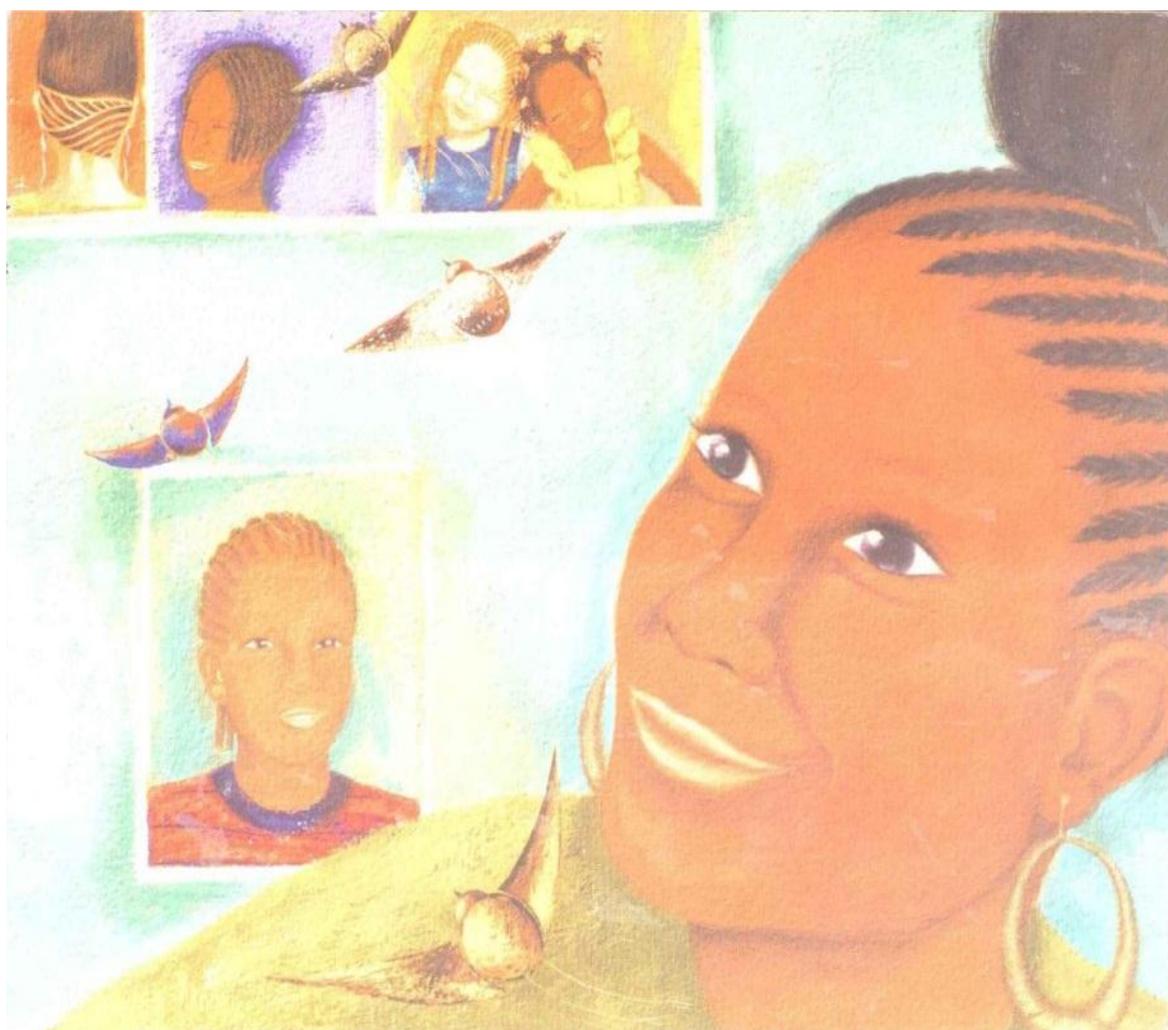


Fonte: Gomes, 2009, p. 15.

Através do trabalho realizado com alegria, Betina conquistou o reconhecimento dentro e fora de sua cidade, dentro e fora de seu país e espalhou a lição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. O sucesso foi tanto que Betina chegou a ser convidada para ministrar palestras, servindo de bom exemplo para outras pessoas, não somente negras, mas brancas, “brancas com piercing” e até com “jeito de índia”, ou seja, cumprindo com o combinado que havia feito para sua avó.

A partir de Betina pode-se afirmar que as narrativas funcionam como estratégias formadoras de consciência, ou seja, a leitura de uma história, um conto, uma narrativa, pode proporcionar oportunidades de se deparar com situações vividas pelas personagens que provocam sensações, reflexões e formas de identificação que acrescentam valores na consciência do leitor.

Figura 36- Ilustração do livro *Betina*.



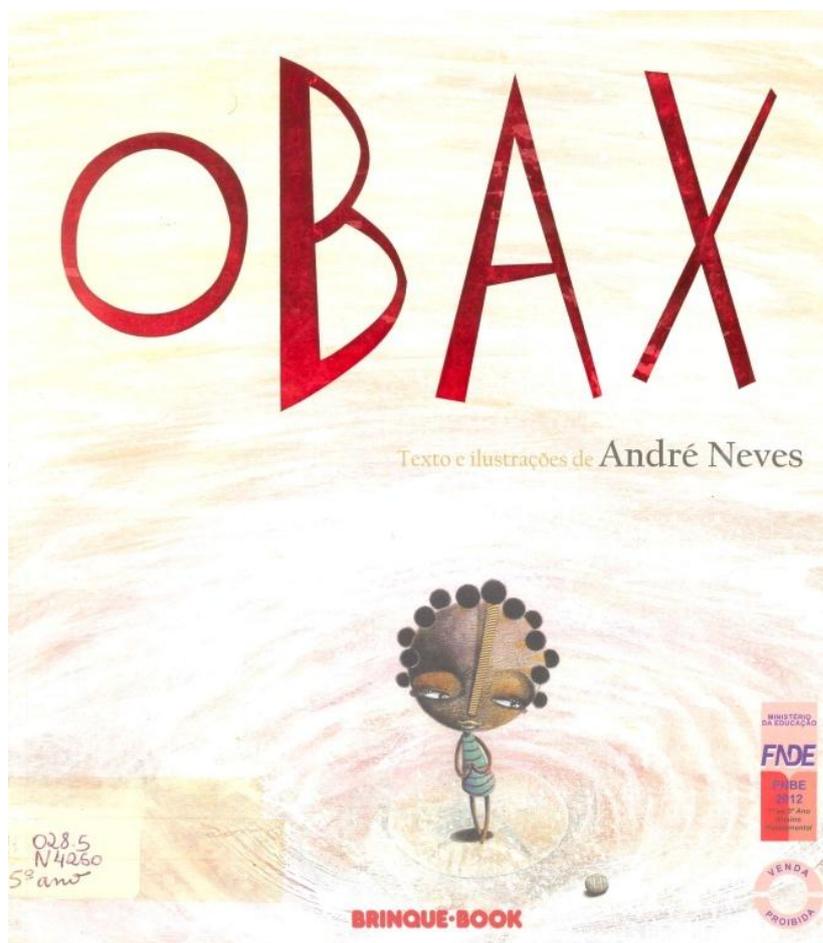
Fonte: Gomes, 2009, p. 19.

A história de Betina busca a afirmação da identidade negra, com a valorização da imagem física, abordando de forma positiva uma característica negra que são os cabelos, preconceituosamente chamados de “cabelo ruim” e também imagem intelectual da protagonista (menina Betina), rompendo com estereótipos de passividade, rejeição, submissão e mostrando uma convivência harmoniosa entre os personagens brancos e negros, como é

possível perceber quando a autora escreve que a menina era admirada e recebia comentários, elogios das pessoas ao “sair na rua”, da professora e de “vários coleguinhas” no recreio. Quanto aos que não gostavam de seu penteado e com isso se manifestavam através de palavras ou atos agressivos, Betina não se deixava abater, defendia-se respondendo as provocações e conquistava respeito quanto ao seu modo de ser.

No segundo livro trazido aqui será analisada a história de *Obax*. *Obax* é o título do livro escrito e ilustrado por André Neves<sup>18</sup> em 2010, que também faz parte do acervo do PNBE de 2012. *Obax* significa “flor” e é um nome originário da África ocidental (NEVES, 2010, p. 34). As ilustrações do livro encantam, a começar pela capa em que o título OBAX aparece em letras bem grandes, vermelhas e brilhantes, como se fosse escrito em alto relevo. A menina protagonista da história aparece no meio da capa olhando para a pedra que em sua imaginação se transformará no elefante Nafisa.

Figura 37- Ilustração do livro *Betina*.



Fonte: Neves, 2012.

---

<sup>18</sup> Na nota de rodapé “4” encontra-se a biografia de André Neves.

O livro conta através de um texto com 36 páginas ambientado na África, a história de uma menina muito criativa, corajosa, de “olhinhos brilhantes”, habitante das savanas africanas, que tinha poucos amigos e uma de suas brincadeiras favoritas era contar histórias e com elas viver muitas aventuras.

Figura 38- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 9 e 11.

Certo dia, Obax contou para algumas pessoas sobre uma chuva de flores e ninguém da aldeia acreditou nela, “como poderiam chover flores onde pouco chove água?” (NEVES, 2010, p. 15). Mas contar histórias era para a menina uma grande brincadeira, num lugar de poucas opções. Nas reflexões de Benjamin (2002), para melhor compreender uma criança é necessário observar e interpretar seus atos, pois estes são reveladores de sentimentos, angústias, enfim, meios de se comunicarem com os adultos. Para esse autor, faz-se necessário observar os atos infantis com olhar minucioso para perceber a dimensão do

querer-dizer da criança através da brincadeira. “Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (BENJAMIN, 2002, p. 85).

Figura 39- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 14.

Então a menina partiu mundo afora em busca de provas para a sua história com seu amigo Nafisa, um elefante que, na verdade, era uma pequena pedra. O nome Nafisa significa “pedra preciosa” (NEVES, 2010, p. 34).

Figura 40- Ilustrações do livro *Obax*.



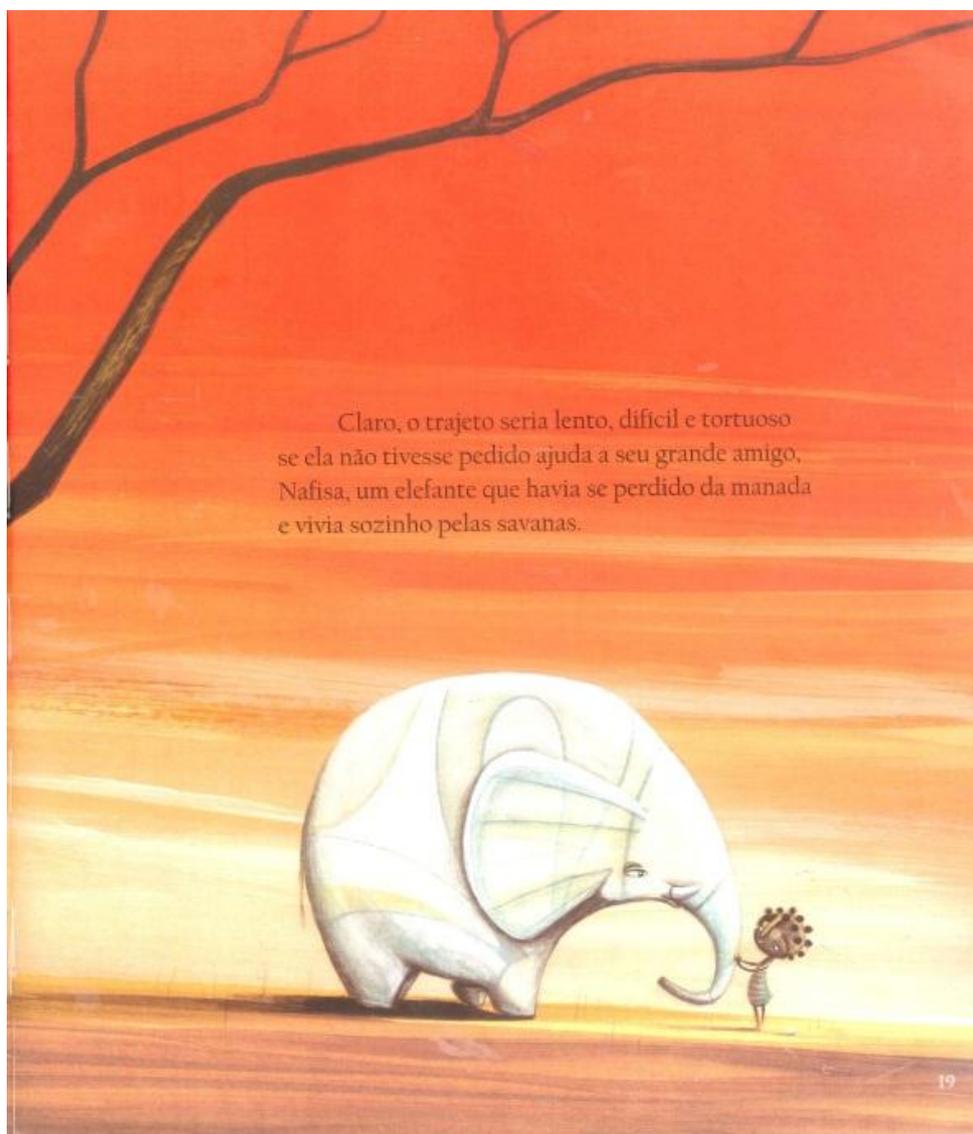
Fonte: Neves, 2010, p. 17.

O trajeto percorrido não teria sido nada fácil se Obax não tivesse a ajuda de seu amigo Nafisa “um elefante que havia se perdido da manada e vivia sozinho pelas savanas” (NEVES, 2010, p. 19). Mas uma vez é possível perceber a criatividade da menina ao inventar um animal para acompanhar e compartilhar suas brincadeiras de infância. Infância esta vista por Benjamin (2002) como uma fase importante para a aquisição das experiências que deixarão impressões no inconsciente e, conseqüentemente, formarão os hábitos do futuro adulto.

De acordo com Benjamin (2002), a criança interioriza experiências individuais e coletivas, adquiridas socialmente no contexto em que ela vive, assim, se constituirá a partir das múltiplas experiências vivenciadas na infância e principalmente, no brincar.

A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito [...] O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira (BENJAMIN, 2002, p.102).

Figura 41- Ilustrações do livro *Obax*.

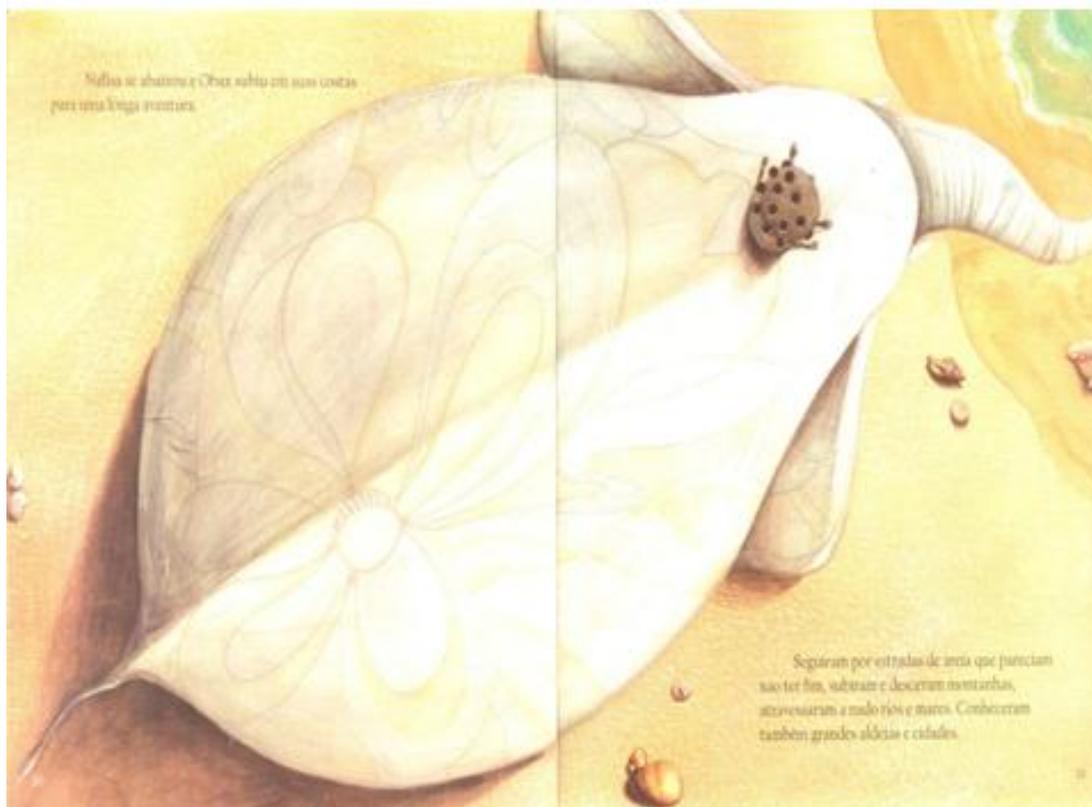


Fonte: Neves, 2010, p. 19.

Dando continuidade a sua brincadeira de “faz de conta”, a menina sobe nas costas do elefante e dá início a sua longa aventura, seguindo por estradas de areia, subindo e

descendo montanhas, atravessando rios e mares, conhecendo cidades e aldeias. Nessa caminhada, tanto Obax como Nafisa veem chuva de água, de pedras, de folhas, de flocos de algodão, só não tiveram o privilégio de ver à tão sonhada chuva de flores, mesmo dando a volta ao mundo.

Figura 42- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 20 e 21.

Como nos lembra Benjamin (2002), o brincar, o faz de conta, torna-se uma experiência plena e de sentido real, um recurso utilizado pela criança para lidar com as fantasias, tensões e/ou frustrações sobre o mundo que a rodeia.

E ainda, com uma pedra e muita criatividade a menina se deixa envolver em uma maravilhosa aventura (novamente temos uma menina se envolvendo em “um lugar” habitado até então por meninos nas histórias infantis), ou melhor, em uma brincadeira com brinquedos simples, porém recheados de fantasia.

Segundo Benjamin (2002), a criança demonstra interesse por coisas simples (como podemos acompanhar na história o interesse de Obax pela pedra, transformando-a em

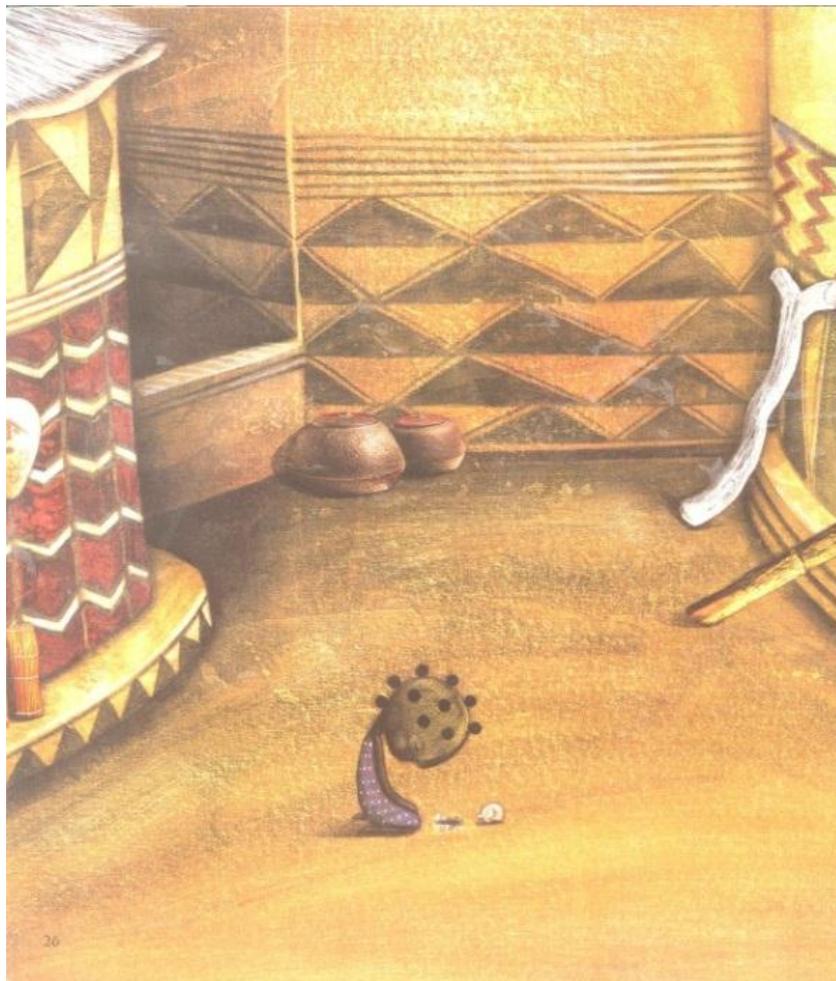
seu elefante) ela é capaz de criar seus brinquedos com resíduos de tecidos, pedaços de madeira, pedras e areia, ou seja, transforma um objeto em brinquedo e o insere na brincadeira.

É por esse motivo que Benjamin (2002) faz críticas aos fabricantes de brinquedos, pois eles os criam segundo a percepção do adulto e não de acordo com o gosto da criança. “Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva” (BENJAMIN, 2002, p. 93).

Cabe lembrar que, atualmente, (na maioria das vezes) é oferecido para a criança brinquedos industrializados com variadas tecnologias, estimulando-as ao consumismo, porém, esses brinquedos nem sempre oportunizam brincadeiras criativas.

Quando retornou de sua viagem Obax descobriu que de sua imaginação é que surgiu toda a história. Muito triste, decidiu enterrar a pedra, que acreditava ser o elefante Nafisa.

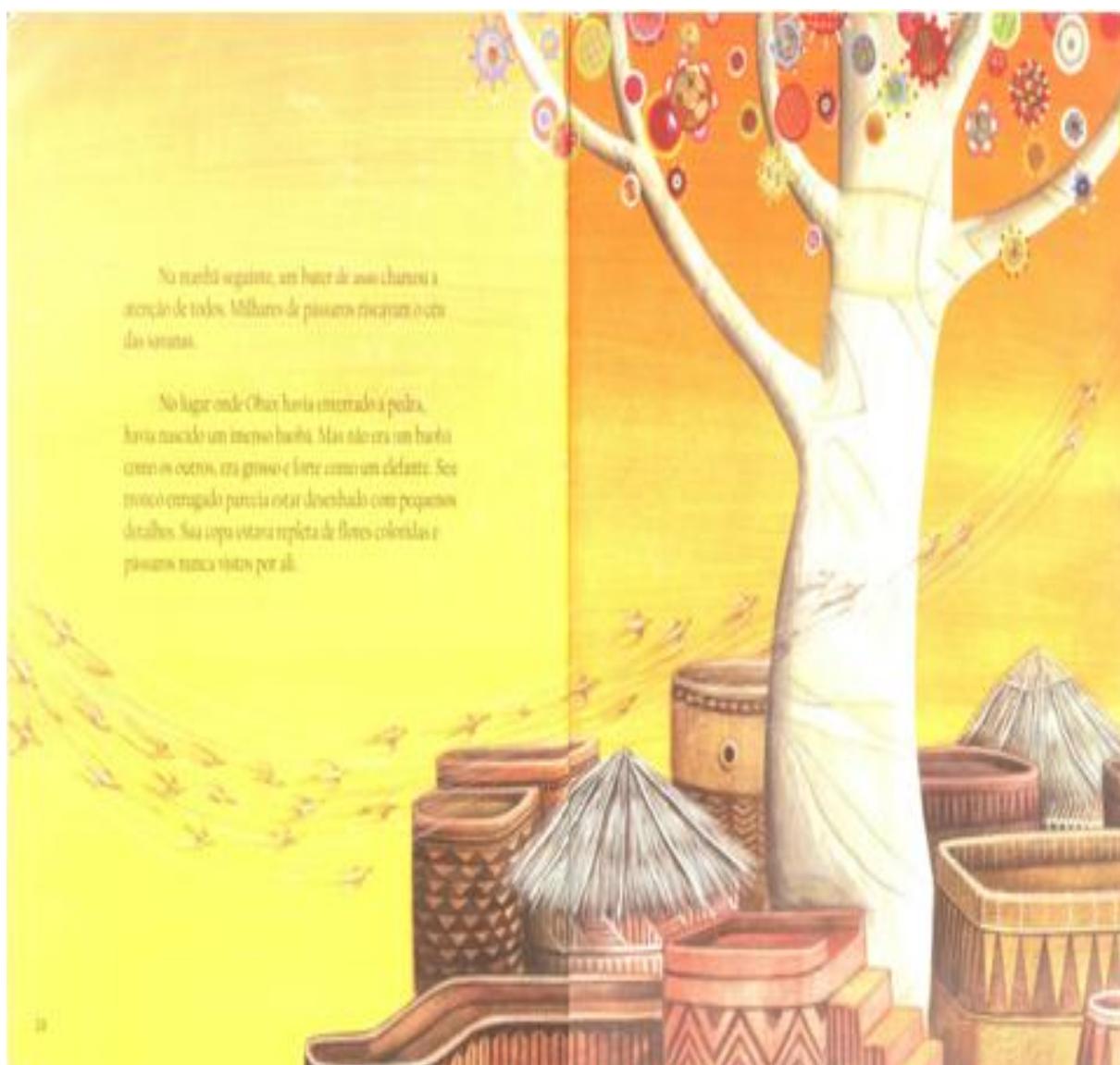
Figura 43- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 26.

Para sua surpresa e também dos demais moradores, no lugar onde a pedra foi enterrada nasceu um enorme baobá “mas não era um baobá como os outros, era forte como um elefante” (NEVES, 2010, p. 28) e dos seus ramos nasceram muitas flores coloridas, que atraíam vários pássaros nunca vistos por ali e quando esses voavam faziam cair muitas flores, ou seja, a chuva de flores da história de Obax. “Ninguém acreditava no que os olhos viam. Quando a pequena Obax se aproximou da árvore, os pássaros bateram asas numa agitação tão forte que as flores começaram a cair, enchendo os olhos da menina do mais puro brilho” (NEVES, 2010, p. 30).

Figura 44- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 28 e 29.

Enfim, a tão sonhada chuva de flores forrou a aldeia como um tapete de perfumadas pétalas e as histórias da menina Obax passaram a ser ouvidas com mais atenção pela aldeia.

Mais uma vez a figura (44) coloca em evidência objetos embaixo da árvore referenciando essa cultura, aproximando o leitor das características do povo Africano.

Figura 45- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 30 e 31.

Para escrever essa história o autor se inspirou em livros de fotografias e contou com pesquisas sobre o oeste africano, os costumes, as manifestações artísticas, vestimentas, as artes dos grupos étnicos espalhados pela Nigéria, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia e

Mali, dando destaque a elementos culturais africanos e afro-brasileiros como podem ser observados a partir das ilustrações. Segundo Viegas (2013), histórias como a de Obax provocam amadurecimento e amplia a visão de mundo do leitor, que vai abandonando a visão estática e unívoca ao reconhecer a diversidade de possibilidades de existir e de pensar a existência em outros lugares além do seu. E ainda, através dos personagens de uma história nos permitimos sentir, viajar, sonhar, ouvir, “com mais tolerância, curiosidade e bondade do que ouvimos os seres de carne e osso que nos cercam” (HUSTON, 2010, p. 133).

Assim, a literatura mostra-se profícua, para a sensibilização da consciência, para inúmeras possibilidades de aprendizagem, nos transporta para determinados cantos da imaginação ou do pensamento jamais visitados, mostra a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está em suas entrelinhas.

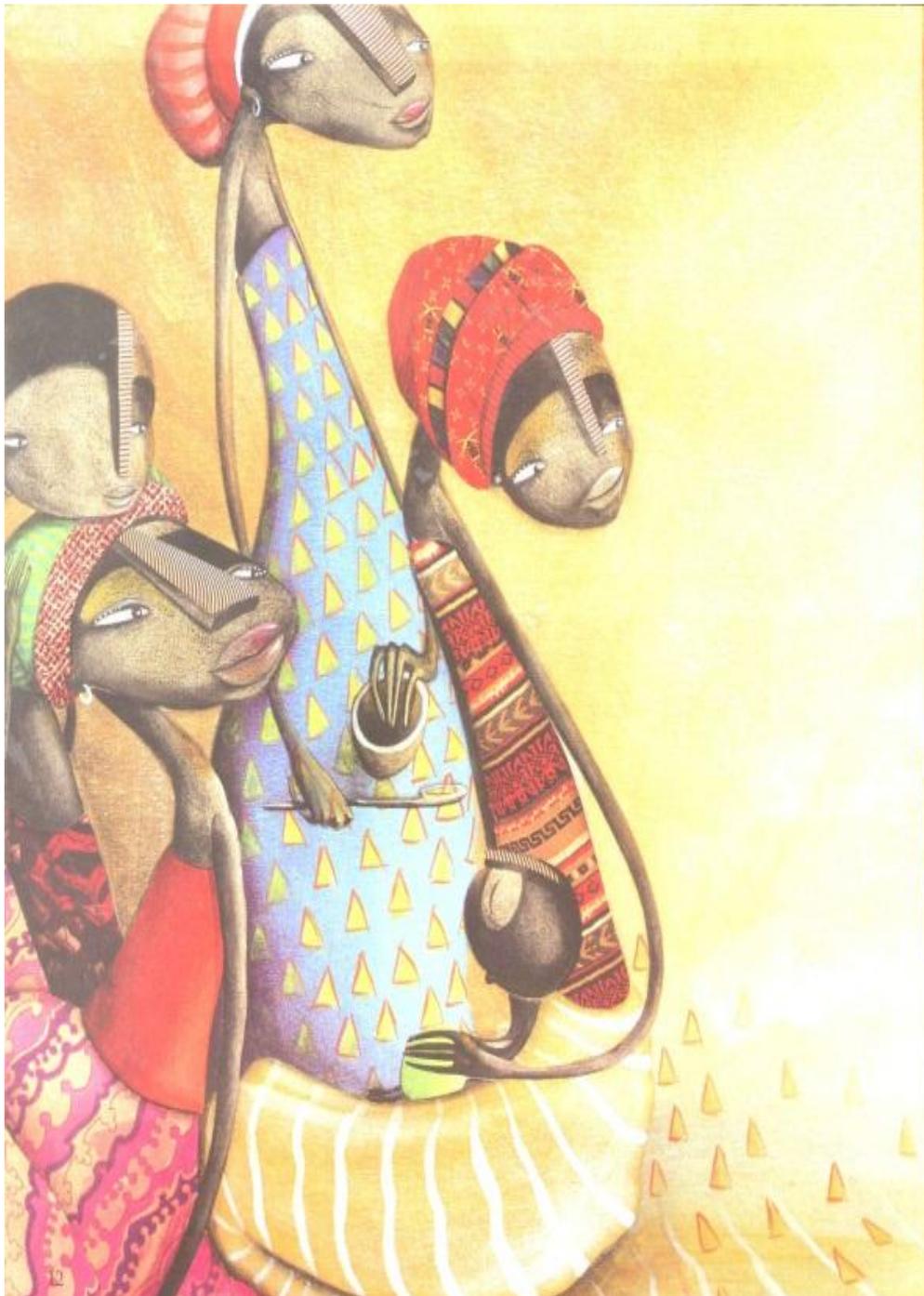
Figura 46- Ilustrações do livro *Obax*.



Fonte: Neves, 2010, p. 18 e 27.

O livro demonstra também a arte que é feita pelas mulheres das tribos, usando lama e pigmentos naturais feitos a partir de plantas colhidas na região em que moram. Suas casas, roupas e objetos de cerâmica são muito coloridos em contraste com a aridez da paisagem (figura 46). Os motivos e padrões de suas pinturas são reflexos de suas vidas e que através da literatura pode ser compartilhada e valorizada por outras etnias.

Figura 47- Ilustrações do livro *Obax*.



Mesmo morando em um lugar com terras tão secas a menina fazia deste o palco de suas aventuras, fazendo brilhar um espetáculo de sonhos e histórias no lugar da solidão, onde ela própria era tanto a autora como também a protagonista de um mundo povoado com a intensidade da imaginação.

Essa é mais uma história<sup>19</sup> cheia de encantos que o leitor pode conhecer e se reconhecer no encontro com características que valorizam os diversificados grupos étnicos.

Através da leitura, e através da identificação que ela proporciona com *personagens* de épocas, meios e culturas diferentes, acabamos ganhando distanciamento em relação à identidade que recebemos. Assim, nos tornamos mais aptos a decifrar outras culturas e a nos identificar com as *pessoas* que as compõem (HUSTON, 2010, p. 128).

Apesar de haver um crescimento quanto a novas tendências e transformações ao abordar temas como etnia<sup>20</sup> (como no caso da história de *Betina* e de *Obax*), esse número não é expressivo se comparado às histórias em que o personagem branco ainda é tomado como padrão para a humanidade, sendo que este quando aparece nas obras literárias usualmente recebe nome e sobrenome, ocupa posição central tanto no texto escrito como nas ilustrações, como afirma Escanfella (2007, p. 7), “a literatura infantil contemporânea não sofreu grandes alterações quanto aos aspectos raciais nela representados [...], permanecendo, portanto, uma fonte de produção, manutenção e reprodução das assimetrias raciais”.

Mesmo ainda havendo em determinados grupos sociais o preconceito, o sentimento de superioridade e/ou inferioridade associados à imagem de negros, brancos, índios, deficientes, homens, mulheres, homossexuais etc., há um crescente empenho por parte de autores (como se pode observar em relação aos livros do PNBE) em incluir em suas

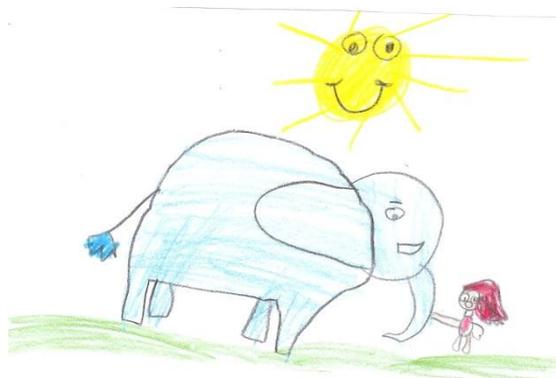
---

<sup>19</sup> *O cabelo de Lelê* é mais um exemplo de obra em que a personagem principal é negra. O livro faz parte da lista do PNBE de 2008, escrito por Valéria Belém e ilustrado por Adriana Mendonça em 2007. Essa obra também dá destaque ao cabelo da protagonista como em *Betina*, de modo positivo, apesar de a história começar afirmando que Lelê não gosta do que vê, ou seja, do volume de seu cabelo. E assim, a menina vai procurar nos livros uma explicação para seus questionamentos e é na leitura que Lelê encontra as respostas para suas inquietações. Após suas investigações Lelê descobre variados penteados possíveis de serem feitos em seus cabelos, descobre a beleza de ser como é e isso lhe causa satisfação. Agora a menina sabe o motivo de seus cachinhos, sabe de sua história. No livro a menina interage com outras crianças não negras, com ares de acolhimento e paz, porém com cabelos em destaque como o da protagonista.

<sup>20</sup> Outros livros (que não fazem parte da lista do PNBE de 2008, 2010 e 2012 e por este motivo não estão entre os analisados) podem ser apontados ressaltando essa temática como *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, *O amigo do rei* de Ruth Rocha, *Berimbau* de Raquel Coelho, *De onde você veio* de Liliana e Michele Iacocca, *Pretinho: meu boneco querido* de Maria Cristina Furtado, *Histórias africanas para contar e recontar* de Rogério Andrade Barbosa, *O negrinho do pastoreio* de Sônia Junqueira, *No país do saci* de Beatrice Tanaka, *O menino marrom* de Ziraldo, dentre outros.

histórias diferentes conceitos, discursos e noções do universo cultural que cerca o indivíduo/criança, definindo com isso novas maneiras de pensar a realidade e estimular novas atitudes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, por que alta vive.*

Fernando Pessoa, Odes de Ricardo Reis

⌘ Durante todas as leituras realizadas para o desenvolvimento desta dissertação, foi-nos possível perceber que a literatura desempenha um papel relevante para a formação de cada indivíduo, pois é um meio de construir conhecimento, repensar o mundo e, quando direcionada à criança, sujeitos sociais e culturais que estão em constante transformação, torna-se um campo propício para pesquisas, comparações, registros, discussões, questionamentos, descobertas, novos desafios, envolvendo o adulto como mediador neste processo.

Neste sentido, alguns procedimentos comprovadamente contribuem para a aproximação entre leitor e livro, tais como: propiciar o acesso a bibliotecas, contar e incentivar a leitura de contos desde os clássicos até os modernos, ajudar na interpretação das histórias, presenteá-lo com livros, entre outros. E ainda é importante não apenas o contato com os livros, mas fazer escolhas adequadas quanto ao acervo e repertório, como é o caso dos livros que pertencem à lista do PNBE. A leitura é fundamental para construção de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual, ético e estético do ser humano.

Para constituir esse repertório ao longo da vida, a voz do adulto é muito importante como colaborador e incentivador deste processo, pois o gosto pela leitura vai depender do espaço que esta tem na vida das pessoas, especialmente quando se trata de crianças. O desenvolvimento de um bom trabalho com textos literários é necessário, segundo Debus (2006), pensando, em primeiro lugar, no repertório que possuem; em segundo lugar,

comprometendo-se em ampliar esse repertório; e, em terceiro, aguçando a criatividade para o alargamento desse novo/outro repertório, fazendo com que desde cedo as crianças possam se maravilhar e se alimentar de um bem cultural que não pode ser pedido, emprestado, ou até mesmo comprado.

Cabe lembrar que no Brasil é problemático o contexto das leituras, principalmente as literárias, pois ainda há práticas fragmentadas, falta de infraestrutura nas instituições (escolas ou bibliotecas), deficitária formação de professores, poucos projetos, que incentivem a leitura e que estreitem as relações entre produções literárias e seus “consumidores”. É de suma importância que essa interação aconteça para que se possa usufruir das contribuições existentes na literatura, uma vez que esta convida para o contato com diferentes emoções e visões de mundo.

Em algumas práticas, efetuadas pelo adulto mediador, parece precário o estímulo à interatividade leitor-livro, pois ainda há práticas que desmotivam e provocam aversão nas crianças ao mundo da literatura. É ainda importante salientarmos que a leitura da produção literária não pode acontecer por imposição, objetivando o cumprimento de tarefas, pois, com isso, o ato de ler passa a ser compreendido pelas crianças como uma obrigação, e suas escolhas pessoais neste contexto muitas vezes são desconsideradas. A imposição de determinadas leituras/livros idealizados pelo adulto pode prejudicar a descoberta da leitura por prazer. Com esse tipo de abordagem autoritária, pode se promover o apagamento de um potencial leitor.

Quanto ao que compete às políticas públicas, há o interesse governamental em implantar programas e propostas de incentivo à leitura de nossas crianças, como o PNBE criado em 1997, e também através do Ministério da Educação e Cultura desde 2006 o Kit<sup>21</sup> política de Formação de Leitores, disponibilizando uma série de documentos voltados para a política de formação de leitores, porém estas iniciativas ainda não têm sido suficientes na formação de leitores literários. Acreditamos que não bastam programas voltados às crianças, é preciso atingir largamente a formação dos adultos, que ainda é precária.

A leitura de livros literários necessita estar mais presente, ser incluída como uma atividade de primeiro plano. No entanto, cremos ser esta uma grande batalha, que necessita do

---

<sup>21</sup> O Kit política de Formação de Leitores é distribuído nas escolas de Ensino Fundamental. O Kit é formado por três volumes: I Por uma política de formação de leitores; II Biblioteca na escola; III Dicionário em sala de aula. Documentos disponíveis no Portal do MEC: [http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id\\_comp=213&id\\_reg=6482&voltar=lista&site\\_reg=98&id\\_comp\\_orig=213](http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=213&id_reg=6482&voltar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=213).

esforço de escritores, ilustradores, editores, livreiros, mídia, famílias e entidades das mais diversas áreas, na tentativa de ver a vontade de tantos se concretizarem em ações.

Ao analisar a produção literária do PNBE de 2008, 2010 e 2012 foi possível verificar nos livros temáticas diversificadas que oportunizam perspectivas de reflexão sobre a identidade, envolvendo as percepções de gênero e etnia em diferentes contextos sociais e culturais, as quais contribuem também no processo de formação de uma postura crítica do leitor para um mundo mais plural, como veremos a seguir.

O livro *Maria Mole* (2002), de André Neves, com uma bela linguagem poética e visual, instiga o leitor a participar da trajetória de Maria em sua busca pelo autoconhecimento, superação de medos e conflitos, até assumir uma identidade mais segura. O leitor participa de todo processo através do texto escrito e também das ilustrações, que são envolventes e expressam em seus traços detalhes do que a história narra. A obra serve de experiência ao leitor, uma vez que este pode se ver, se identificar com as situações vividas pela protagonista.

Na história *O rei maluco e a rainha mais ainda* (2006), de Fernanda Lopes de Almeida, a menina Heloísa é apresentada no início estando satisfeita com seu modo de ser, cheio de regras, ou seja, uma identidade fixa, que até então não desejava mudar, até que apareceu a formiga e a convidou para novas aventuras e descobertas. Mesmo diante de situações que pareciam absurdas para Heloísa, elas lhe provocaram mudanças e consequentemente crescimento, aprendizado, que fazem parte da construção de uma visão dinâmica de identidade.

Assim, a literatura infantil torna-se um campo fértil a partir do momento que possibilita a criança leitora construir o que Iser (1983) chama de meios de afirmação da identidade e da cultura, ou seja, a criança pode construir meios de se encontrar na obra de acordo com a sua realidade e também com a dos personagens que vivem situações semelhantes a sua no enredo da história; e de posse desta reflexão constrói meios para a afirmação de si diante do mundo.

Ainda na mesma história, *O rei maluco e a rainha mais ainda*, há um rei e uma rainha que são descritos como um casal diferente dos tradicionais existentes nos contos de fadas. O rei, tanto no físico quanto em seu modo de ser, rompe com estereótipos que fazem parte do discurso dirigido ao gênero masculino. A rainha também surpreende com características nada convencionais para uma personagem feminina tradicional, muito bem revelada não somente nas palavras, mas nos detalhes das ilustrações em suas principais aventuras.

Mostrando o oposto do casal descrito acima, o livro de Leo Cunha, *O reino adormecido* (2012), começa a história descrevendo um rei e uma rainha com características bem associadas a estereótipos, ou seja, uma rainha que, mesmo com vontade de expressar suas vontades, se cala diante da presença de seu marido, um rei que reina soberano. O rei manda e desmanda, fazendo prevalecer sempre suas decisões, mesmo que estas possam prejudicar outros. Somente no final do livro a rainha rompe com o silêncio e posiciona-se diante da situação que a envolve, causando muita estranheza aos demais personagens com sua atitude, que demonstra a inovação na literatura infantil e que desperta o senso crítico dos leitores sobre as figuras femininas nas sociedades patriarcais.

Nessa perspectiva, as histórias infantis possuem significativa relevância na compreensão das diferenças entre a interpretação de papéis femininos e masculinos, na construção de valores humanos relacionados a cada gênero e torna-se influenciadora no processo de socialização das crianças. No entanto, se levarmos em conta os livros pertencentes aos acervos pesquisados (2008, 2010 e 2012) há poucas produções escritas sobre o assunto de como são tratados os papéis de gênero no conteúdo das obras de literatura infantil. Apesar de haver avanços e preocupação de planejadores de políticas públicas, de autores e ilustradores introduzirem questões como as discutidas nos dois livros analisados (também nos mencionados nas notas de rodapé), a produção é pequena se comparada com a lista de trezentos livros no total dos acervos de 2008, 2010 e 2012 do PNBE. É certo, contudo, que, esse número torna-se mais expressivo no “geral” da literatura infantil.

Em *Betina* (2009), título do livro de Nilma Lino Gomes, a figura do negro é vivida por uma menina. A narrativa aborda de modo positivo características até então não ou pouco presentes nos livros infantis. Betina mostra-se feliz com sua cor, com seu cabelo, tem orgulho de seus ancestrais, de divulgar e cultivar a memória dos antepassados, mostrando um pouco de sua cultura. A menina não se deixa abater com opiniões opostas, argumentando quando necessário, em busca de respeito e de uma convivência harmoniosa no meio em que está inserida. É relevante ressaltar ainda que, num mundo de nítida valorização do corpo e das aparências, o destaque “somente” de características negras como o cabelo crespo e a pele escura pode ser uma conquista para a evidência de uma etnia, mas pode ser também uma abordagem reducionista e preconceituosa, se não for tratada como parte de uma diversidade.

*Obax*, escrito por André Neves, também aborda sobre o negro, sobre etnia de modo criativo ao ressaltar elementos da cultura africana, propiciando aos seus leitores uma viagem sem sair de seu lugar. A menina Obax vai vivendo suas aventuras e, enquanto isso, as delicadas ilustrações vão mostrando o colorido das estampas, os objetos, os animais de sua

região, as pinturas no corpo, a natureza com uma paisagem de vegetação escura e rasteira, enfim, trazendo um rico aprendizado e exemplo para as crianças que tem a oportunidade de se apropriarem da leitura desta obra, para, assim como a personagem, deixar com que as histórias façam os olhinhos brilharem e se tornem uma encantadora brincadeira. Afinal, cada história, cada livro é uma fonte inesgotável, que faz o imaginário não se limitar apenas no que está registrado, mas dar espaço para fantasiar, ousar, arriscar, ir sempre além, conhecer outras culturas e costumes.

Os livros analisados do PNBE demonstram boa qualidade tanto na linguagem verbal quanto na visual, instigando a novas leituras. No seu repertório, estão histórias que proporcionam à criança mecanismos de autoconhecimento, vivenciando experiências que nem sempre a realidade pode oferecer, permitindo assim a construção de maneiras diversas de ver o mundo e de participar de suas transformações. Contudo, como afirma Viegas (2013) a leitura de obras literárias deve ser vista como uma prática social dentre outras e não como um ato redentor, com intenção de formar crianças/leitores padronizados e/ou idealizados, mas entender que a mesma (literatura) potencializa diversificadas dimensões, como as já mencionadas ao longo desta pesquisa.

Não foi possível, evidentemente, esgotar tudo o que poderia ser dito e analisado nas histórias dos cinco livros; outros olhares podem ser lançados e mais contribuições serem apontadas em prol de crescimentos e avanços na literatura infantil. No entanto, é importante destacarmos novamente que, dentre a quantidade de livros que fazem parte deste acervo, ainda é insuficiente os que abordam questões como as que foram analisadas e também há pouca informação sobre tais projetos que incentivam a leitura, tomando como exemplo os locais (Colégio Donato e Escola Básica Professora Maria Heloísa Prazeres de Farias, ambas no município de Biguaçu e Colégio Aplicação na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC em Florianópolis) no qual visitei, onde as pessoas disponibilizadas para esse trabalho mal sabiam do que se tratava o PNBE e o que significava ter acesso a essas obras; por isso a maioria delas acaba “simplesmente” ficando nas prateleiras das bibliotecas.

Acredito que os meios de comunicação, e especialmente a TV com sua enorme audiência, poderia fazer muito pela literatura, incluindo o livro e a leitura em sua programação, como vem acontecendo a passos lentos. São raríssimas as cenas nos programas e nas novelas em que o livro aparece; porém já é um começo, um pequeno passo que pode fazer toda diferença.

Afinal, no mundo atual, as crianças são constantemente expostas à velocidade da tecnologia, aos estímulos vindos da instantaneidade das imagens, ao “bombardeio” de

informações, provocando assim discussões sobre o lugar da literatura em tal contexto. Com isso, é possível constatar que mesmo a leitura das obras literárias sendo apontada de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual, precisa de uma prática mais efetiva, propostas mais ousadas e atuantes aliadas a livros destinados para as crianças, livros que sejam agradáveis aos olhos e que possuam um texto que as instiguem, estimulando o poder do imaginário e da fantasia para transformar realidades e o incentivo para que ler seja “simplesmente” um grande prazer.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes. **O rei maluco e a rainha mais ainda**. Il. Luiz Maia. São Paulo: Ática, 2006.
- AMARILHA, Marly. **Infância e Literatura**: traçando a história. Revista Educação em questão. Natal: EDUFRRN, 1999.
- ARÍES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Il. Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BIAZETTO, Cristina. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Leda de. (Org.). **O que é a qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. PNBE 2008. Edital de convocação para inscrição de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola- PNBE 2008. Brasília: MEC, 2007.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004.
- CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil.** São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. **Leitura e Diversidade:** diferentes modos de olhar, maneiras de investigar. In: Conferência 17 COLE, 2003, Campinas. Anais: Campinas: UNICAMPI, 2003.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução.** Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA, Leo. **O reino Adormecido:** *peça em 3 atos*. Il. André Neves. Rio de Janeiro: galerinha Record, 2012.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil.** São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_; DOMINGUES, Chirley. **Literatura Infantil: livro didático.** Palhoça: Unisul Virtual, 2009.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. JULIANO, Dilma (Orgs). **Literatura infantil e juvenil: leituras, análises e reflexões.** Palhoça: Ed. UNISUL, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira e KAERCHER, Gladis. Projeto de Pesquisa: **Qual é a cor da cultura na educação infantil?**. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011. Apoio CNPq.

ESCANFELLA, Célia Maria. **Relações Raciais na Literatura Infantil: uma construção de palavras e imagens.** In: XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007, São Paulo. Anais do XI Encontro Regional da Abralic/Simpósio "A imagem e o Verbo". São Paulo: Abralic, 2007.

ECO, Humberto. **Leitura do texto literário:** lector in fabula. Trad. Mário Brito. Lisboa: Presença, 1979.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Leda de (Org.). **O que é a qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil.** São Paulo: DCL, 2008.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais.** 3ª ed. Ijuí - RS, Ed. UNIJUI. 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_; **Indagações sobre currículo:** diversidade e currículo. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>. Acesso em: 29/10/2013>.

\_\_\_\_\_; **Betina.** Il. Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&<sup>a</sup>, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003.

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: LIMA, Luiz Costa (Org). A Teoria da Literatura em suas fontes. V. II. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

JORNALEXPRESS. **Léo Cunha**. Disponível em:

<http://leocunha.jex.com.br/biografia+de+leo+cunha/biografia+de+leo+cunha>. Acesso em : 29 out. 2013.

LAJOLO, Marisa. **Leitura-literatura : mais do que uma rima, menos do que uma solução**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). Leitura: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Histórias e Histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Marcia. **Feminina de menina, masculino de menino**. Il. Sônia Magalhães. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2011.

LINS, Guto. **Livro Infantil? Projeto gráfico, Metodologia, Subjetividade**. 2. ed. rev. São Paulo: Rosari, 2003.

LLOSA, Mário Vargas. Em defesa do romance. **Revista Piauí**, n. 37, out./2009.

LOBATO, Monteiro. A criança e a humanidade de amanhã. In: **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Proposições, v. 19, n. 2(56). Maio/ago. 2008. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 29/10/2013.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n° 5, p. 15 – 34, 2004.

NEVES, André. **Maria Mole**. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, André. **Obax**. São Paulo: Brinque- Book, 2010.

OLIVEIRA, M. A. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**. São Paulo, 2007. Dissertação (Doutorado em Educação) – curso de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19042007-165512/>. Acesso em: 15 jul. 2013.

PAULINAS EDITORA. **Denise Nascimento**: biografia. Disponível em: [http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores\\_ilustradores&action=detalhes&autor=006343](http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=006343)>. Acesso em: 04 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Luiz Maia**: biografia. Disponível em: [http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores\\_ilustradores&action=detalhes&autor=007056](http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=007056)>. Acesso em: 16 out. 2013.

PESSOA, Fernando. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

PORTAL BRASIL. **Nilma Lino Gomes**. Disponível em: [http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2013/04/professora-nilma-lino-e-a-nova-reitora-da-unilab](http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/04/professora-nilma-lino-e-a-nova-reitora-da-unilab). Acesso em: 04 nov. 2013.

PORTAL DOS VOLUNTÁRIOS. **Conhecendo um pouquinho de André Neves**. Disponível em: <http://voluntarios.institutocea.org.br/posts/4011>>. Acesso em: 16 out. 2013.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROCHA, Ruth. **Quem tem medo do ridículo?**. Il. Mariana Massarani. São Paulo: Gaia, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSCOE, Alessandra. **Conversa informal com Fernanda Lopes de Almeida**. Disponível em: [http://contoscantoseencantos.blogspot.com.br/2008/08/conversa-informal-fernanda-lopes-de\\_10.html](http://contoscantoseencantos.blogspot.com.br/2008/08/conversa-informal-fernanda-lopes-de_10.html)>. Acesso em: 16 out. 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Infância: sol do mundo**. Curitiba, 1997. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24581/T%20-%20SCHMIDT,%20MARIA%20AUXILIADORA%20MOREIRA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 out. 2013.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e Representação. Trad. Mário Soares. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. 1990.

SOUZA, Flávio de. **Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos**. Il. Paulo Ricardo Dantas. São Paulo: FTD, 1990.

SOUZA, Maria Elena Viana. **Construção da identidade dos alunos negros e afrodescendentes: Alguns aspectos.** UNIRIO. GT: Afro-Brasileiros e Educação/ n.21. Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt211276int.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt211276int.rtf). Acesso em: 29 jul. 2013.

VIEGAS, Maria Fernanda da Silva. **O programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em quatro escolas da rede municipal de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2013.

YUNES, Eliana. **Monteiro Lobato.** Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1998.

ZIMMERMANN, Anelise. **As ilustrações de livros infantis: o ilustrado, a criança e a cultura.** Santa Catarina, 2008.

\_\_\_\_\_. A infância no livro ilustrado. In: DEBUS, Eliane; DOMINGUES, Chirley; JULIANO, Dilma (Org.). **Literatura infantil e juvenil: leituras, análises e reflexões.** Palhoça: Ed. Unisul, 2010. p. 159.

## ANEXO A – LISTA DE LIVROS DO PNBE DE 2008, 2010 E 2012

## PNBE 2008

## Acervo 1

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
A história da sopeira e da Concha	Thienemann Verlag Cmbh, Luciano Vieira Machado, Vivian Mara Suppa, Michael Ende	Salamandra Editorial Ltda.
A lenda da Paxiúba	Terezinha Éboli	Ediouro Publicações de Lazer e Cultura Ltda.
A Turma do Xaxado - Volume 2	Antonio Luiz Ramos Cedraz	Clausio Cavalcante Cedraz
Ana vaivém	Mariana Tasca E Valéria Portella. Ilustr.: Maria Tomaselli	Projeto Editora
Aula de carnaval e outros poemas	Ricardo José Duff Azevedo	Editora Ática S/A
Courtney Crumrin & as criaturas da noite	Ted Naifeh	Devir Livraria Ltda.
É isso Ali	José Paulo Paes da Silva, Walter Luiz Vasconcelos da Silva	Richmond Educação Ltda.
Filho da bruxa, o	Marcia Kupstas	JPA Ltda.
Historias do mar	James Riordan/Amanda Hall	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Hoje é amanhã?	Anna Claudia de Moraes Ramos, Aline Senra Vasconcelos de Abreu	Editora Yh Lucerna Ltda.
João e Maria de barro	Márcia Eliza Szeliga, Luiz Antonio Aguiar Produções Literárias	Record Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A
Lampião e Lancelote	Fernando Vilela de Moura Silva	Cosac & Naify Edições Ltda.
Lobos dentro das paredes, os	Neil Gaiman	Editora Rocco Ltda.
Meu tempo e o seu	Joao Basílio Costa E Paula, Maria Teresa Costa E Paula	Editora Lê Ltda.
O cabelo de Lelê	Valeria Barros Belém Dias	Companhia Editora Nacional
O casamento do boitatá com a mula-sem-cabeça	José Santos Matos	Companhia Editora Nacional
O sapato que miava	Sylvia Orthof Gostkorzewicz, Ivan Baptista de Araújo	Editora FTD S/A
O vestido luminoso da princesa	Angelo Jesuíno Bonito, Ivan Angelo	Richmond Educação Ltda.
Os três presentes mágicos	Folhetim 2001 Estúdio Gráfico Ltda. - Salmo Dansa, Rogério Andrade Barbosa	Record Editora Record Ltda.
Vovô foi viajar	Mauricio Veneza da Silva	Editora Compor Ltda.

## Acervo 2

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
A bola e o goleiro	Sávia Diniz Dumont Teixeira, Jorge Amado	Record Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A
A menina arco - íris	Marina Colasanti, Marina Colasanti	Gaudi Editorial Ltda.
A moça tecelã	Marina Colasanti , Martha Diniz Dumont Cecchettini	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Abecedário do Millôr Fernandes	Millôr Fernandes	Pixel Media Comunicação Ltda.
Índio chamado esperança	Luiz Alvarenga Galdino	Editora Nova Alexandria Ltda.
Jardim de menino poeta	Mauricio Veneza da Silva, Maria Valéria Vasconcelos Rezende	Editora Planeta do Brasil Ltda.
Lili inventa o mundo	Mario Quintana, Vivian Mara Suppa Viccari	Global Editora e Distribuidora Ltda.
Melhores amigas	Rosane Svartman	Jorge Zahar Editor Ltda.
O amigo urso	Mery Weiss, Renato Venicius Canini	Saraiva S/A Livreros Editores
O galinheiro do Bartolomeu	Christina Cidade Dias de Castro	Nova América Editora Distribuidora de Livros Ltda.
O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda	Fernanda Lopes de Almeida	Editora Ática S/A
O sino que queria voar	Espheris Ilustr. E Desenho Animado/Márcia Széliga, Veio Libri / Luiz Antonio Aguiar	Record Editora Record Ltda.
Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental	Mamadou Diallo, Yili Maria Roras Diaz-Granados	Comboio de Corda Editora Ltda.
Outra vez	Ângela Maria Cardoso Lago	RHJ Livros Ltda.
Patativa do Assaré: o poeta passarinho	Fabiano Dos Santos	Fundação Demócrito Rocha
Pequeno Vampiro Vai à Escola	Joann Sfar	Jorge Zahar Editor Ltda.
Romeu e Julieta	Octavia Monaco, Nicola Cinquetti	Editora Ática S/A
Tô com fome	Lia Zatz	Editora Biruta Ltda.
Vira, vira, vira lobisomem	Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Vó caiu na piscina	Carlos Drummond de Andrade	Editora Best Seller Ltda.

## Acervo 3

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
25 anos do menino maluquinho	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo Sa
A menina da varanda	Leonardo Cunha, Nelson Alves da Cruz	Record Editora Record Ltda.
À toa, à toa	Marília Cotomacci César Mendes, João Proteti	MR Cornacchia Livraria e Editora Ltda.
As coisas que a gente fala	Ruth Machado Lousada Rocha, Mariana Medeiros Massarani	Salamandra Editorial Ltda.
Brincadeiras	Cátia Kanton	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Cantarim de cantará	Sylvia Orthof	Agir Editora Ltda.
Catando piolhos contando histórias	Daniel Monteiro Costa, Marie-Therese Kowalczyk	Brinque Book Editora de Livros
Contos de animais do mundo todo	Naomi Adler/Amanda Hall	Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Da cabeça aos pés	Marilda Castanha	Ediouro Publicações de Lazer e Cultura Ltda.
Dadá e Dazinha	Graça Lima, Luiz Antonio Aguiar	Editora Best Seller Ltda.
Entre os bambus	Edna Maria de Lopes Bueno, Vivian Mara Suppa Viccari	Gaudi Editorial Ltda.
Felpo filva	Eva Furnari, Eva Furnari	Editora Moderna Ltda.
Lampião e Maria Bonita: o rei e a rainha do cangaço	Liliana Iacocca	Editora Ática S/A
Livro de papel	Ricardo José Duff Azevedo	Editora do Brasil Sa
O menino inesperado	Elisa Lucinda Campos Gomes, Graça Lima	Record Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A
O vôo supersônico da galinha galatéia	Cláudio Roberto Fragata, Martins E Castro Ltda./Cláudio Francisco Martins	Record Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A
Píppi meialonga	Michael Chesworth, Astrid Lindgren	Editora Schwarcz Ltda.
Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda	Marcia Williams	Editora Ática S/A
Ulomma, a casa da beleza e outros contos	Ikechukwu Sunday Nkeechi	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Você viu meu pai por aí?	Maurício Veneza da Silva, Charles Kiefer	Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A

## Acervo 4

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
O amigo fiel	Gonzalo Ivar Cárcamo	Berlendis Editores Ltda.
O príncipe corajoso e outras histórias da etiópia	Sophie Dutertre, Praline Gay-Para	Comboio de Corda Editora Ltda.
Os Gêmeos do Tambor	Rogério Andrade Barbosa	DCL Difusão Cultural do Livro Ltda.
A fada que tinha ideias	Fernanda Lopes de Almeida	Editora Abril Sa
A música viva de Mozart	Claudio Galperin	Editora Ática S/A
O gato que falava siamês	Marco Túlio Costa, Elvira Vigna	Editora Best Seller Ltda.
O melhor amigo	Walter Hiroki Ono	Editora Caros Amigos Ltda.
O melhor amigo do melhor amigo	Walter Hiroki Ono	Editora Caros Amigos Ltda.
Poemares	José de Castro, Flavio José Vargas Pinheiro	Editora Dimensão Ltda.
Conversa pra boy dormir	Leonardo Antunes Cunha, Angelo Hermeto Abi-Saber	Editora Dimensão Ltda.
E o palhaço o que é?	José Augusto Brandão Estellita Lins, José Augusto Brandão Estellita Lins	Editora FTD S/A
Os Lusíadas em quadrinhos	Frederico Carvalhaes Nesti	Editora Fundação Peirópolis Ltda.
O rei preto de ouro preto	Sylvia Orthof Gostkorzewicz, Rogério Nunes Borges	Editora Gaia Ltda.
Salada, saladinha	Marcelo Cipis, Rosane Límole Paim Pamplona, Maria José Martins de Nobrega	Editora Moderna Ltda.
Lá vem história	Daniel Kondo, Heloisa Braz de Oliveira Prieto	Editora Schwarcz Ltda.
Vovó dragão	Thais Quintella de Linhares, Thais Quintella de Linhares	Frente Editora Ltda.
Sapato furado	Mário Quintana, André Neves	Gaudi Editorial Ltda.
A raposa e o canção	Arievaldo Viana Lima	IMEPH Ltda.
Rato que roeu o rei, o	André Ricardo Almeida Aguiar	JPA Ltda.
Maria mole	André Luís Neves da Fonsêca	Pia Sociedade de São Paulo

## Acervo 5

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
Chuva de manga	James Rumford	Brinque Book Editora de Livros
Enigmas do vampiro: histórias da Índia	Catherine Zarcate, Rémi Saillard	Comboio de Corda Editora Ltda.
Hans Staden	Jô Oliveira	Conrad Editora do Brasil Ltda.
A senha do mundo	Carlos Drummond de Andrade	Record Dist. Record de Serv. de Imprensa S/A
O que tem na panela, jamela?	Niki Daly	Edições SM Ltda.
Histórias com poesia, alguns bichos & cia.	Carlos Eduardo Lima Machado (Duda Machado)	Editores 34 Ltda.
Mitos Gregos: o vôo de Ícaro e outras lendas	Marcia Williams	Editores Ática S/A
Alice viaja nas histórias	Gianni Rodari	Editores Biruta Ltda.
Embaixo da cama	Leny de Azevedo Werneck, Philippe Davaine	Editores Dimensão Ltda.
Lápis encantado	Maria da Graça Muniz Lima, Leonardo Antunes Cunha	Editores FTD S/A
Menino que não teve medo do medo	Marcelo Eduardo Lelis de Oliveira, Ignácio de Loyola Brandão	Editores Gaia Ltda.
Barco Branco em Mar Azul	Alexandre Cesário de Abreu, Werner Zotz	Editores Letras Brasileiras Ltda.
João teimoso	Luiz Raul Dodsworth Machado, Graça Lima	Editores Nova Fronteira Sa
No palco todo mundo vira bicho	Luciana Carvalho, José Carlos Barbosa de Aragão (José Carlos Aragão)	Editores Planeta do Brasil Ltda.
Dr. Urubu e outras fábulas	JOSÉ RIBAMAR FERREIRA, Martins E Castro Ltda..	Jose Olympio Editora Ltda.
O livro do trava-língua	Zelio Alves Pinto, Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto	Lacerda Editores Ltda.
Assombrações da Terra	Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes	Larousse do Brasil Participações Ltda.
O jogo de amarelinha	Graziela Bozano Hetzel, Nair Elisabeth da Silva Teixeira	Manati Produções Editoriais Ltda.
Asas brancas	José Carlos Botelho de Queiroz Telles, Rogério Nunes Borges	Richmond Educação Ltda.
A Tampa do Céu	Adriana Franco de Abreu Falcão, Ivan Baptista de Araújo	Salamandra Editorial Ltda.

## PNBE - 2010

## Acervo 1

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
Contos ao redor da fogueira	Rogério Andrade Barbosa	Agir Editora
No risco do caracol	Maria Valéria Vasconcelos Rezende	Autêntica Editora
O caso da lagarta que tomou chá de sumiço	André Luís Neves da Fonseca - Milton Celio de Oliveira Filho	Brinque Book
Ribit	Juan Gedovius	Comboio de Corda Editora
Tempo de voo	Bartolomeu Campos de Queirós - Ildefonso Lucrécio Ruano Martín	Comboio de Corda Editora
Fausto	Goethe - Barbara Kindermann - Klaus Ensikat	Companhia Editora Nacional
Festa no céu. Festa no mar	Lúcia Kikoko Hiratsuka	DCL Difusão Cultural do Livro
A terra dos meninos pelados	Roger Mello - Graciliano Ramos	Record
Dom Quixote de la Mancha	Carlos Reviejo - Javier Zabala	Edições SM
Eles que não se amavam	André Luís Neves da Fonseca - Celso Sisto Silva	Ediouro
As melhores histórias de Andersen	Laura Constancia Athayde Sandroni	Ediouro
Dia brinquedo	Fernando Augusto Magalhães Paixão	Editora Abril
O risco e o fio	Ana Carla Bicalho Cozendey	Editora Ática
Fardo de carinho	Roseana Murray	Editora Lê
Senhor texugo e dona raposa 1. O encontro	Eve Tharlet - Brigitte Luciani - Maria Alice de Sampaio Doria	Editora Melhoramentos
A mulher que falava para-choquês	Marcelo Duarte	Editora Original
Ervilina e o príncês ou deu a louca em Ervilina	Laura Gomes de Castilhos - Sylvia Orthof	Editora Projeto
Só meu	Mario Quintana - Orlando Ribeiro Pedroso Junior	Global Editora
Feita de pano	Adriana Aparecida Mendonca - Valeria Barros Belém Dias	IBEP Gráfica
Bichos	Ronaldo Simões Coelho - Ângela Lago	Instituto Cultural Aletria
Poemas da iara	Andrés Alejandro Sandoval Rodriguez - Eucanaa de Nazareno Ferraz	Língua Geral Livros
Raul da ferrugem azul	Ana Maria Machado - Rosana Faria	Richmond Educação
O coelhinho que não era de páscoa	Nair Elisabeth Da Silva Teixeira - Ruth Rocha	Salamandra Editorial
Anjos e abacates	Eid Ribeiro	Signo Editora
Viriato e o leão	Roger Mello	Vida Melhor Editora

## Acervo 2

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
A tartaruga e a boneca	Márcia das Dores Leite	Autêntica Editora
O fantasma de Canterville	Oscar Wilde - Lisbeth Zwerger - Renata Lucia Bottini	Berlendis Editores
Os pequenos guardiões	David Petersen	Conrad Editora do Brasil
Trava-língua quebra-queixo rema-rema remelexo	Almir Correia	Cortez Editora
Traça-letra e traça-tudo	Luciana Savaget	Dibra Editora e Distribuidora de Livros
Azur & Asmar	Michel Ocelot	Edições SM
Histórias de Ananse	Baba Wague Diakite - Adwoa Badoe	Edições SM
As três maçãs de ouro	Orígenes Lessa	Ediouro
Gato Viriato o pato	Roger Mello	Ediouro
Os pestes	Quentin Blake - Angela Mariani Bittencourt - Roald Dahl	Editora 34
Lé com cré	José Paulo Paes	Editora Abril Sa
Os animais fantásticos	José Jorge Letria - André Letria	Editora Fundação Peirópolis
Rimas da floresta, volume 2 da coleção bicho-poema	José Santos Matos - Laura Beatriz de Oliveira Leite Almeida	Editora Fundação Peirópolis
Mistério do coelho pensante, o	Clarice Lispector	Editora Lendo e Aprendendo
Circo mágico - poemas circenses para gente pequena, média e grande	Alexandre Silva Brito - Eduardo Vieira da Cunha	Editora Projeto
Lua no brejo com novas trovas	Elias José - Graça Lima	Editora Projeto
Contos de morte morrida	Marilda Castanha - Ernani Ferreira da Fonseca Rosa	Editora Schwarcz
Poemas para assombrar	Carla Caruso	Escala Empresa de Comunicação Integrada
A gata borralheira - contos de Grimm	Walcir Rodrigues Carrasco	Manole
50 fábulas da china fabulosa	Marcia Schmaltz - Sergio Capparelli	Newtec Editores
Lulu toupeira - rapidíssimo	Noelly Russo Ferreira - Bruno Heitz	Richmond Educação
Minhas férias, pula uma linha, parágrafo.	Christiane de Araújo Gribel - Orlando Ribeiro Pedroso Junior	Richmond Educação
Sete histórias para contar	Adriana Falcão - Ana Terra Pakulski	Salamandra Editorial
Cafute & pena-de-prata	Rachel de Queiroz	Saraiva
Marley, o cãozinho trapalhão.	John Grog	Vida Melhor Editora

## Acervo 3

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
Folha	Stephen Michael King	Brinque Book
Krokô e galinhola	Marie-Thérèse Kowalczyk	Brinque Book
O guarda-chuva do vovô	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes - Carolina Moreyra Afonso	DCL Difusão Cultural do Livro
Mutts os vira latas	Patrick Mc Donnell	Devir Livraria
A cor de cada um	Carlos Drummond De Andrade	Record
Grande Junim - histórias do maior baixinho da turma do menino maluquinho	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo
O grande livro das adivinhações	Mario Boaventura Souto Maior	Editora Leitura
Bicho que te quero livre	Elias José - Ana Raquel	Editora Moderna
Berimbau e outros poemas	Graça Lima - Manuel Bandeira	Editora Nova Fronteira
Pluft, o fantasminha	Graça Lima - Maria Clara Machado	Editora Nova Fronteira
A caixa de lápis de cor	Mauricio Veneza da Silva	Editora Positivo
A fada que tinha ideias - peça teatral	Fernanda Lopes de Almeida - André Luís Neves da Fonseca	Editora Projeto
Brinciar	Dilan Camargo - João Carlos Camargo Guimarães	Editora Projeto
A arca de Noé	Vinicius de Moraes - Nelson Alves da Cruz	Editora Schwarcz
Sete histórias para sacudir o esqueleto	Ângela Lago	Editora Schwarcz
Nina África - contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades	Arlene de Holanda Nunes Maia - Maria Lenice Gomes da Silva - Clayson Gomes De Almeida	Elementar Publicações e Editora
Chiclete grudado embaixo da mesa	Wagner Willian Menezes de Araújo - Rosana Fernandes Calixto Rios	Frase Efeito Estúdio Editorial
Valentina	Márcio Vassallo de Freitas - Vivian Mara Suppa	Gaudi Editorial
O dia não está para bruxas	Marcus Vinicius Tafuri Cimino	In Pacto Comércio de Revistas
Os saltimbancos	Chico Buarque de Holanda - Luis Enriquez Bacalov - Ziraldo Alves Pinto - Sergio Bardotti	Jose Olympio Editora
Bicho-papão pra gente pequena, bicho- papão pra gente grande	Sônia Maria Milone de Freitas Travassos	JPA
Rua jardim, 75	Ana Terra Pakulski	Larousse do Brasil
Boi da cara preta	Sergio Capparelli - Luiz Carlos Coutinho	Newtec Editores
O fazedor de amanhecer	Manoel de Barros - Ziraldo Alves Pinto	Richmond Educação
De carta em carta	Nelson Alves Da Cruz - Ana Maria Machado	Salamandra Editorial

## Acervo 4

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>
O pequeno príncipe	Antoine Saint-Exupéry	Agir Editora
Se um dia eu for embora	Anna Maria Gobel	Autêntica Editora
Guilherme Augusto Araújo Fernandes	Mem Fox - Julie Vivas	Brinque Book
A princesinha medrosa	Odilon Alfredo Pires de Almeida Moraes	Cosac & Naify
Usagi Yojimbo Daisho	Stan Sakai	Devir Livraria
O reino dos mamulengos	Maria Stela Fortes Barbieri - Fernando Vilela de Moura Silva	Edições Escala Educacional
Quem acorda sonha	Sylvia Orthof	Ediouro
Viagens da Carolina	Ziraldo Alves Pinto	Editora Globo
Reinações de narizinho	Monteiro Lobato	Editora Globo
Cadeira de balanço	Vanessa Campos Rocha - Flávio Castellan	Editora Hedra
Conversa de passarinhos	Maria Valéria Vasconcelos Rezende - Alice Ruiz	Editora Iluminuras
Ou isto ou aquilo	Thais Linhares - Cecília Meirelles	Editora Nova Fronteira
E um rinoceronte dobrado	Hermes Bernardi Júnior - José Augusto Brandão Estelita Lins	Editora Projeto
Casamento da princesa, o	Celso Sisto Silva	Editora Prumo
Quando eu era pequena	Nair Elisabeth da Silva Teixeira - Adélia Luzia Prado de Freitas	Editora Record
Leonardo	Nelson Alves da Cruz	Editora Scipione
O capitão e a sereia	André Luís Neves da Fonseca	Editora Scipione
Pula, gato!	Marilda Castanha	Editora Scipione
Duelo danado de Dandão e Dedé	Arlene de Holanda Nunes Maia - Maria Lenice Gomes da Silva	Elementar Publicações e Editora
As meninas e o poeta	Graça Lima - Manuel Bandeira	Lacerda Editores
Anacleto	Bartolomeu Campos de Queirós	Larousse do Brasil
Nian	Kety Chen	Larousse do Brasil
Betina	Nilma Lino Gomes - Denise Cristina do Nascimento	Mazza Edições
Os japonesinhos	Laura Beatriz de Oliveira Leite Almeida - Lazaro Simões Neto	Print House Comunicação e Imagem
Se as coisas fossem mães	Sylvia Orthof - Ana Raquel	Singular Editora e Gráfica

## PNBE – 2012

## Acervo 1

	Editora	Ensino Fundamental - Anos Iniciais - Acervo 1	Código
1	JORGE ZAHAR EDITOR LTDA	CONTOS DE FADAS	29922L.0000
2	UNO EDUCAÇÃO LTDA	FAZEDOR DE TATUAGEM	30232L.0000
3	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA	30206L.0000
4	EDITORIA SCIPIONE S/A	UM SUJEITO SEM QUALIDADES	31936L.0000
5	EDITORIA ILLUMINURAS LTDA	JARDIM DE HAJJIN	30423L.0000
6	EDITORIA PROJETO LTDA	A LUA DENTRO DO COCO	29200L.0000
7	EDITORIA PROJETO LTDA	JUVENAL E O DRAGÃO	30458L.0000
8	EDITORIA ATICA S/A	SOPRINHO - O SEGREDO DO BOSQUE ENCANTADO	31764L.0000
9	GRÁFICA E EDITORA ANGLO LTDA	O MENINO MAIS FEIO DO MUNDO - ACONTECEU NO SÃO JOÃO	31047L.0000
10	EDITORIA UDP LTDA	A CAMINHO DE CASA	29066L.0000
11	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	COMO UM PEIXE NA ÁGUA	29898L.0000
12	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	OBAX	31253L.0000
13	FAROL LITERARIO LTDA	JOÃO ESPERTO LEVA O PRESENTE CERTO	30432L.0000
14	NOBEL FRANQUIAS SA	CHAPEUZINHO VERMELHO: UMA AVENTURA BORBULHANTE	29824L.0000
15	EDIÇÕES SM LTDA	A PROCURA DE MARU	29277L.0000
16	ELEMENTAR PUBLICAÇÕES E EDITORA LTDA	DE QUEM TEM MEDO O LOBO MAU?	30003L.0000
17	CASA DA PALAVRA PRODUCAO EDITORIAL LTDA	FEMININA DE MENINA, MASCULINO DE MENINO	30242L.0000
18	GRAFICA E EDITORA POSIGRAF SA	CARAMINHOLAS DE BARRIGAPÉ	29789L.0000
19	NOVA AMERICA EDITORA DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA	LOUCA POR BICHOS	30511L.0000
20	MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	SUPERAMIGOS	31772L.0000
21	EDITORIA BIRUTA LTDA	O TAMANHO DO MEU SONHO	31219L.0000
22	RICHMOND EDUCAÇÃO LTDA	QUANDO NASCE UM MONSTRO	31566L.0000
23	EDITORIA PROJETO LTDA	DEZ CASAS E UM POSTE QUE PEDRO FEZ	30031L.0000
24	EDITORIA POSITIVO LTDA	ARAPUCA	29495L.0000
25	RICHMOND EDUCAÇÃO LTDA	ROMEU E JULIETA	31659L.0000

## Acervo 2

	Editora	Ensino Fundamental - Anos Iniciais - Acervo 2	Código
1	EDITORIA INTRINSECA LTDA	COMO TREINAR SEU DRAGÃO	29897L.0000
2	EDITORIA RECORD LTDA	CLASSIFICADOS E NEM TANTO	29852L.0000
3	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	O GUARDA-CHUVA VERDE	30947L.0000
4	MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	ELEFANTES NUNCA ESQUECEM	30124L.0000
5	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	O MENINO QUE ESPIAVA PRA DENTRO	31055L.0000
6	COLEGIO CLARETIANO ASSOC. BENEF. ED	A CASA DAS DEZ FURUNFUNFELHAS	29075L.0000
7	EDITORIA ATICA S/A	DEZENOVE POEMAS DESENGONÇADOS	30037L.0000
8	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA	TREM DE ALAGOAS	31851L.0000
9	EDITORIA 34 LTDA	A PEQUENA MARIONETE	29258L.0000
10	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	ODE A UMA ESTRELA	31256L.0000
11	EMPRESA FOLHA DA MANHA S/A	NUMA NOITE MUITO, MUITO ESCURA	30768L.0000
12	EDITORIA GUTENBERG COMERCIO E REPRESENTACOES LTDA	O MALUCO DO CÉU	31027L.0000
13	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS	ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM	29585L.0000
14	TEXTO EDITORES LTDA	MÃO QUE CONTA HISTÓRIA	30549L.0000
15	AUTÉNTICA EDITORA LTDA	O TAMANHO DA GENTE	31218L.0000
16	EDITORIA UDP LTDA	ALICE NO TELHADO	29432L.0000
17	RHJ LIVROS LTDA	CONDOMÍNIO DOS MONSTROS	29902L.0000
18	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA	FÁBULAS	30212L.0000
19	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	INSÔNIA	30407L.0000
20	EDITORIA WMF MARTINS FONTES LTDA	HISTÓRIAS DE BICHOS BRASILEIROS	30372L.0000
21	EDITORIA DUBOLSINHO LTDA	O LIVRO DAS MÁKINAS MALUKAS	30999L.0000
22	EDITORIA GAIA LTDA	PEDRO	31424L.0000
23	EDIÇÕES SM LTDA	O MENINO QUE COMIA LAGARTOS	31053L.0000
24	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	MAURÍCIO, O LEÃO DE MENINO	30588L.0000
25	DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	O REINO ADORMECIDO	31183L.0000

## Acervo 3

	Editora	Ensino Fundamental - Anos Iniciais - Acervo 3	Código
1	EDITORA DIMENSAO LTDA	O NOME DO FILME É AMAZÔNIA	31099L0000
2	EDITORA GAIA LTDA	QUEM TEM MEDO DO RIDÍCULO?	31611L0000
3	EDITORA LÉ LTDA	GABI, PERDI A HORA!	30290L0000
4	PANINI BRASIL LTDA	TURMA DA MONICA ROMEU E JULIETA	31881L0000
5	EDITORA FTD SA	PRINCIPES E PRINCESAS, SAPOS E LAGARTOS: HISTÓRIAS DE TEMPOS	31546L0000
6	EDITORA GLOBO SA	MEMÓRIAS DA EMÍLIA	30601L0000
7	EDITORA OBJETIVA LTDA	CHAPEUZINHOS COLORIDOS	29825L0000
8	BERLENDIS EDITORES LTDA	O CARROSSEL	30833L0000
9	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	GIROS CONTOS DE ENCANTAR	30319L0000
10	CASA DA PALAVRA PRODUCAO EDITORIAL LTDA	ZOOLOGIA BIZARRA	32079L0000
11	MARCELO DUARTE COMUNICAÇÕES EPP	JOÃO CABEÇA DE FEIJÃO	30426L0000
12	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	MINHA CASA AZUL	30660L0000
13	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	OS BICHOS QUE TIVE (MEMÓRIAS ZOOLOGICAS)	31293L0000
14	EDITORA 34 LTDA	O FLAUTISTA MISTERIOSO E OS RATOS DE HAMELIN	30019L0000
15	ELEMENTAR PUBLICAÇÕES E EDITORA LTDA	LENDAS DA ÁFRICA MODERNA	30484L0000
16	IN PACTO COMERCIO DE REVISTAS LTDA	TOCA DE GENTE, CASA DE BICHO	31829L0000
17	EDITORA RECORD LTDA	O DISCURSO DO URSO	30880L0000
18	MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	O LOBO	31015L0000
19	EDITORA PRUMO LTDA	A COMPOTEIRA	29101L0000
20	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	A ARVORE GENEROSA	29040L0000
21	EDITORA BIRUTA LTDA	LILA E O SEGREDO DA CHUVA	30492L0000
22	GALLIS EDITORA LTDA	JUNTA, SEPARA E GUARDA	30456L0000
23	FRASE EFEITO ESTUDIO EDITORIAL LTDA	O CASACO DE PUPA	30836L0000
24	EDITORA PROJETO LTDA	AURORA	29593L0000
25	EMPRESA FOLHA DA MANHA S/A	AS AVENTURAS DE UM PEQUENO RATINHO NA CIDADE GRANDE	29524L0000

## Acervo 4

	Editora	Ensino Fundamental - Anos Iniciais - Acervo 4	Código
1	GRÁFICA E EDITORA ANGLO LTDA	O ALVO	30778L0000
2	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA	HISTÓRIAS DE QUEM CONTA HISTÓRIAS	30377L0000
3	EDITORA PROJETO LTDA	O PINTOR DE LEMBRANÇAS	31145L0000
4	EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT	PALAVRAS, PALAVRINHAS E PALAVRÕES	31381L0000
5	EDITORA ATICA S/A	O COELHO QUE FUGIU DA HISTÓRIA	30859L0000
6	MARCELO DUARTE COMUNICAÇÕES EPP	OS VIZINHOS	31361L0000
7	EDITORA ATICA S/A	É TUDO INVENÇÃO	30114L0000
8	COSAC & NAIFY EDICOES LTDA	HISTÓRIA DA RESSURREIÇÃO DO PAPAGAIO	30345L0000
9	EDIÇÕES SM LTDA	A PEQUENA SEREIA	29259L0000
10	EDITORA FTD SA	ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS	29429L0000
11	EDITORA MODERNA LTDA	O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA	30910L0000
12	BERLENDIS EDITORES LTDA	E O QUE VEM DEPOIS DE MIL?	30113L0000
13	NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES SA	O CAVALINHO AZUL	30844L0000
14	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES	MITOS	30668L0000
15	BASE SISTEMA EDUCACIONAL - EDITORA LTDA	A MELHOR FAMÍLIA DO MUNDO	29212L0000
16	EDITORA GUTENBERG COMERCIO E REPRESENTACOES LTDA	POESIA NA VARANDA	31497L0000
17	EDITORA PEIRÓPOLIS LTDA	ISSO ISSO	30414L0000
18	EDITORA UDP LTDA	PAPAI URSO	31392L0000
19	MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	CONTROLE REMOTO	29941L0000
20	EDITORA GLOBO LIVROS LTDA	A TURMA DO PERERÉ: 365 DIAS NA MATA DO FUNDÃO	29331L0000
21	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA	WAB I SABÍ	32055L0000
22	JPA LTDA	A VIDA ÍNTIMA DE LAURA E OUTROS CONTOS	29355L0000
23	COMBOIO DE CORDA EDITORA LTDA	ISTO É UM POEMA QUE CURA OS PEIXES	30417L0000
24	ABRIL EDUCAÇÃO SA	O TRAÇO E A TRAÇA	31233L0000
25	INSTITUTO CULTURAL ALETRIA	A GRANDE FÁBRICA DE PALAVRAS	29154L0000